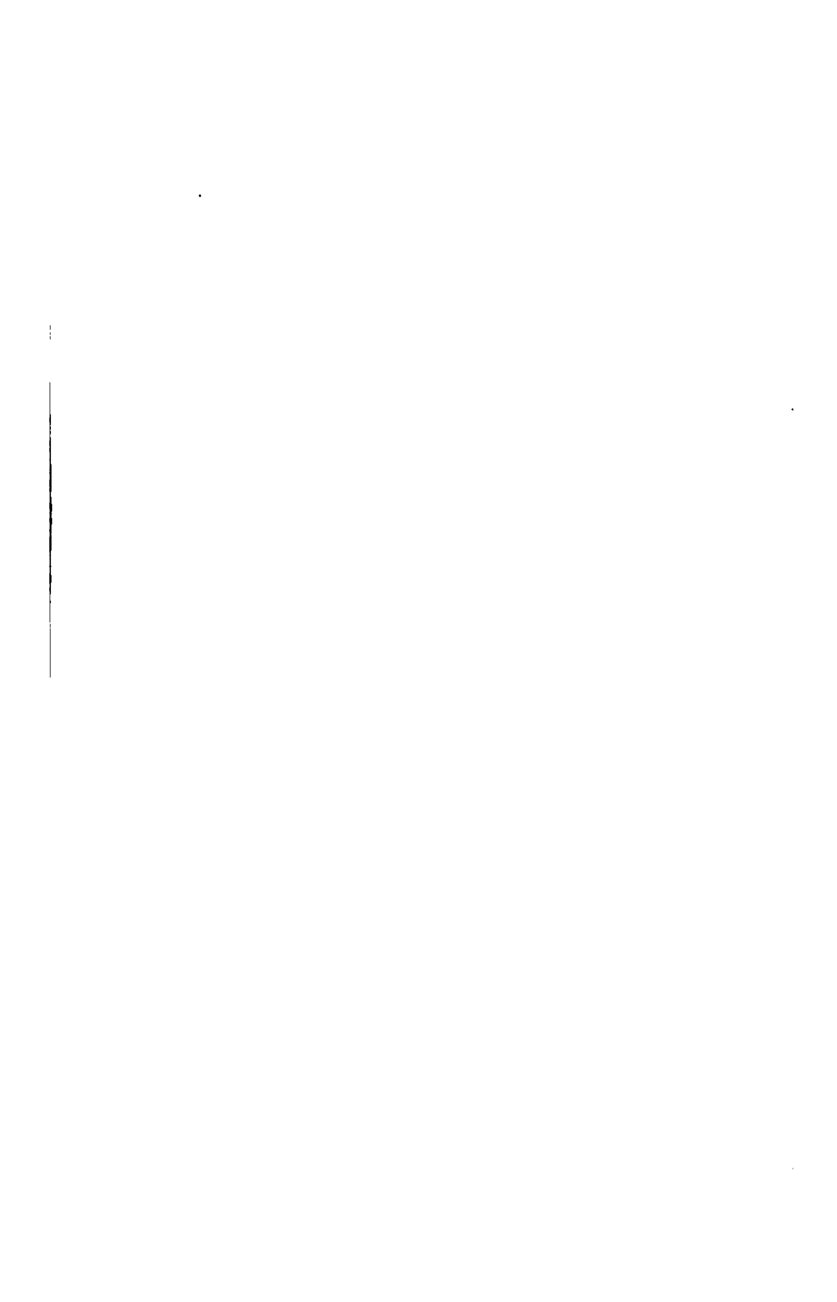
o Gomes de
: versos


QUI·PLANTAVIT·CURABIT



C-10

Kermit Roosevelt
São Paolo 1913

José Simões C.ta Moraes

Campinas

Fr.co Simões C.ta Moraes

CANTOS MATUTINOS

C-10

Kermit Roosevelt
São Paolo 1913

José Simões C.ta Moraes

Campinas
Fr.co Simões C.ta Moraes

CANTOS MATUTINOS

VERSOS

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL
DAS SCIENCIAS

CANTOS MATUTINOS

TERCEIRA EDIÇÃO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON | EUGENIO CHARDRON

PORTO | BRAGA

1874

PORTO — TYP. DE BARTHOLOMEU H. DE MORAES
50—Rua da Picaria—54

PREFACIO

DA

TERCEIRA EDIÇÃO

Ainda na ſegunda edição, de que ſe extrahiram, como da primeira, dois mil exemplares, o favor publico não deſamparou os *Cantos Matutinos*. Profundamente reconhecido por tanta benevolencia, o auctor exforçou-ſe para que eſta terceira ſaíſſe em tudo mais correcta do que as anteriores, expurgando-a não ſó de alguns erros de linguagem, que n'aquellas tinham eſcapado, como tambem emendando os verſos que lhe pareceram mais defeituoſos e reſtituindo muitos d'elles á lição primitiva, por ſer eſſa a mais natural e adequada ao titulo do livro.

Oxalá que a obra ficaſſe aſſim mais digna do acolhimento com que em Portugal e no Brazil tem ſido honrada; ou, pelo menos, que os leitores ſe convençam de que o auctor, diligenciando

melhoral-a, não teve em vista senão testemunhar-lhes a sua gratidão.

Dos muitos artigos de critica affectuosa, que saudaram o apparecimento da segunda edição, inserem-se n'esta terceira apenas dois, como homenagem de respeito á imprensa periodica. O primeiro é extrahido do *Diario do Rio,* e julga-se ser da penna do seu redactor o snr. Machado de Assis, poeta e prosador dos mais illustres da nova geração d'além do Atlantico. O segundo, publicado no *Jornal do Commercio,* de Lisboa, atribue-se a um dos mais antigos e eruditos redactores d'aquella folha, o snr. Ribeiro Guimarães.

SEMANA LITTERARIA

Mencionamos hoje a segunda e recente edição de um livro de versos. O poeta nasceu portuguez, lá n'uma aldeia do Minho; a musa não, a musa veio elle encontral-a no seio das florestas americanas, á margem do Amazonas, coroada de flôres sylvestres, e tambem de algumas saudades roxas, que são as flôres de todos os paizes e de todas as almas. Suspirou com ella as penas do exilio, as aspirações da gloria, os enthusiasmos da

juventude. É um livro metade americano, metade europeu; mufa que defpiu os ornatos de folhas verdes, para veftir o linho fagrado, fem perder n'efta civilifação a formofura agrefte e a ingenuidade nativa. São noffos em parte eftes *Cantos Matutinos;* faudemol-os como taes.

O fnr. Gomes de Amorim reũniu n'efte livro de quafi 400 paginas todos os feus verfos, defde os primeiros que fufpirou na foz do Rio Negro até os ultimos que compôz no feu retiro de Portugal. A primeira edição trouxe um prefacio, que vem reproduzido n'efta fegunda, como parte indifpenfavel da obra. O poeta conta ahi que azares da forte o trouxeram para efta parte do mundo, e por que feliz encontro veio a fer poeta. Nada mais fincero do que effe prefacio, que expõe fingelamente os factos, fem pretenção alguma, como fe foffe uma converfa intima, com amigos. Livro fincero; recommendação de mais. Não refumiremos aqui a vida do auctor dos *Cantos Matutinos;* feria repetir aos leitores brazileiros aquillo que elles terão vifto na primeira edição da obra. Chamaremos, porém, a attenção dos leitores para as aventuras que precederam á revelação poetica do fnr. Gomes de Amorim, e effa como que influencia providencial que trouxe uma creatura atravez do Oceano, para baptifal-a com o fogo fagrado no feio inviolado das floreftas. Deixando

as terras em que nafcera, àpenas na edade de dez annos, fizeram-lhe timbre de voltar opulento e eftabelecido. O fnr. Gomes de Amorim tranftornou effas efperanças; voltou poeta. Era effa a vontade imperiofa do deftino. Que outro nome lhe daremos, fenão efte, á circumftancia extraordinaria occorrida ao auctor dos *Cantos*, no meio de uma povoação das margens do Amazonas? O poeta foi achar em cafa de uma familia indigena, e dentro de um cefto forrado com folhas de bananeira uns quatro ou cinco livros velhos. Entre effes viu o poema *Camões*, de Almeida Garrett. Foi uma revelação effe livro. Deixemos o proprio poeta narrar as impreffões que recebeu, vendo pela primeira vez uma das obras mais formofas da noffa lingua:

«Aquelle poema transformou-me repentinamente, e fem eu faber como: principiei a ver debaixo de outro afpecto os rios, os lagos, as floreftas e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume e fe veftiam de mais vivas côres; que o céo e os aftros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a naturefa tomava fórmas novas e fublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmurio das aguas, e o gemer da aragem entre as affucenas bravas e as mimofas pudicas. As harmonias do verfo vibravam na minha alma; ouvia dentro em mim

outra voz, que balbuciava, traduzindo as minhas ſenſações por meio de palavras cortadas, vagas, incoherentes e inintelligiveis para o mundo, e que eu não ſei como nem onde as aprendia. Cuidei-as inſpiradas por Deus, e ſei que me foram reveladas por eſſa elegia ſublime do grande poeta que já não vive.»

Tal é a ſingela narração do poeta. Quem, ſenão o deſtino, poria aquelle livro immortal dentro d'aquella caſa do deſerto? Deſculpem ſe arriſcamos eſtas interrogações, que nos põem mal com os philoſophos. A verdade é que o joven europeu, errante no ſeio da matta americana, aſpirando os hauſtos puros do deſerto, atirando ao arco, perſeguindo a onça, fazendo-ſe homem primitivo, ouve repentinamente um ecco eloquente e ſaudoſo da patria, e eſſe ecco tomava a fórma de um livro, eſcripto em uma lingua que devia ſer deſde então a lingua d'elle. Devia produzir-lhe profunda impreſſão aquelle fragmento da ſaudade, *goſto amargo de infelizes,* a elle, que por tão grande eſpaço de aguas eſtava ſeparado dos ſeus. Fez-ſe poeta; foi eſſa a revelação. Converſão poetica, ſimilhante á converſão religioſa do apoſtolo, na intervenção do ineſperado e do maravilhoſo. Tudo concorria para tornar completa a revolução que ſe operou no eſpirito do auctor dos *Cantos.* Aprendia a poeſia no proprio tem-

plo de Cybele: balbuciava-lhe a musa no sanctuario da natureza. Esta é a originalidade da sua vida e a originalidade dos seus versos.

Mas quereis ver o que é a symetria providencial? O mesmo poeta que o convertera, em tão estranhas circumstancias, foi o mesmo que annos depois exhalou em seus braços o ultimo suspiro. Entre um e outro havia um vinculo ideal, uma especie de paternidade litteraria, que foi a melhor influencia exercida no espirito de Gomes de Amorim. A aventura da villa de Alemquer determinou para sempre essa amisade intima e profunda, que ligou o auctor dos *Cantos Matutinos* áquelle que foi visconde na sociedade e principe nas letras. Consorcio tocante, que faz das duas existencias uma só biographia, e dá ao talento de ambos, com as differenças de proporção, um certo cunho de familia, honroso para o auctor dos *Cantos*.

A musa do snr. Gomes de Amorim é de uma natural singeleza, que faz lembrar, mesmo quando revolve as paginas da historia ou pisa os tapetes da sala, a patria agreste e rude em que modulou os seus primeiros cantos. Esta singeleza é a sinceridade do livro. Não folhearemos pagina por pagina a nova edição, cumprindo apenas notar que o auctor corrigiu, refundiu, ou supprimiu algumas das peças que faziam parte da primeira.

Incommodos de ſaude, declara o auctor, não lhe deixaram fazer completo eſſe trabalho.

Dizer que o talento do ſnr. Gomes de Amorim é de bom quilate, e que o ſeu nome occupa um logar diſtincto nas letras portuguezas, é repetir uma convicção unanime. Baſta ler os *Cantos Matutinos,* para receber a confirmação d'eſte juizo; e, ſe alguma vez um deſcuido de fórma apparece, compenſa-ſe o deſcuido por muita couſa bonita e ſingela, pura e original, em que abundam as paginas do livro. O poeta canta os eſpectaculos da natureza com um ſentimento de admiração e de ſaudade, que é ao meſmo tempo o cunho e o deſtino da ſua individualidade. Como elle proprio diz, na poeſia em que ſe deſpede da America, a terra do exilio foi-lhe uma nova patria. De qualquer dos lados do Atlantico, em que elle eſtiveſſe, ficava-lhe ſempre auſente uma parte da alma. *A onda menſageira,* que é uma das mais bellas paginas do livro, dá-nos meſmo a entender que a ſaudade do exilio deve ter-ſe eſtendido um pouco além das payſagens e dos boſques. O *Adeus ao Pará,* não n'o occultaremos, cauſa-nos uma dôce impreſſão; e iſſo não ſó porque a poeſia é das mais formoſas do livro, ſenão tambem porque a lemos com alma de brazileiro. Que maior orgulho ha ahi, do que ver que o eſtrangeiro, apartando-ſe das noſſas plagas, deixa n'el-

las uma parte do coração? Eſte, além d'iſſo, fez-ſe poeta debaixo do noſſo céo, ao ruido dos noſſos rios, no meio da vida ruſtica do noſſo interior. Não ſabemos, ſe aos compatriotas do poeta as paginas d'eſte genero produzem a meſma impreſſão que em nós. Ha nas noſſas terras aquella virtude antiga que ſuppunha ſerem os hoſpedes enviados por Jupiter. O auctor dos *Cantos Matutinos* encontrou alguns inconvenientes nos ſeus primeiros dias de reſidencia no Brazil, mas taes e tão poucos, que não podem ter deſtruido a ideia da noſſa hoſpitalidade tradicional.

Poderiamos eſcolher, entre tantas, as poeſias que mais nos impreſſionam e ſenſibiliſam; muitas ha que merecem uma demorada apreciação. Já citámos o *Adeus ao Pará* e a *Onda menſageira*. Citaremos ainda o *Amazonas*, o *Deſerto*, occultando muitas outras, que nos levariam a occupar maior eſpaço do que aquelle de que podemos hoje diſpôr. O *Amazonas* é das mais completas do volume. O poeta comtempla e enuméra todas as bellezas do grande rio, o leito e as margens, as aguas e as floreſtas. Prediz o futuro, ſuppõe ver em annos proximos o imperio da civiliſação entrar pela ſelva dentro e fazer do ſantuario do deſerto cidades populoſas; deſcreve em algumas eſtrophes cheias, eſſa victoria da civiliſação. Mas o poeta vem logo depois do pro-

pheta. Como o nosso Bernardo Guimarães, na poesia *O Ermo,* o auctor dos *Cantos Matutinos,* conjura esse triumpho certo do genio dos povos, em favor do genio da solidão. Um dos mais bellos pedaços d'esta poesia são as estrophes que o auctor simula serem proferidas pelo grande rio. Para dar uma ideia do dizer singelo, melodia natural dos versos do snr. Gomes de Amorim, transcrevemos aqui os seguintes:

Minhas languidas selvagens,
Astros do céo do Equador,
A quem as brandas aragens
Levam dos bosques a flôr,
Não teem na face mimosa
A côr vermelha da rosa
Nem a alvura do jasmim,
Mas teem a cutis morena
Macia como assucena,
Mais lisa do que o setim.

Ha nos *Cantos Matutinos* algumas poesias maritimas, e são das mais apreciaveis, pelo movimento, colorido e originalidade. Em algumas d'ellas precisaria que o poeta désse menos attenção ao elemento technico, e maior desenvolvimento ao espectaculo do mar; mas este reparo em nada attenua o valor d'essas composições, aliás correctas. Poesias descriptivas, poesias de amor, poesias de saudade, e mesmo algumas politicas,

enchem o volume dos *Cantos* e convidam á leitura dos conhecedores da arte.

O livro vem acompanhado de uma carta do ſnr. Antonio Feliciano de Caſtilho, o eminente poeta, que tem dotado a noſſa lingua com tão peregrinas paginas. O collaborador de Ovidio nos *Amores* e nas *Metamorphoſes,* fez ao auctor dos *Cantos Matutinos* uma obſervação exacta: é que eſte livro, em qualquer parte que ſe abra, attrahe deſde logo a attenção do leitor; rara virtude eſſa, e que não aſſenta nem na pompa da linguagem, nem no arrojo da inſpiração, mas unicamente no dizer ſingelo com que o auctor expreſſa ſentimentos ſinceros e puros. Eſte caracter eſpecial dos *Cantos* parece derivar d'eſſa convivencia, ao principio intellectual, e depois tambem peſſoal, com o auctor das *Folhas Cahidas*. A influencia exercida por Garrett no eſpirito do ſnr. Gomes de Amorim devia produzir eſte benefico reſultado.

Eſtas linhas devem ſer conſideradas mais como noticia que como apreciação. A regra que nos impozemos n'eſtas reviſtas foi tratar ſómente das obras brazileiras; os *Cantos Matutinos* entram n'eſſa cathegoria de obras, por ſua origem e por ſeu caracter. O poeta começou a vida no meio dos noſſos coſtumes, fez-ſe poeta no meio das noſſas mattas; meſmo independente d'eſſe

efpirito de univerfalidade que faz dos poetas cidadãos de todas as linguas e de todos os paizes, ha n'efte condições efpeciaes que o recommendam efpecialmente á critica brazileira. O proprio auctor diz algures que tem duas patrias; e n'effa phrafe refume a hiftoria de fua vida. De noffa parte convimos n'ifto: é que fe elle teve duas patrias para cantar, tem duas para felicital-o.

(*Diario do Rio de Janeiro,* n.º 127.)

CANTOS MATUTINOS

Recebemos ha dias a fegunda edição dos *Cantos Matutinos,* do fnr. Francifco Gomes de Amorim.

Efta nova edição eftá correcta e augmentada, e o auctor omittiu agora differentes poefias, e accrefcentou outras fob o mefmo titulo, para melhor diftribuição chronologica e de affumptos.

Acompanham efta edição uma carta do fnr. A. F. de Caftilho e outra do diftincto litterato italiano o fnr. Vegezzi Rufcala, dirigidas ambas ao fnr. Amorim.

O fnr. Amorim nafceu poeta, quando fentia as faudades da patria nas floreftas do Brazil:

embalaram-lhe os primeiros cantos as auras puras dos bosques da America, e as vagas do Oceano; soltou as primeiras estrophes dos seus hymnos, quando a desventura punha á prova a robustez do seu espirito, no verdor dos annos; sentiu-se poeta, lendo e decorando Camões e o seu cantor, Almeida Garrett.

O snr. Castilho compendiou em breves e substanciosas palavras o que é e o que vale o livro do nosso amigo.

Diz o snr. Castilho:

«...... não posso todavia privar-me de lhe dizer que os seus *Cantos Matutinos,* se me concedem algum voto em coisas d'estas, poderiam merecer o titulo de *Cantos para todas as horas do dia e de todos os dias,* e em todas as edades da vida, porque todas as especies de amores se encontram n'elles: os do menino, os do mancebo namorado, os do patriota, os do liberal, os do religioso. Depois, por cima de todos estes amores, com que é impossivel se não sympathise, e cujo complexo sobraria para desarmar a inveja, se ella soubesse depôr as armas antes de haver morto e enterrado, — por cima de todos estes amores, e de envolta com todos elles, anda uma não sei que fragrancia da terra natal, um soído, tão sincero e tão bom, do legitimo fallar da nossa gente, e uns taes reflexos e cambiantes de passa-

das glorias, que não quero que haja leitor portuguez, douto ou inculto, classico, romantico, eclectico ou sceptico, (a não ser algum satyrico d'estes escalados e sem entranhas) que, acertando de abrir este livro em qualquer pagina, deixe de proseguir até ao fim, e, concluida a leitura, de o recomeçar.»

Eis o que são os *Cantos Matutinos,* cantos que saíram da alma no fervor das crenças, que inspiram a juventude, e por isso o snr. Castilho diz que são os cantos de todos os amores, porque brotaram na edade em que o mancebo e o homem ama, em que amar é o seu destino.

O snr. Amorim, o triste desterrado da patria, a buscar fortuna longe de tudo quanto tinha no coração, trouxe do exilio os seus primeiros canticos. Não recolheu ao ninho paterno milionario, tròuxe apenas uma riqueza, que só Deus póde dar, uma alma afinada para cantar o que é nobre, generoso e grande na terra.

Viveu vida bem attribulada nos seus primeiros annos o nosso amigo; conta elle as suas desventuras no prologo — narração bem singela, mas sentida, e ás vezes espirituosa, dos lances e peripecias que acompanharam a sua ída para o Brazil, e a sua estada n'aquelle imperio.

O snr. Amorim é um poeta sincero — canta inspirado pelo coração, por um coração bom e

honesto, e não lhe faltou o baptismo do infortunio para lhe retemperar as cordas da lyra.

Quem estima os bons versos, quem se deleita com estrophes ora brandas e meigas, ora sonorse e altisonantes; quem lhe apraz a pintura do mar e da sua vida aventurosa; quem finalmente julga a poesia a linguagem dos deuses, nos *Cantos Matutinos* encontra o que estima, o que lhe apraz, o que aprecia.

(*Jornal do Commercio* de Lisboa, n.º 3772.)

PREFACIO

DA

SEGUNDA EDIÇÃO

Em pouco mais de um anno fe confumiram os dois mil exemplares da primeira edição d'efte livro, publicado em 1858. Seria ridicula prefumpção attribuir ao merito dos verfos effe defmedido favor; mas não é menos lifongeiro para mim tomal-o como teftemunho voluntario da benevolencia e fympathia com que tão immerecidamente me tem fempre diftinguido os meus contemporaneos.

A minha arruinadiffima faude impede-me, ha feis annos, de tratar da reimpreffão d'efte volume das minhas primeiras compofições poeticas, e d'outros, que deviam feguir-fe-lhe, dos quaes fe publíca tambem agora o fegundo, com o titulo de—EPHEMEROS—. Era neceffario eftremar da collecção dos CANTOS MATUTINOS peças, que ali

*

publiquei indevidamente, e juntar-lhe outras, que a ella pertencem por indole e por datas; convinha corrigir e emendar algumas d'eſſas compoſições, para as tornar, quanto poſſivel foſſe, dignas do favor com que foram recebidas; havia novas notas que inſerir, e alguns reparos que fazer ſobre as benevolas e cortezes obſervações da critica litteraria, com que me honraram diſtinctiſſimos eſcriptores; mas a tudo iſſo ſe tem oppoſto até hoje a minha graviſſima enfermidade, e agora meſmo pouco poderia fazer ſem o auxilio de um amigo dedicado.

Tiraram-ſe, pois, d'eſte primeiro tomo dos meus verſos muitas peças, que vão no ſegundo, e ſubſtituiram-ſe por outras, inteiramente novas ou refundidas; acreſcentaram-ſe algumas notas, que não ſerão de todo inuteis para illuſtração do texto; e inſeriram-ſe duas cartas, eſcolhidas d'entre varias, que recebi ſobre o meſmo objecto, por não ſerem eſtas de louvor excluſivo.

A primeira é do ſnr. Antonio Feliciano de Caſtilho. Não a ſolicitei directa ou indirectamente, o que lhe dá para mim maior valor; foi-me dirigida, em reſpoſta a outra em que eu pedia uns verſos para o *album* d'uma menina brazileira. Pela data ſe vê que a recebi ha mais de ſete annos; não a publiquei nunca, nem talvez o fizeſſe agora, a não ſer a injuſtiſſima deſconſideração

de que ha pouco tempo foi victima o homem illuſtre que a eſcreveu. Não ſou, nem fui nunca, dos ſeus intimos; nunca frequentei a ſua caſa, e nunca tive — com magoa o digo — nunca tive occaſião de lhe preſtar o minimo ſerviço. Pareceu-me por iſſo, que, na preſente conjúnctura, a publicação d'eſta carta, ſe não foſſe uma fortuna para o meu livro, ſeria uma homenagem ao que eu conſidéro como o maior dos noſſos poetas vivos.

Calei pois a minha modeſtia, afim de provar que reſpeito a auctoridade do meſtre, e de teſtemunhar publicamente a minha veneração por um homem, que tem, pelo menos, tres titulos ſagrados para merecel-a: a ſua idade, o infortunio de viver privado da luz, e o ſeu glorioſo talento.

A outra carta é d'um eſtrangeiro diſtincto, a quem a litteratura portugueza deve não poucos ſerviços. Tive o prazer de encetar correſpondencia com elle por intervenção do meu amigo o ſnr. A. A. Teixeira de Vaſconcellos, que teve a bondade de lhe enviar de Paris para Turim a primeira edição d'eſte livro, dando aſſim origem ás minhas relações com o ſnr. Vegezzi Ruſcalla.

Nas novas notas me refiro ainda a outras cartas, e publíco tambem, com os bellos verſos que me dirigiu o meu excellente amigo João de

Lemos, as delicadas e affectuosas palavras com que elle fechou a *Advertencia* do segundo volume do seu *Cancioneiro.*

Se não entro em explicações justificativas dos motivos porque fiz ou porque não fiz taes e taes composições, é porque nem m'o permitte a pouca saude, nem desejo enfastiar o leitor com um d'esses prologos abstrusos e nebulosos, que fazem andar a cabeça á roda a quem os lê... e a quem os escreve.

Alto do Salitre,
12 de janeiro de 1866.

CARTA

DO

SNR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

MEU CARO POETA:

Esta sua presada cartinha veiu augmentar a confusão em que eu já estava por lhe não haver ainda agradecido o presente do seu livro; e não

digo ſó o preſente: o contentamento muito real que me deu a ſua leitura, porque, apeſar de tudo, ſou ainda d'aquelles, ſe porventura os ha, que ſe alegram com a gloria alheia bem merecida, e com a da patria em todo o caſo.

Já que chegou a hora de lhe eu poder dizer iſto, ainda que ao preſente o afôgo de trabalhos muito grandes, muito ſérios, e de immenſa reſponſabilidade, me prohibe a delicia de andar apontando as formoſuras e excellencias d'eſta collecção, o que ſeria copial-a quaſi toda, não poſſo todavia privar-me de lhe dizer que os ſeus *Cantos Matutinos,* ſe me concedem algum voto em coiſas d'eſtas, poderiam merecer o titulo de *Cantos para todas as horas do dia e de todos os dias,* e em todas as idades da vida, porque todas as eſpecies de amores ſe encontram n'elles: os do menino, os do mancebo namorado, os do patriota, os do liberal, os do religioſo. Depois, por cima de todos eſtes amores, com que é impoſſivel ſe não ſympathiſe, e cujo complexo ſobraria para deſarmar a inveja, ſe ella ſoubeſſe depôr as armas antes de haver morto e enterrado, — por cima de todos eſtes amores, e de envolta com todos elles, anda uma não ſei que fragrancia da terra natal, um ſoído, tão ſincero e tão bom, do legitimo fallar da noſſa gente, e uns taes reflexos

e cambiantes de paſſadas glorias, que não quero que haja leitor portuguez, douto ou inculto, claſſico, romantico, eclectico ou ſceptico, (a não ſer algum ſatyrico d'eſtes eſcalados e ſem entranhas) que, acertando de abrir eſte livro em qualquer pagina, deixe de proſeguir até ao fim, e, concluida a leitura, de o recomeçar.

A poeſia maritima é que ſobretudo me pareceu aqui maravilhoſa: é um bello genero que o meu caro poeta nos criou, e que lhe ſaíu logo da cabeça adulto e armado como a Pallas.

Quaſi que eſtou tentado a querer bem aos trabalhos da ſua vida, por ver as opulencias com que o prendou o Oceano, eſſe glorioſo parente noſſo por tantos titulos.

Mas, aſſim como o felicito pelas suas ſcenas nauticas, ſcenas que orçam tantas vezes pelo ſublime, e o attingem, quizera eu que houveſſe não menos aproveitado as inſpirações magnificas, unicas, *ſui generis*, que ſem duvida recebeu do clima, do ſol, das eſtrellas, das floreſtas, da immenſidade, e da divina poeſia do nóvo mundo. Era eſſe, para o ſeu talento, ſegundo theatro; e, ſe não mais grandioſo, de certo não menos bello e fecundo do que o mar; que o diga Chateaubriand; que o diga Cooper; que o diga Ferdinand Dénis.

Os *Cantos Matutinos* hão de ter ſegunda e muitas edições, e hão de ſer ſeguidos de novas collecções poeticas da meſma penna. Recommendo-lhe pois que aproveite para ſi e para nós, emquanto o correr do tempo, as mutações dos annos, e o esfriamento da idade, lh'as não apagam da memoria e do coração, aquellas ſcenas da natureza intertropical, verdadeiro paraizo terreal das fantaſias.

Saíu do Oceano coroado de perolas: torne-ſe (em eſpirito ſó) torne-ſe á America, e volte-nos carregado das palmas que deſdenhou colher.

Quizera eſcrever muito mais, e muito melhor ſobre iſto; mas eſtão-me chamando para outra parte as obrigações. As muſas ſão lindas, mas as crianças das eſcolas, e o futuro liberal da patria illuſtrada, valem ainda muito mais. O deixar de dizer tudo quanto ſinto de bem a reſpeito do ſeu livro não é um dos menores ſacrificios que eu faço a eſta ſanta cauſa.

Outro é não poder eu cumprir melhor os deſejos, e preſumo que o empenho, do meu poeta, enviando-lhe para o *album* da ſua brazileira alguma coiſa nova. Com palavra de honra lhe affirmo que não tenho tempo. Ahi mando pois copiar uma odeſinha de Anacreonte. Aſſim, man-

damos a eſſa menina um velho, que em amores vale mais que mil rapazes.

Lisboa, 10 de novembro
de 1858.

De V.

A. F. de Caſtilho.

DO SNR. VEGEZZI RUSCALLA

MONSIEUR :

Je vous dois bien de remerciments du précieux cadeau que vous m'avez adreſſé du volume de vos belles et touchantes poéſies. L'idiome de Camoens ſe prête merveilleuſement à mettre aux idées la robe poétique.

Si j'avais à vous exprimer un déſir, ce ſerait celui de voir plus nombreuſes les poéſies ayant un but patriotique. Aujourd'hui le monde eſt agité par les ſentiments de nationalité. Chantez donc la liberté, la patrie, et la fédération des

peuples latins. Songez que l'union, c'eſt-à-dire l'alliance de la France, l'Italie, l'Eſpagne, le Portugal et la Roumanie, donnerait à notre race la ſuprématie mondiale: nous ſerions ſupérieurs en nombre à la race ſlave et à la teutonique. L'alliance n'implique pas la perte de l'indépendance nationale.

Mais pour que les faits politiques ſoient poſſibles il faut que l'opinion publique leur fraye le chemin. Voilà la miſſion du poète, de l'hiſtorien, du romancier, et vous avez les talents neceſſaires pour la remplir dignement et avec ſuccès.

Je clos ma lettre en vous répétant mes plus vifs remerciments, heureux de voir que mon affection pour le Portugal m'ait procuré le bonheur d'entrer en correſpondance avec vous.

Je ſuis avec affectueuſe conſidération

Turin, 4 mars 1861.

Votre dévoué ſerviteur,

Vegezzi Ruſcalla.

PREFACIO

DA

PRIMEIRA EDIÇÃO

Tinha eu pouco mais de nove annos quando algumas leis repreſſivas do trafico dos pretos encaminharam a eſpeculação dos negreiros para o commercio dos eſcravos brancos. A Inglaterra uſava da ſua influencia ſobre Portugal, e os traficantes não ſe tinham ainda lembrado de inſpirar ás auctoridades da Africa portugueza o patriotico penſamento de ſe aſſociarem com elles, para ſe vingarem da preſſão exercida pelos inglezes ſobre o ſeu *innocente* negocio.

Os negreiros correram pois para o continente do reino e ilhas dos Açores; e, dentro em pouco, os mercados do Brazil abundaram novamente com carne humana, com grande vantagem para os conſumidores, que podiam comprar eſcravos brancos mais baratos do que os pretos.

Os alliciadores inundavam, como agora, as provincias do norte do reino, agarrando gente por todos os meios possiveis, e não sei mesmo se por alguns impossiveis, porque eram elles homens para grandes difficuldades. Investiam com as proprias auctoridades! e, se não posso avançar que seduzissem alguma, indo-a vender aos mercados brazileiros (1), como fizeram a um pobre rei africano, que foi meu remador, affirmo que os filhos dos regedores de aldeia, e ainda os dos administradores dos concelhos, eram os que de preferencia cubiçava a caprichosa exploração dos agentes. A razão d'esta distincção era, talvez, com o intuito de escarnecer d'um poder, que não queria ou não podia coarctar tão criminoso trafico.

O certo é que ninguem escapava á sua influencia, e que por fim tambem eu fui victima d'elles, ainda que indirectamente, e por minha vontade.

A minha terra é uma linda aldeia, que se chama Avelomar, situada n'uma praia do Minho. Pela sua posição e abundancia de população, não podia ella deixar de ser um dos theatros de operações dos *engajadores*. E, por se ligarem a esta circumstancia todos os acontecimentos da minha vida, permitta o leitor que eu ponha já em scena a minha humilde pessoa.

(1) Veja nota no fim.

Nafci fem nenhum acontecimento notavel que poffa dar relevo a uma biographia; e declaro que me criei como toda a gente vulgar, fem ter tido nos meus primeiros annos a fortuna de adquirir direitos para ver o meu nome figurar algum dia no livro das *infancias celebres*. Eu não tinha agudezas, não era engraçado, e não aprendia coifa alguma. Os meus talentos limitavam-fe a efcolher cada dia um meio differente que me livraffe de ír á efcóla, porque n'ella me efperavam fempre certas familiaridades d'um inftrumento, cujo nome latino me havia infpirado profundo horror á erudição do meu meftre. O inftrumento era a *ferula;* e o profeffor trazia-me fempre de olho, porque, devo dizel-o, ainda que me cufte, eu defacreditava o feu methodo de enfino. Entrei aos cinco annos para a fua aula, e faí, quafi aos dez, fem faber affignar o meu nome ou foletrar duas palavras! Verdade é que tinha adquirido fobre os meus camaradas uma fuperioridade inconteftavel nos exercicios archeologicos de atirar á funda, apanhar paffaros a laço, e, vifto que é precifo confeffar tudo, em achar pretextos plaufiveis para não dar lição, cada vez que iffo me competia.

A minha boa mãe era a unica peffoa que ainda não tinha perdido as efperanças de me ver emendado: todos os mais, parentes, conhecidos ou

meſtres, me prophetizavam um futuro deſaſtroſo, declarando-me inutil para tudo. Um viſinho muito rabugento, ao qual eu tinha derrubado uma parede, para apanhar um ninho de pintaſilgo, fez-me o tremendo prognoſtico de que eu ainda havia de acabar em malfeitor de eſtrada! Deus lhe perdôe! porque tinha excellentes uvas, e eu vingava-me n'ellas da maledicencia do proprietario.

As minhas occupações mais queridas eram grandes correrias pelas praias do Minho, onde ía empoleirar-me nos rochedos mais elevados, a olhar para as ondas horas eſquecidas, cada vez que via paſſar as azas brancas de um navio a duzentas braças da coſta.

Fóra d'isto, vagabundeava pelos campos dias inteiros, contemplando as criſtas azuladas das ſerras de Barroſo e de S. Felix, ſem me lembrar de almoço ou de jantar, e ainda menos dos cuidados dos meus parentes.

Eſtas diſtracções, em tal idade, não podiam deixar de dar nas viſtas a toda a gente.

Aconſelharam minha mãe para que me *arrumaſſe,* foſſe como foſſe, porque eu tinha ares de lunatico, além de ſer um vadio que não queria aprender coiſa alguma. Chegaram a aſſuſtal-a, apeſar dos meus poucos annos; e um lavrador, noſſo parente, offereceu-ſe para me corrigir, ſe quizeſſem entregar-me aos ſeus cuidados. A viſta

da minha rudeza, tiraram-me da efcóla, com grande fatisfação do meftre, e a minha familia refolveu que eu feria agricultor. Apenas, porém, me haviam inftallado em cafa d'aquelle que pretendia *fazer-me gente,* levantei contra o pobre homem cinco tias, que bebiam os ventos por mim, em confequencia d'um puchão d'orelhas. Elle queixou-fe a minha mãe, e eu fui chamado á barra; mas pedi uma feffão fecreta, e n'ella a convenci de que feria affaffinado, infallivelmente, fe me deixaffem lá ficar. Não ha logica para as mães como as lagrimas dos filhos!...

Fiquei em cafa, mas foi por pouco tempo. Um cordoeiro da Povoa de Varzim obrigou-fe a mandar-me enfinar a ler e efcrever correctamente, com a condição de que eu viveria em fua cafa para lhe vigiar o eftabelecimento; porém, quando lá me apanhou, mandou-me virar á roda, como fe eu foffe um dos feus aprendizes. Eftava arranjado comigo! Formei-lhe perante a minha fanta mãe um capitulo muito mais odiofo do que o do lavrador, e o affecto materno, commovido com a defcripção dos horrores e maus tratos, que eu pintava com certa viveza de colorido, arrancou-me a efte novo tyranno, reconduzindo-me triumphante ao lar domeftico!

Foi então que os alliciadores, efpalhando noticias exaggeradas ou falfas, ácerca das enormes

riquezas do Brazil, e da facilidade com que ellas ſe obtinham, conſeguiram deſvairar um grande numero de rapazes da minha aldeia. Meu irmão Manoel era uma das victimas, ſe não *engajada*, enganada por elles.

Para o acompanharmos ao *bota-fóra*, fizemos a jornada do Porto, com tenção de nos demorarmos ali até á ſaída do navio que devia conduzil-o; e, como eu ía a bordo todos os dias, os agentes diligenciavam ſeduzir-me para que foſſe tambem para o Brazil, promettendo levar-me *quaſi de graça*. Incitaram-me tanto, e tão ſaudoſo eu me ſentia do irmão, que era o meu braço direito nas brigas eſcolares, que por fim pedi a minha mãe que me deixaſſe ſeguir o meu deſtino. Tinha havido já uma revolução domeſtica para ſe conſentir na partida de meu irmão, tão novo ainda! Em viſta do meu pedido, todos pozeram as mãos na cabeça, e tornaram minha mãe reſponſavel, perante o céo e a terra, pelas deſgraças que de futuro me ſuccedeſſem, ſe ella conſentiſſe tamanha loucura. Comtudo, eu chorei tanto e tão bem, que não houve remedio ſenão fechar os olhos a todos os ſacrificios, lançar mão dos recurſos extremos, e deixar-me ſaír pela barra ſóra com dez annos apenas!

Para fazer inteira juſtiça aos meus queridos e bondoſos compatriotas, declaro que todos fo-

ram ſenſiveis á minha partida, perdoando-me ou eſquecendo generoſamente as numeroſas memorias que eu lhes deixára, nas arvores derreadas, nas paredes caídas e nas ſearas piſadas, durante as minhas excurſões de vagabundo. Quanto a minha mãe, nunca mais teve alegria, nem perdoou a ſi o haver-nos deixado partir, a meu irmão e a mim, para um paiz deſconhecido.

Eu tambem chorei muito, com ſaudades d'ella, nos primeiros oito dias; porém, a viagem foi-ſe tornando trabalhoſa, e os perigos preſentes deſvaneceram pouco a pouco as magoas da auſencia. O amor de mãe não tem rival na terra; e por iſſo a minha ficou inconſolavel, emquanto eu me fui coſtumando deſde tão cedo a paſſar ſem ella!

Depois de uma viagem, em que não faltaram a fome, a ſêde, as calmas e as tormentas, chegamos a eſſa formoſa terra de Santa Maria de Belem do Pará, que tinha de ſer teſtemunha dos meus altos feitos, e de me deixar um dia eternas ſaudades.

Apenas deſembarcámos, formaram-nos em turmas no caes da alfandega, para que os negociantes da cidade vieſſem escolher d'entre nós os que mais lhes agradaſſem.

Eu eſtava ali, ſem ſaber para quê, no meio de grande multidão de gente de todas as côres, que parecia eſcarnecer de mim e dos meus com-

patriotas; ao meſmo tempo, varios homens brancos, e veſtidos quaſi todos tambem de branco, giravam em torno de nós, examinando-nos. Os meus companheiros íam deſapparecendo ſucceſſivamente; porém, a mim ninguem me queria. Um d'aquelles brancos andou muito tempo a mirar-me por todos os lados, levantou-me a cabeça, mandou-me fallar, e murmurou: «Iſto não preſta!» Outros olhavam-me com commiſeração, e diziam: «É uma conſciencia trazer crianças como aquella!» Um preto dirigiu-me a palavra, n'uma lingua quaſi barbara, perguntando-me como eu me chamava e «ſe o queria ſervir!» Outro, roto e deſcalço, carregou-me ſobre os olhos o bonnet que eu tinha na cabeça, com grandes riſadas e applauſos dos ſeus patricios e amigos preſentes. Um negociante, depois de nos inſpeccionar a todos, diſſe duas palavras ao capitão do navio, que tambem eſtava ali dirigindo o ſeu negocio, e intimou a meu irmão que o ſeguiſſe, ſem lhe declarar para onde, nem em virtude de que direito o levava! O paſmo não nos permittia que nos deſpediſſemos uns dos outros; ſeparavamo-nos de modo que apezar de ficarmos vivendo na meſma terra, n'uma cidade pequeniſſima, ſó depois de ſeis mezes é que eu tive noticias de meu irmão, e nunca mais tornei a ver a maior parte dos meus patricios e companheiros de viagem!...

Achava-me quaſi ſó, e ſem perceber ainda que eſtava n'um mercado de eſcravos brancos, e que era conſiderado *refugo* pelos entendedores! Por fim, de entre os compradores que me rodeavam, ſaíu um, veſtido de pardo, e acariciou-me, pondo-me a mão no roſto, e convidando-me a ſeguil-o. Então, rebentaram-me as lagrimas com violencia; até ali ſuportára reſignadamente a deſgraça, que mal apreciava; tanto, porém, que me chegou a vez de partir, como os outros, ſem ſaber para onde, chorei! Felizmente o meu patrão era um excellente e honrado homem! Chamava-ſe Joſé Maria Fernandes, e inſcrevo aqui o ſeu nome para ſua ſatisfação. O digno commerciante vive ainda, apeſar do rheumatiſmo que o maltrata. Se eſtas linhas lhe chegarem á mão, peço-lhe que me perdôe a muita marmelada que lhe devorei, porque eu tambem lhe perdôo a prodigalidade com que elle me ſervia de palmatoadas, cada vez que o meu pundonor nacional me fazia quebrar as cabeças dos pretos ou pretas, que inſultavam o meu paiz ou a minha peſſoa.

Comecei de tal modo a minha aprendizagem de caixeiro, que no fim de um anno podia, com razão, liſongear-me de ſer o terror da maior parte da gente que frequentava o eſtabelecimento.

Não provinha da minha força phyſica, nem da minha eſtatura a audacia dos grandes commettimentos; porém o certo era que, ainda que o inſultador foſſe um gigante, não ía ſem correcção. Serviam-me d'armas os pezos da balança, os copos, as garrafas, e, nos grandes apuros, cortava as difficuldades, ſaindo para a rua e correndo o aggreſſor á pedrada. De dois reſultados que iſto podia ter, um era ſempre infallivel, no caſo de haver cabeça quebrada: ou eu comprava á força de aguardente o ſilencio da victima ou a palmatoria ſe encarregava de me cortar os vôos de tão deſpropoſitada heroicidade!

Finalmente, chegou um dia em que o meu patrão declarou que já não podia nem queria aturar-me! Eu tinha atirado á cara de um homem elegantiſſimo, que me dirigira um inſulto groſſeiro, com quatro arrateis de manteiga de vacca! O deſgraçado era criado ou eſcravo do preſidente da provincia; andava ſempre recendente de perfumes e veſtido de roupa alviſſima, trajo de que tinha grande preſumpção e vaidade. Porque o não ſervi com a rapidez que exigia, e julgando-ſe offendido na ſua qualidade de ſervo do chefe da provincia, permittiu-ſe a liberdade de me dizer palavras, que eu entendi não dever deixar paſſar, e reſpondi, batendo-lhe ás mãos ambas com uma enorme colhér de manteiga no nariz.

Confeſſo que por muito tempo me enſoberbeci, e tive eſta acção por uma das mais brilhantes do primeiro periodo da minha vida. Os cabellos, admiravelmente friſados, do meu provocador, ficaram n'um eſtado laſtimoſo; e cobrilhe de tal modo a cara, que poderia tirar-ſe-lhe a maſcara de manteiga e fazer-ſe-lhe o buſto... de queijo. A victima deu um grito, e levou ambas as mãos aos olhos, começando a deſentupil-os; e eu, temendo a vindicta, enterrei outra vez a colhér no barril, decidido a repetir a dóſe. Porém o pobre diabo, mal pôde ver, partiu como um raio pela porta fóra, e foi mostrar-ſe ao meu patrão, que morava do outro lado da rua.

Em ſatisfação ao preſidente e ao ſeu lacaio, apanhei ſeis duzias de palmatoadas; porém, como ellas não evitaram que perdeſſemos o freguez, quiz o meu patrão deſiſtir dos meus ſerviços, calumniando-os de prejudiciaes. Tentou impingirme a alguns dos ſeus vizinhos, porém, a minha reputação tinha chegado muito longe! Reſponderam-lhe todos aterrados, que não queriam nem ver-me! e foi-lhe neceſſario procurar-me um eſtabelecimento no extremo da cidade, onde eu era ainda deſconhecido, mas em cujo ſitio me tornei dentro em pouco d'uma tal popularidade, que dezoito annos ſão já paſſados ſem que ella tenha deſapparecido inteiramente!

Ao completar os meus doze annos, envergonhei-me por não ſaber ler, e appliquei-me ao eſtudo com tanta dedicação, que conſegui aprender em poucos mezes. O primeiro livro que me foi ás mãos, e que ha de ter um dia, em outra parte, um capitulo eſpecial, era a *Hiſtoria de Carlos Magno.*

Eu não o lia ſó para mim; queria auditorio, e era pouco eſcrupuloſo na eſcolha d'elle! A quantos pretos, tapuyos e mulatos apanhava, nas occaſiões em que meu patrão ſaía de caſa, comprazia-me em ler a morte de Roldão, e elles deſatavam n'um berreiro de choro, tão feio e temeroſo, que vexaria o proprio Adamaſtor!

O ſegundo livro que poſſui, intitulava-ſe *Luſiadas,* de Luiz de Camões.

Não eſcrevo eſtes apontamentos para a poſteridade me fazer a biographia: faço-os para os leitores dos CANTOS MATUTINOS. Do rapaz endiabrado e picareſco, que eu confeſſo ter ſido, póde-ſe eſperar tudo, menos um bom poeta. Aos que, depois de ſaberem os pontos capitaes de tão arrevezado começo de vida, não acharem toleraveis os meus verſos, reſponderei: que os façam melhores. Laſtimando, todavia, que o cenſor não paſſaſſe pelas meſmas provas porque eu paſſei.

No Pará era raro, n'aquelle tempo, o patrão que permittia aos ſeus caixeiros o occuparem na

leitura as horas vagas; mas o fructo prohibido aguça o appetite; a tyrannia inspira naturalmente o desejo da resistencia; e por isso era tambem raro o caixeiro que não se entregava com avidez a leituras clandestinas. E a isso talvez deve aquella cidade o grande numero de mancebos illustrados que hoje dirigem o seu commercio. Entre elles é vulgar o conhecimento dos nossos melhores classicos, e tanto se tem desenvolvido nos ultimos doze annos o gosto do estudo, que o mais humilde caixeiro de taverna não desconhece nenhuma das modernas publicações portuguezas.

Brigando com a má vontade e opposição que encontraram por vezes as minhas tentativas estudiosas, decorei em poucos mezes todas as estancias dos *Lusiadas,* e foram ellas as primeiras lições que recebi de poesia e de historia. Em breve, porém, a brutalidade de alguns patrões, e o meu indocil caracter, que repellia a servidão, fizeram-me tomar invencivel repugnancia á vida de caixeiro.

Meu irmão, e um primo de quem eu era hospede, fizeram todos os esforços possiveis para me domar. Depois de se convencerem de que eu me não sujeitava ao commercio, perguntaram-me se queria seguir outra qualquer carreira: se me sentia com vocação para artista, militar, padre, medico, ou advogado. Déram-me a escolher todas as

profiſſões, dejeſoſos de mandarem educar-me convenientemente; porém eu não me decidia nunca por nenhuma; e de uma vez em que me apoquentaram mais do que de ordinario, ácerca do meu deſtino, reſpondi ao acaſo — que me fizeſſem calafate!

Meu irmão, que apezar de toda a ſua gravidade e bom ſenſo tinha apenas mais anno e meio do que eu, achou-me muita graça; porém meu primo, que era homem ſério, e que eſtava canſado das minhas extravagancias (ſegundo elle dizia), avançou a mão para me agarrar uma orelha, que eu tive a prudencia de pôr fóra do ſeu alcance, fugindo de caſa.

As grandes floreſtas eſtavam perto. Havia muito tempo que eu aſpirava com delicias o perfume que me trazia dos ſertões a viração nocturna. A cauſa do meu odio a todas as occupações era filha do deſejo e da curioſidade, que me mordiam noite e dia, incitando-me a correr para eſſas eternas ſolidões, que me chamavam de longe. Sentia-me como atacado de noſtalgia das ſelvas, que eram a patria do meu penſamento.

Um dia de madrugada, tendo-me deſpedido ſómente do meu ſempre bom irmão, embarquei n'uma canôa, que ſe deſtinava ao fabríco de gomma elaſtica, e parti para o rio Xingú. Logo que me vi no meio das floreſtas primitivas, conheci

que tinha achado o meu reino, o paiz da minha fantasia. Familiarisei-me depressa com a presença da onça, do tigre, e do tamanduá; com as mil variedades de serpentes e jacarés; com os gentios de varias tribus, e com a sua existencia, costumes, e festins barbaros. Parecia-me que a vida errante fôra de proposito criada para a minha organisação: dentro em pouco a côr da minha pelle era igual á dos tapuyos; deixei a espingarda pela frecha; a lingua portugueza pela dos tupis; preferi, emfim, os costumes selvagens aos do homem civilisado, e comecei a correr pelos bosques, como o tinha feito nos campos do Minho.

Não sei se tive razão; mas o certo é que seguia mau caminho para colher algum fructo da primeira tentativa que fizera no estudo.

Tornei a perder os livros de vista, com menos saudade ainda do que no momento de embarcar para o Brazil, e talvez que tambem com menos vontade de me volver a elles. É verdade que depois de os saber ler, alguns me tinham ficado profundamente impressos na memoria. Decorára os *Lusiadas*, e não os deixava esquecer, repetindo mentalmente uma ou outra estancia quando esperava, com a corda do arco retezada, e a tacoára em punho, a passagem da anta ou do veado.

Depois de vaguear um anno pelos matos e

cachoeiras do Xingú, ſubi o Amazonas e fui completar o meu decimo terceiro anniverſario na villa de Alemquer, ſituada em um braço do meſmo rio, entre os dois grandes lagos Curumú e Surubiú.

Neſſa povoaçãoſinha, de que não poſſo lembrar-me ſem uma dôce melancolia, encontrei um dia, em caſa d'uma familia indigena, e dentro de um ceſto forrado com folhas de bananeira brava, quatro ou cinco livros velhos. Um d'eſtes era o poema *Camões,* de Almeida Garrett.

Li-o; e a eſſa leitura, repetida muitas vezes depois, ſe devem não ſó os Cantos Matutinos, porém todos os meus modeſtos opuſculos.

Aquelle poema transformou-me repentinamente, e ſem eu ſaber como: principiei a ver debaixo d'outro aſpecto os rios, os lagos, as floreſtas, e as montanhas. Pareceu-me que as flôres derramavam maior perfume, e ſe veſtiam de mais vivas côres; que o céo e os aſtros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a natureza tomava fórmas novas e ſublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmurio das aguas, e o gemer da viração, entre as açucenas bravas e as baunilhas odoriferas enroſcadas nos arvoredos que banha o Surubiú. As harmonias do verſo vibravam na minha alma; ouvia dentro em mim outra voz que balbuciava, traduzindo as

minhas fenfações por meio de palavras cortadas, vagas, incoherentes, e inintelligiveis para o mundo, e que eu não fei como nem onde as aprendia! Cuidei-as infpiradas por Deus, e fei que me foram reveladas por effa elegia fublime do grande poeta que já não vive!

Oufei dirigir uma carta a Almeida Garett, em que lhe contava, com a mefma fimplicidade e fingeleza com que o faço agora, tudo que deixo efcripto; e concluia perguntando-lhe fe o que eu fentia então feriam indicios que revelaffem em mim a ave que pretende voar antes de lhe nafcerem as azas. Só depois de expedida a carta me efpantei da minha audacia e penfei que feria loucura efperar pela refposta. Comtudo, a providencia e a grande alma do homem a quem eu efcrevera, permittiram que eu a recebeffe, decorrido muito tempo. Era uma confolação, um incentivo, uma efperança!

Encontrei-a no correio do Pará, em 1845, tendo eu já dezoito annos. Divulguei a noticia, e toda a gente quiz ver a carta d'um poeta, que ali é, e foi fempre adorado. Duvidou-fe de que foffe d'elle; mas, entre os curiofos, appareceu um que reconheceu a lettra. Era negociante honrado, e os incredulos não tiveram remedio fenão curvar-fe diante da fua palavra. Já ninguem fe ria das minhas paffadas criancices; olhavam-me quafi

com refpeito! E os caixeiros que haviam fido meus contemporaneos, eftalavam com defejos de me proclamar poeta, vifto que eu me correfpondia com o que era para elles, e para mim, quafi um femi-Deus.

Refolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa eftudar, e decidido a morrer na luta, fe tanto foffe precifo. No momento da minha partida, fui baftante temerario para confentir que fe publicaffe um foneto de defpedida aos meus amigos, do qual aproveitei doze linhas em zurzir os invejofos. Era a primeira vez que o meu nome oufava ir defaccommodar os typos; e Deus fabe fe não teria fido melhor o deixal-os dormir, fem me tornar jámais feu conhecido!

. . . .

Ninguem que tenha o habito de ler jornaes póde ignorar as minhas relações com o fallecido vifconde de Almeida Garrett. Defde o momento em que nos encontrámos pela primeira vez, até áquelle em que o vi expirar-me nos braços, proferindo o meu nome e dizendo-me eftas derradeiras palavras: «Já o não vejo!» devi-lhe fempre a maior affeição e os melhores confelhos que um filho póde receber de feu pae. Foi elle o meu meftre; porém, apefar de todos fe dizerem feus difcipulos depois da fua morte, não ha ninguem

que realmente o reprefente hoje na litteratura do feu paiz. Segundo a expreffão de Theophilo Gauthier «cada poeta celebre leva comfigo o feu fegredo quando defce á fepultura.»

Não fe efpere, pois, que os CANTOS MATUTINOS façam lembrar os cantos inimitaveis da lyra que emmudeceu ao defpedir de fi as *Folhas Cahidas*.

Mas fe os meus humildes verfos não podem provar claramente que os feus me fizeram poeta, moftrarão ao menos que o difcipulo fe não efqueceu do meftre.

Laftimo que Deus me não dotaffe de muito talento para que, fendo efte livro mais duradouro, ficaffe um verdadeiro monumento á memoria do cantor illuftre.

E ainda affim, modefto como é, póde fer que alguem eftranhe o havel-o eu dedicado a um morto, n'um paiz em que os vivos recebem com tanto prazer, e pagam ás vezes por altos preços, todo o incenfo que lifongeie a fua vaidade. Porém nos cemiterios entra-fe fem favor e fem licença; as portas abrem-fe para todos, grandes ou pequenos, fem fe lhes perguntar quem fão ou d'onde veem, e fem fe pôr em duvida o feu direito de entrada! Os que repoufam lá dentro não teem inveja uns dos outros; os humildes não cubiçam os tumulos grandiofos, as cryptas foberbas, onde

habitam os ſeus vizinhos da direita; os orgulhoſos não eſcarnecem da pedra raza e ſem inſcripção ou da cruz toſca de pau, que indica apenas a morada dos vizinhos do lado eſquerdo! Ali vale tanto a corôa de modeſtas flôres, como a corôa de oiro.

D'aqui proveiu a minha eſcolha; a minha mão obedecia ao impulſo do coração ſaudoſo quando deixou caír o livro ſobre uma ſepultura.

Lisboa, 13 de agoſto
de 1858.

A

J. BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Naſcido em 4 de fevereiro de 1799

Fallecido em 9 de dezembro de 1854

Graça

CANTOS MATUTINOS

LIVRO PRIMEIRO

I

O DESTERRADO

(Na foz do Rio Negro, em 1842)

Como ſão brancas as flôres
D'eſte verde jaſminal!
Recorda a ſua fragrancia
Perfumes de um laranjal...
Mas teem mais ſuave aroma
As roſas de Portugal!

O coração d'eſtes boſques
O brilhante e o oiro encerra;
São immenſos eſtes rios,
Immenſos o valle e a ſerra...
Mas não teem a formoſura
Dos campos da minha terra!

Eſtes aſtros ſão mais bellos?
É mais bello o ſeu fulgor?
Mas luzem no céo do exilio;
Não lhes tenho igual amor.
Ai! aſtros da minha terra
Quem me déra o voſſo alvor!

Que me importam explendores,
Prodigios que vejo aqui?
Aves de vivas plumagens,
Os cantos do juruti?
Se lhes faltam as bellezas,
Da terra aonde eu naſci!

Lá, era a lua mais linda;
Mais para os olhos as flôres;
Mais caſtos os beijos dados
Em mais ſinceros amores.
Tinham ſeus boſques modeſtos
Mais inſpirados cantores.

Tudo aqui veſte mais gallas,
De mais viçoſo matiz?
Ai! qu'importa?! ſe a ſaudade
Ao proſcripto ſempre diz,
Que não ha terra formoſa
Sem o ſol do ſeu paiz!

II

QUINZE ANNOS!

Já quinze annos! Quando a vida
Vai florída
Desabrochar,
Eu, que não vivia ainda,
Sinto-a finda
A vacillar!

Eu, que tive aos nove annos
Desenganos
Como ninguem,
Que peno aqui desterrado,
Separado
De minha mãe,

Eu já não tenho eſperança!
Tão criança,
Já vivo ſó!
Já, na dôr ſem ter ſegundo,
N'eſte mundo
Não acho dó!

Já mil vezes n'eſtas plagas,
E nas vagas,
A morte vi!
Lutei com o mar e os ventos;
Os tormentos
Todos venci!

Meu deſtino e minha eſp'rança,
De criança,
Achei rivaes;
Como flôr da haſte pendida,
Combatida
Por vendavaes.

Confiei meu fado eſcuro
Ao céo puro
Da ſolidão;
Mas o ar da terra eſtranha,
Na montanha
É um vulcão!

Não tem o aroma dos prados
Matizados
Do meu paiz!
Corre fogo d'eſtas fontes!
N'eſtes montes
Não ſou feliz!

Como hei de eu ter alegria
N'eſte dia,
Longe dos meus?!
Aſſim o quer minha eſtrella,
E por ella
O manda Deus.

Caminhar é meu deſtino:
Peregrino
Sempre ſerei;
Sempre em triſte ſoledade
Com ſaudade
Suſpirarei.

Poeta, ſempre na lyra
Me ſuspira
Um ſonho vão;
Um fantaſma que eu ſó vejo,
Um deſejo,
Uma illuſão!

Pelos ares vôa e corre;
Nunca morre...
Ou vai ou vem
Pelo cimo dos palmares;
E nos mares
Vaga tambem.

Fóge, ó ſol da fantaſia,
Da poeſia,
E ſeu condão!
Eſſa chamma abraza e mata,
Se dilata
O ſeu clarão.

Já quinze annos! Ceſſe o canto!
Dôce pranto
Aos olhos vem,
Ao lembrar-me o patrio ninho,
E o carinho
De minha mãe;

Ao lembrar-me do paſſado
Deſvendado,
E do porvir,
Incerta, vaga eſperança,
Que não cança
De me mentir!

III

GLORIA A CHRISTO

Salvè, Eſtrella do Oriente,
Que as trevas tornaſte em luz!
Gloria a teu ſangue innocente,
Derramado ſobre a cruz!
Gloria a ti quando naſceſte!
Gloria a ti quando morreſte!
Gloria ao Pae que te mandou!
Gloria em nome dos remidos!
Gloria em nome dos deſcridos,
Que o teu amor perdoou!

Gloria dos anjos no canto!
Gloria nos céos ao Senhor,
Que por nós padeceu tanto,
Morrendo por noſſo amor!

Curva-te, ó mundo, proſtrado
Aos pés do Crucificado,
E orando pede perdão!
Alça-te ao Homem divino:
Das palavras fórma um hymno,
Dos hymnos uma oração!

Gloria a ti ſobre o Calvario,
Do qual fizeſte um altar,
Onde, envolto em teu ſudario,
Morreſte ſem murmurar!
Gloria na terra e nos mares,
Nas floreſtas e palmares!
Eterna gloria a Jeſus!
Gloria ao maior dos Prophetas!
Gloria na voz dos poetas
A Chriſto morto na cruz!

Gloria a ti, porque vieſte
Para os homens libertar
Com a doutrina celeſte,
Cuja baſe é perdoar!
Gloria ao Deus crucificado,
Ao Cordeiro immaculado,
Ao ſublime Redemptor!
Gloria ao Meſtre da verdade,
Ao Aſtro da humanidade,
Ao Deus de perdão e amor!

Gloria a ti, Homem ingente,
Por eſcarneo feito Rei!
Gloria ſempre, e eternamente,
Por tua ſanta e dôce lei!
Gloria a Chriſto nas florinhas,
Nos cantos das aveſinhas,
Nas tempeſtades do mar,
Na voz ſolemne das ſelvas,
Na formoſura das relvas,
Da aragem no ciciar!

Gloria nas lavas ardentes
Que trasbordam dos vulcões,
E na quéda das torrentes
Que voam em turbilhões!
Gloria nos valles e montes,
Na caſta lympha das fontes,
Nos prados, e nos vergeis!
Gloria a ti por toda a terra;
Que tu não queres a guerra
De fieis contra infieis!

Gloria a quem os vituperios
Recebeu, dando o perdão!
Gloria! dizem os myſterios
Das obras da criação:
As aves em ſeus amores,
Os campos nas varias flôres,

Os rios no murmurar,
Eſtrellas nos céos profundos,
A luz em todos os mundos...
É o univerſo a orar!

Tudo e todos dizem gloria!
Tudo e todos a uma voz,
Ante a tremenda memoria
D'eſſe crime horrendo, atroz!
Mas o ſangue do Cordeiro,
Caindo ſobre o madeiro,
Ao algoz dava o perdão;
E a cruz, em vez de maldita,
Ficou á alma precita
Por fanal da redempção.

Cumpriu ſeus altos deſtinos,
Enſinando a padecer;
Deu-nos preceitos divinos;
Fez-ſe homem para morrer.
Que aſſombro! O ſangue do Morto
Será reſgate e conforto
Dos que devêra punir;
Perdão, em vez de caſtigo,
Eſperança, luz, e abrigo,
Conſolação do porvir!

Oh! mortaes, aos pés do Immenſo
Eterna prece mandae.
Recebe-a, Senhor! É incenſo
O amor dos filhos ao Pae.
Tudo, dos céos aos abyſmos,
Da ordem aos catacliſmos,
Diz tudo gloria, Senhor!
Porque em paga de um delicto
Déſte ás almas o infinito,
Ao crime, perdão e amor!

IV

A FLORESTA VIRGEM

Ave, imagem do terreo paraizo,
Fonte de inſpirações e melodias!
Tu és a patria da verdura eterna,
O reino das infindas harmonias!

Immenſo templo, mageſtoſo, auguſto,
Erguido pelas mãos do proprio Deus!
Tendo milhões de cedros por columnas,
E por tecto as abobadas dos ceus!

Mas encobrem o azul do firmamento
Fantaſticos ornatos de mil côres;
Se falta a luz, ſobejam os perfumes;
Quem eſtrellas procura, encontra flôres.

Por toda a parte vívidas ſe abraçam
Numeroſas familias de cipós:
Ipecacuanhas, guapohís, baunilhas,
Salſas, carajurús, ou corimbós;

Sobem do chão aos cimos elevados,
E, do arvoredo os ramos enleando,
Deſcem do lado oppoſto para a terra,
Onde novas raizes vão lançando.

Como o apparelho d'um navio enorme,
Fingem eſtes enxarcias e brandaes;
Outros, prendendo em arvores diverſas,
Semelham-ſe aos cabreſtos e aos eſtaes;

Entre os braços, eſcotas, e amantilhos,
Cruzam brioes, eſtingues, e bolinas;
Cabos de laborar, e cabos fixos,
Para velas redondas ou latinas;

Cergideiras, adriças, endrevellos,
Amarras que não cabem em baileos;
Eſtralheiras mais fórtes do que o linho,
Capazes de arrancar os arganeos.

Ha tudo aqui! Dos cipoaes immenſos
Pendem flôres e frutos differentes;
Caprichoſos na fórma, e multicores,
Agigantados, bellos, recendentes.

No denſo, emmaranhado labyrintho
Não póde a minha viſta penetrar;
E ao aſpecto ſelvagem da floreſta
O proprio caçador teme avançar.

É tudo grande, mageſtoso, ingente:
Frutos, flôres, e arvores poſſantes!
Um mundo de verdura os ceus ameaça;
E o ſolo eſmaga ſob os pés gigantes!

Com que intuitos, oh! Deus, déſte a exiſtencia
Ao homem que eſtas ſelvas ha de abrir?!
Porque em mãos do pygmeu puzeſte a força
Que póde as tuas obras deſtruir?!...

Serão eſſas floreſtas derrubadas
Por uma tão pequena creatura!?
Oh! perdôa, Senhor! o genio do homem
Não ſe deve medir pela eſtatura.

Tu criando-o pequeno lhe disseste
Que o fazias o rei da criação;
E ousa elle tocar nas maravilhas
Que alevantára tua augusta mão!...

Onde tu cultivavas os palmares,
Atreve-se o impio a edificar cidades;
E sobe, audaz! á região dos ventos,
Sem receio das tuas tempestades!

Muda teus rios, os teus mares corta,
E encarando teus astros sem temor
Arranca á natureza os teus segredos,
E oppõe aos teus prodigios o vapor!

O louco! mas perdôa o seu orgulho,
Quando o impellem as azas da sciencia;
Elle sabe que o fogo do seu genio
Traz o impulso da tua omnipotencia.

....
....

Nos paizes d'Europa não se criam
D'estes matos e selvas colossaes;
As arvores são lá menos altivas,
Mais humildes os verdes pinheiraes.

Medram aqui agigantados cedros;
Sobem até ás nuvens as palmeiras;
E lá ſão enfezados os carvalhos,
De pequena eſtatura as oliveiras.

Aqui tudo é formoſo, grande, eterno;
Os cheiros acres, vívido o matiz.
Mas além, onde tudo é mais modeſto,
Viceja a flôr da eſp'rança, o meu paiz.

O ceu é lá mais puro, o ſol mais brando,
Sorri mais docemente a natureza.
Aqui tudo é maior, porém minh'alma
Não ſe aſſuſta ao aſpecto da pobreza.

Rugidos, gritos, ecos myſterioſos,
Povoam eſta enorme ſolidão,
Interrompendo o fremito das ſelvas,
E o pavor conduzindo ao coração.

E lá é tudo paz e alegre ruido
Que ſe interrompe ao acabar o dia,
Recomeçando na manhã ſeguinte
Pela ſanta oração da Ave Maria!

Aqui, do meio de ſoberbas flores
A cabeça do tigre vejo erguer;
Molha os frutos a baba das ſerpentes,
E o perigo miſtura-ſe ao prazer.

E lá tudo é pacifico e tranquillo:
As noſſas flores não encobrem féras;
E cada anno os ſaboroſos frutos
Renaſcem como as novas primaveras.

Nos noſſos campos vivem manſos gados,
Que á mão que os amanſou tomam amor;
Aqui, ſe encadeiaſſem eſtes monſtros,
Nunca conheceriam ſeu ſenhor.

Mas foſſe a minha patria mais humilde,
Jámais d'ella no exilio me eſquecêra!
Mal haja o coração que não ſuſpira
Pela terra do berço onde naſcêra!

V

Veiu a flor dos meus amores
Do ceu;
E quem a viu entre as flores,
Fui eu.

Como a violeta ſingela,
Naſceu;
E no meu peito, mais bella
Viveu.

Todos os olhos que a viam
Prendeu;
Mas a quantos a ſeguiam
Perdeu.

Quando o amor que ella me tinha
Tremeu,
A fé, que do ceu me vinha,
Morreu.

Minha fronte amortecida
Pendeu;
A uma illusão perdida
Cedeu.

Então meu coração triste
Gemeu;
Mas logo a ti, que o feriste,
Volveu.

Em mim o extremo amoroso
Cresceu,
E teu coração cioso
Venceu.

Trata sempre com brandura
O meu,
Que só deseja e procura
O teu.

VI

NO EXILIO

> Para o que a patria perde,
> É o universo mudo:
> Nada lhe ri na vida;
> Mora o fastio em tudo.
>
> *A. Herculano.*

De olhos fitos na vaga sombria
Que se perde correndo no mar,
O poeta, na terra do exilio,
Triste vive co'a patria a sonhar.

Oh saudade! oh acerba doçura!
Meiga filha da ausencia e do amor!
Vem nas chagas d'est'alma saudosa
Derramar teu divino licôr;

Dôce encanto d'amarga trifteza,
Amargura e prazer do infeliz
Que, chorando nas praias do exilio,
O teu nome, ó faudade, bemdiz!

O que importa o fulgor d'eftes aftros
A quem viu n'outros ceus outra luz?
Nenhum d'elles, por mais que fulgure,
Do meu berço ao caminho conduz!

Que me importa efta felva florente,
Onde tudo enlouquece d'amor?
N'effas plantas de mil variedades,
Dos meus campos não vejo uma flôr!

Que me importa efte rio gigante
A correr por floreftas fem fim?
São mais bellas as fontes do Minho
A regar um perpetuo jardim!

Que me importam as côres brilhantes
D'eftas aves, que offufcam o fol,
Se nenhuma, ai! nenhuma, em feu canto
Se aproxima ao gentil rouxinol!

Que me importa o rugido das féras,
Das ſerpentes o horrendo ſilvar?
A quem perde as doçuras da patria,
Já não póde outra perda aſſuſtar.

Mas ſe ainda em minh'alma enlutada
Póde a luz da eſperança viver,
O que eu ſonho—o ſonhar do proſcripto—
É na terra da patria morrer;

Ir depôr eſta carga da vida
No paiz onde a tive de Deus;
Repouſar n'eſſes campos florídos
No logar onde dormem os meus.

VII

A MADRUGADA

(No Rio Amazonas, em 1842)

Sê bemvinda, madrugada,
Que eu ſympathiſo comtigo;
Parece que me conforta
O ver-te chorar comigo.

São iguaes noſſos deſtinos;
Igual ſorte nos domina:
Tu chegas ſempre chorando;
Chorar ſempre é minha ſina.

Mas é doce o teu orvalho,
Que o teu pranto vem do ceu;
E eu choro fel amargoſo,
Porque n'alma naſce o meu.

Da minha amada familia
Quem me déra ao lar volver,
E gofar no ceu da patria
O teu dôce alvorecer!

Mas a eftrella que me guia,
Pelo efpaço vaga errante;
Já nem refta uma efperança
Ao perdido viandante!

N'efte mundo de defterro
O meu viver é penar:
De dia, fem ter focego!
De noite, fem repoufar!

E nem quando nafce o dia
Se alegra meu coração;
Que as trevas aonde eu vivo
Nunca mais a luz verão.

Mas tu choras, madrugada,
E eu fympathifo comtigo;
Porque o meu pranto é mais dôce
Quando alguem chora comigo.

VIII

O CAÇADOR E A TAPUYA

— «Tapuya, linda tapuya,
Que fazes no cacaual?» —
— «Por aqui é meu caminho
Para ir ao cafézal.» —

— «Nem por aqui faz caminho,
Nem ha café que apanhar;
Tapuya, linda tapuya,
Que vinhas aqui bufcar?» —

— «Eu ia apanhar goiabas
Para dar a meu irmão.» —
— «Ficam á beira do rio,
Não é n'efta direcção.» —

— «Ando em bufca de baunilha,
Que minha mãe me pediu.» —
— «Menina, nos cacaueiros
Nunca a baunilha fubiu!» —

— «Pois então... eu vou ao lago,
D'onde meu pae ha de vir...» —
— «Ao lago por eftes fitios!
Para que eftás a mentir?» —

— «Se o branco tanto pergunta,
Que já não fei refponder!...» —
— «Se tu dizer-me não queres
O que vens aqui fazer!

Todos os dias te vejo
No meu cacaual andar;
Sempre feguindo meus paffos,
Sempre comigo a encarar.

Pergunto-te o que me queres,
E tu olhas para mim;
Ou para longe te affaftas,
Sorrindo-te fempre affim!

Vens aſſuſtar-me as cotías,
Pois nenhuma inda aviſtei;
Mas, ſe tornas a ſeguir-me,
A teu pae me queixarei.» —

— «Adeus, branco; vou-me embora,
Para não tornar a vir;
Se o ſenhor não achou caça,
Não fui eu que a fiz fugir.

Não aſſuſta a minha idade;
Que ſou bella o branco diz;
Mas o que os meus olhos dizem,
O branco ſaber não quiz.

Eu, ſóſinha atraz do branco,
Pelo cacaual andei:
E o meu branco vem queixar-ſe
De que a caça lhe aſſuſtei!

Era a caça quem caçava
Ao cego do caçador!...
Quem tão pouco vê, não ſabe
Qual caça tem mais valor...» —

— «Anda cá, linda tapuya,
Não vás affim a fugir;
Tuas palavras tão dôces
Volve, volve a repetir.» —

— «Para traz não volve a caça;
Meu branco, aprenda a caçar:
Quem defeja caça fina,
Deve-a faber farejar!» —

Diffe a tapuya; e na felva
Para fempre fe occultou;
E o tal caçador das duzias
Parvo da caça ficou!

IX

O DESERTO

(No Alto Amazonas, em 1843)

> Arrancado ſubitamente a todas as riquezas da vida organica, o viajante penetra com aſſombro n'eſſes eſpaços ſem arvores, onde encontra apenas alguns traços de vegetação.
>
> *Humboldt.*

Eis o deſerto!... um deſerto
Das regiões americanas!
Os Pampas ſão ali perto;
Ficam além as Guayanas...
Vinte leguas, cem, duzentas,
Mais talvez de quatrocentas...
Quem ſabe quantas ſerão?!
Sente-ſe o homem pequeno
Perante o immenſo terreno
D'eſſa eterna ſolidão!

O caćto agigantado,
Como guarda do horifonte,
De enormes flôres toucado,
Ante vós levanta a fronte;
Solitaria fentinella
Que attenta vigia e vela,
Porque não paffeis além.
Ai do que fe precipita
N'effa amplidão infinita,
D'onde não volve ninguem!

Mas fentis não fei que abalo,
Não fei que defejo incerto
De impellir voffo cavallo
Atravez d'effe deferto...
É o abifmo que fafcina!
Tudo que a mente imagina,
Querem os olhos gozar;
O vago e o defconhecido,
Ir onde ninguem tem ido,
Iffo vos ha de tentar.

Oufado fois? cavalleiro?
Sabeis affrontar a morte?
O cavallo é bem ligeiro?
Votae-vos a Deus e á forte:
Mettei balas na clavina;
A faca de ponta fina

Que vos não cáia ao correr;
Largae redea; dae d'efporas;
Um dia fão doze horas,
Mas tendes muito que ver!

Andae caminho de lefte;
Vêde como o fol difcorre!
Se vos perdeis para oefte,
É mais um que por lá morre.
A galope! Como o vento,
Quafi como o penfamento,
Voffo cavallo arrancou!
Os lagos, o monte, a felva,
Os prados de verde relva,
Já tudo ao longe ficou!

Livre fois em novo mundo,
Um mundo de immenfidade!
N'efte filencio profundo,
Reina eterna a liberdade.
Mas o horifonte não morre!
Mais voffo cavallo corre,
Mais elle foge de vós!
E na diftancia uniforme
Dorme o céo, e a terra dorme,
Devaftada, muda, atroz!

Vendo canſar o cavallo,
Cedeis tambem fatigado:
Não ſentis o meſmo abalo
Que vos tinha enthuſiaſmado;
Quereis voltar... Para onde!...
Todo o veſtigio ſe eſconde!
Nada vos póde guiar!...
Nem o ſol! do dia em meio,
Como vai, ou d'onde veiu,
Já não podeis affirmar.

Silencioſo, frio, e morto,
O deſerto vos ſuſpende;
Voſſa viſta ſem conforto
Debalde ao longe ſe eſtende.
Nem uma naſcente pura!
Nem um ramo de verdura
Que vos livre do calor!
O ar parece uma chamma,
Que voſſos pulmões inflamma
Sob um ceu abrazador!

O cavallo, triſte, inquieto,
Sem animo afrouxa os paſſos;
Do paiz ao mudo aſpecto,
Como vós mede os eſpaços.
Interroga o ſolo ardente;
E ſente o calor latente,

Queimando a vegetação;
Vê ſó terras calcinadas,
E nas plantas abrazadas
Refrigerio buſca em vão.

Buſca em vão nos horiſontes
Os boſques dos cacaueiros
O lago, a criſta dos montes,
Os cimos dos cajueiros...
De repente, erguendo a crina,
Co'a viſta mede a campina,
E parte, e corre veloz!
Largae a redea ao cavallo!
Não cureis de governal-o,
Que ſabe mais do que vós!

Eſcutae!... um grito rouco
Diſtante nos ares ſôa;
O cavallo, quaſi louco,
Ouvindo-o, não corre, vôa!
Lá fogem vinte veados,
Do ſeu galope aſſuſtados!
Novo rugido eſtrugiu,
Mais temeroſo, e mais perto!
Fugir! que o rei do deſerto
A carne humana ſentiu.

Já pouca efperança refta...
Do tigre a furia redobra...
Eis que fe avifta a florefta,
E o cavallo animo cobra!
Mais ardente corre e vôa,
Mais nos feus ouvidos fôa
Da féra ardente o correr!
Nenhum a victoria cede!
Cada qual o efpaço mede
Aonde conta vencer!

Aqui fe acaba o deferto!
Chega o cavallo primeiro;
Porém, com o peito aberto,
Cai fobre o feu cavalleiro.
O tigre, rugindo, avança!
Já como um raio fe lança...
Tendes a faca na mão?
Efpreitae-lhe o movimento...
A vida ceffa um momento,
Não vos pulfa o coração!...

Sufpende o tigre a corrida...
Na florefta os olhos fita;
E uma onça enfurecida
Sobre elle fe precipita!
Trava-fe luta horrorofa,
Tremenda, mortal, ruidofa,

Que affufta, que faz pavor!...
Tomae a voffa clavina,
Se o terror vos não fafcina;
Fugi, fe tendes valor!

Deixae o voffo cavallo;
Do vencedor ferá preza;
Vós não podeis levantal-o,
Era loucura a defeza.
As duas féras que lutam,
O feu cadaver difputam;
Por elle vivo ficais.
Dizei adeus ao deferto;
Dizei-lhe adeus; eftou certo
Que faudades não levais!

X

SOBRE O ROCHEDO

Aqui, onde a terra acaba,
Sobre um rochedo eſcalvado,
Pelas ondas carcomido,
E dos ventos açoitado,
Aqui, fugindo do mundo,
Eu venho chorar meu fado.

Sobe a onda pela rocha
Do nordeſte ao ſibilar;
Um navio em panos largos
Vejo ao longe a velejar;
Oiço a voz dos marinheiros,
Alegres fallando ao mar.

Se eu participaſſe agora
D'eſſe viver vacillante
Do marinheiro, que a vaga
E o vento levam diſtante;
D'eſſa vida aventuroſa,
Que arrebata o navegante!...

Oh! ſe eu tiveſſe a ventura
De poder hoje partir
Em buſca de novos mares,
E novos ceus deſcobrir!...
Se eu podéſſe d'eſtas praias
Os meus olhos deſpedir!...

Oh! feliz, ſe n'eſte inſtante,
Ceſſando o meu deſvario,
Viſſe fugir eſta rocha
Da pôpa do meu navio!
Nunca mais molhára a quilha
Nas turvas aguas do rio!

Com perigos me eſquecêra
Das ſaudades do paſſado;
Meu coração tornaria
Do balanço apaixonado;
E, a bordo do meu navio,
Seria o mundo olvidado.

Que me importavam os cantos,
Os meigos ſonhos do amor?
Na terra tudo é mentira;
Tudo é vão e enganador;
Onde reina a hypocriſia
Só ſe dá bem o impoſtor.

Ai! ſe no mar eu me viſſe!...
Achára lá mais poeſia;
No clamor das tempeſtades
Ha mageſtoſa harmonia;
E tambem hymnos parecem
Os ruidos da calmaria.

Levae-me, ó ondas, levae-me
Aonde ninguem chegou;
Aonde ſó mar e vento
Deus até hoje mandou;
Aos ſitios deſconhecidos
Que a minha mente ſonhou!

Levae-me longe da terra,
Aonde fica perdida
A flôr da minha exiſtencia
Por eſtranhas mãos colhida;
Aonde vive a eſperança,
Para mim deſconhecida.

Ai! ſurdas ao meu pedido,
As vagas paſſando vão;
Some-ſe ao longe o navio,
Levado da viração;
Em ſuas velas me foge
Mais uma dôce illuſão.

Todos podem ir correndo,
Em procura d'outro ceu;
A todos o mundo é livre;
Todos vão; fico ſó eu,
N'eſta rocha encadeiado,
Como um novo Prometheu!

Vôa em vão meu penſamento
Dos horiſontes além;
Meus paſſos ficam ſuſpenſos,
Onde o mar pára tambem;
Por iſſo a todas as horas
Minh'alma aqui chorar vem.

Adeus, rochedo eſcalvado,
Batido do mar e vento;
Ámanhã virei de novo
Dizer-te o meu ſoffrimento,
Até que Deus me permitta
Seguir o meu penſamento.

Ao encontro de quem vem
Para me ver
De longe, correr tambem
É meu dever.

Mas a gente d'além-mar,
Quem m'a moſtrou?
Seu viver e ſeu fallar,
Quem m'o enſinou?

Quem os trouxe d'outros ceus
Ao meu ſertão,
Para dar aos filhos meus
Religião?

Quem meu nome foi levar
Do mundo além?
Foram as aguas do mar,
E mais ninguem.

Meus produƈtos vão vender
Aos europeus;
E ao meu ſeio vem trazer
Todos os ſeus.

Como tu, ó mar, ſou rei;
És meu irmão:
Tu, nas coſtas dás a lei;
Eu, no ſertão.» —

III

Com féro aſpecto as vagas
Attentas o eſcutaram;
E para novas plagas
Soberbas ſe voltaram.

Movidas com violencia
Do tumido gigante,
A ſua omnipotencia
Pregoam já diſtante.

Deſcrevem-lhe a riqueza
Da terra que percorre,
A fertil natureza
Aonde naſce e morre.

O mundo, de paſmado,
Não crê taes maravilhas,
D'um ſonho deſvairado
Cuidando que ſão filhas.

Mas eu, que o rio immenſo
Audaz navego agora,
E attonito e ſuſpenſo
Contemplo a ſua Flora;

Que a grande voz lhe ſcuto
Soberba murmurando,
E o vejo reſoluto
O ſeu poder provando;

Eu, pobre deſterrado,
Que em cima d'eſtas aguas,
Luctando com meu fado,
Alegro as minhas maguas;

Do meu paiz diſtante,
Calando ora a ſaudade,
Que inſpira ao viandante
A auſencia e ſoledade;

Interprete do rio,
Na voz da minha lyra,
Traduzo o murmurío
Que ſeu poder lhe inſpira.

Indomita a corrente,
Que os montes rue e abala,
Deſcendo féra, ingente,
Aſſim altiva falla:

IV

— «Sou dos rios o primeiro,
No mundo não tenho igual,
Nem ſob o ceu do cruzeiro,
Nem ſob o ceu boreal!
Corto quaſi um hemiſpherio;
Orgulho ſou d'um imperio,
Onde corre o leito meu.
Do Nilo a fama ſe cale,
E o Miſſiſſipi não falle,
Que o Amazonas ſou eu!

Nas minhas aguas barrentas
Ha ondas como as do mar,
Erguidas pelas tormentas
Que vem meu collo agitar.
Nas minhas vagas ferventes
Tambem mergulham ardentes
As azas do furacão!
Eu gero monſtros informes,
Coloſſaes, brutos, enormes,
Prodigios da criação.

Tenho peixes de mil côres,
E tartarugas tambem;
Ilhas cobertas de flôres
Sobre mim boiando vem.
Mil rios, de nomes varios,
Mil rios, meus tributarios,
Me conhecem por ſenhor;
Aguas verdes e aniladas,
Pretas, vermelhas, doiradas,
Em meu ſeio vem depôr.

Eu tenho matas formoſas
De açucenas, e jaſmim;
Tenho pudicas mimoſas,
Branco e vermelho angelim;
Tenho ſelvas de itaúba,
De cedro, e maçaranduba,
De pau d'arco, e condurú,
Onde a canella, a baunilha,
O cravo, a ſalſa parrilha,
Se abraçam ao cumarú.

Guerreiras tribus ſuſtento
No fundo dos meus ſertões;
E nas margens dou aſſento
Aos reſtos de cem nações.

Pelas minhas ribanceiras,
Ao lado das bananeiras,
Se cria o regio ananaz;
Enlaçam-ſe aos cajueiros,
Goiabas, araçáſeiros,
E dôces maracujás.

Tenho abacates, e mangas,
Abíos, e bacorís;
Tenho as acidas pitangas;
E os famoſos ſaputís;
Do aſſucar produzo a canna;
E creſce a nicociana
Ao pé dos algodoaes.
Selvas ſão meus cacaueiros,
Boſques os meus cafézeiros,
Immenſos meus arrozaes.

Entre as tintas precioſas
Tenho anil, e tatajuba;
Nas plantas mais venenoſas
Urarí, e a caxinduba;
Tenho os oleos, as reſinas,
Os leites, as gommas finas,
Que vendo a muitas nações;
Das Indias crio a pimenta;
E a mandioca rebenta
Por todos os meus ſertões.

No ſeio dos meus palmares
As aves de fina côr,
Em terniſſimos cantares,
Se juram eterno amor;
A briſa de amor ſuſpira;
Amor a ſelva reſpira
Nos mil perfumes que tem;
E ſob eſte céo ardente
A onça, o tigre, a ſerpente,
Amor ſe dizem tambem.

Nos meus vaſtiſſimos lagos,
Entre a flôr do mururé,
De amor os ternos affagos
Tambem goſa o jacaré.
Em torno a mim todos amam,
Todos os peitos ſe inflammam
Com o ſol do meu paiz;
Tudo é paixão, e ternura;
É tudo amor, e doçura;
Tudo em torno amor ſó diz.

Minhas languidas ſelvagens,
Aſtros do ceu do Equador,
A quem as brandas aragens
Levam dos boſques a flôr,

Não teem na face mimosa
A côr vermelha da rosa,
Nem a alvura do jasmim;
Mas teem a cutis morena
Macia como a açucena,
Mais lisa do que o setim.

São tapuyas; mas tão bellas
Como as brancas d'além-mar;
Seu coração, como o d'ellas,
A paixão faz palpitar.
Seu amor tem mais ternura,
Tem seu fallar mais doçura,
Seu olhar mais languidez.
Ninguem as vence em caricias;
Ao amor dão mais delicias,
E mais dôce embriaguez.

Nadando como as sereias
As vejo no leito meu,
Querendo apagar nas veias
O fogo que Deus lhes deu;
Porém minhas brancas aguas
Domar não podem as fraguas,
Que a paixão faz accender;
Tudo aqui a amar convida;
São tudo flôres, e vida;
É tudo amor, e prazer!

Eu tenho riqueza immenſa
Em brilhantes e metaes;
Eterno perfume incenſa
Minhas aguas coloſſaes.
Tenho monſtros, e tormentas,
E floreſtas opulentas
Em vaſtiſſimos ſertões;
Tenho agigantadas flôres,
Aves de todas as côres,
E povos de cem nações.

Os meus aſtros ſão formoſos;
Não os ha de igual fulgor!
Meus animaes temeroſos
Cauſam aos homens pavor.
Tanto poder e grandeza
Que Deus deu á natureza,
E a natureza me deu,
Ninguem mais o tem no mundo,
Pois eu não tenho ſegundo,
Que o Amazonas ſou eu.» —

V

Assim fallam as aguas magestosas
No murmurar da rapida corrente;
E a seu lado recosta-se indolente,
Soberbo, um povo pelas ver e ouvir.
Mas que será de ti, rio famoso,
Quando os braços do tempo e da sciencia
Do teu curso domarem a violencia,
Transformando-te aos olhos do porvir?

Quando o machado derruir teus bosques;
Quando o ferreo carril abrir teus montes;
Quando invadirem tuas grandes fontes
A hydraulica, as artes, e o vapor;
Quando, cortadas as florestas virgens,
Que hoje te dão soberba magestade,
Erguer em cada legua uma cidade
O genio do porvir triumphador;

Quando as selvas de cedros succumbirem,
Roubando a tuas margens teus verdores,
Teus perfumes, teus hymnos, teus amores,

. das tuas ſolidões, —
ıas ſurgirão palacios;
ɔoetico e florído,
as enormes revolvido,
ará dos teus ſertões!

verás, e varios povos;
ouvirás linguas eſtranhas,
pita o eco das montanhas
e o teu povo conheceu!
ı a ſciencia da luz nova,
ıa arrancar á barbaria,
tambem como a poeſia
rudeza feneceu!

ilente das cidades,
ɔ que o ſeio lhes devora,
s ſitios que percorro agora
um dia celebrar feſtins!
na tez acobreada
ɔ hoje virgens innocentes,
ı-ſe os beijos impudentes
s capellas de jaſmins!

neu rio! não te civiliſes,
m tua virgem natureza
m de Deus, uma grandeza,

Que leva para os ceus a aſpiração;
E das cidades, onde o vicio reina,
Onde o dinheiro como Deus ſe adora,
Foge a religião conſoladora,
Porque Deus vive ſó na ſolidão.

XII

A NUVEM E A TORMENTA

Typo da vida do homem,
É do univerſo a vida:
Depois do afan, repouſo;
Depois da paz, a lida.

A. Herculano.

Immovel dorme na região dos ares
Formoſa nuvem que reflecte o ſol;
Talvez gerada no vapor dos mares,
Ou nas nevoas cinzentas do arrebol.

Pouco a pouco ſe tornam ſuas côres
Diafanas e alvas como um veu;
E vão-ſe dilatando os ſeus vapores
Até a nuvem ſe eſvaír no ceu.

Mas em breve apparece novamente,
Já mais inchada condenſando o ar;
E deſcendo depois ao mar fervente
Vai no ſeio das ondas mergulhar.

Tomando as fórmas de gigante immenſo
Devora as aguas onde foi deſcer;
Coloſſo enorme ſobre o ar ſuſpenſo
O horiſonte começa a eſcurecer.

Eſtende as garras pelo firmamento,
E co'as fauces attrai o furacão;
Derramando na eſphera o ſeu alento,
Fuzila o raio, e ouve-ſe o trovão.

A nuvem precurſora da tormenta
As aguas lança que no mar bebeu;
E a tempeſtade, em deſtruir ſedenta,
Nos maſtros do meu brigue ſe abateu.

Vergas eſtalam, vôa o pano em tiras,
Vem ao convez um maſtareu caír,
Redobra o furacão as ſuas iras,
Pelas bordas o mar ſóbe a rugir.

Dos elementos a feroz difcordia
O ceu cobre de negra cerração;
Mas os olhos da próvida concordia
Enxergam atravez da efcuridão.

Já meu navio com o tempo corre;
E inda a vaga efpumando no convez,
De ouvir magoada o temporal que morre
Cubiçofa ao fugir me lambe os pés.

Deus é grande! a devota marinhagem,
Implorando-o, á manobra fe lançou;
E não foi fó o zelo e a coragem
Quem do certo naufragio nos livrou.

Extinguiu-fe a tormenta! ó marinheiros,
O ferviço um inftante abandonae;
E ao fom cadenciado dos banzeiros
De joelhos commigo a Deus orae;

Para que nos defenda eternamente
Das tormentas do mar, e das paixões;
Que umas levam a vida de repente;
As outras, lentamente os corações!

Ha pouco viſtes eſſa nuvem bella,
Alva, purpurea, de variada côr,
Dos ſeios vomitando uma procella,
Que a natureza reveſtiu de horror?

Pois, como a nuvem, as paixões violentas
Naſcem brandas no humano coração;
E depois creſcem mais do que as tormentas,
E cauſam maior mal que o furacão.

XIII

FANTASIA

(Na bôca do Amazonas, em 1845)

I

Sobre as aguas azues do mar profundo,
Ao declinar da tarde,
Banha o ſol os ſeus raios derradeiros;
E a onda adormecida
Em torno dos rochedos,
Eſpreguiçando o collo movediço,
Vae e vem vagaroſa;
Beija de vez em quando a roxa arêa,
Onde deixa veſtigios
De ſuaves caricias.

Aqui, ſob os copados arvoredos,
Do boſque as divindades
Aguardam a luz dôce do crepuſculo
Para vir á clareira,
Dos perfumados zephyros
O premio receber de altos amores.
A viração que paſſa
Vai colhendo os aromas recendentes
Da flôr que deſabrocha;
E n'outra flôr vizinha,
Depoſitando o germen amoroſo,
Novos ſêres fecunda!
Nem uma nuvem pelos ceus ſe aviſta!
A natureza inteira
Parece adormecida!
Porém no ſeio fertil continúa
O lavor myſterioſo
Que de harmonia e vida enche o univerſo.

II

Solitario, nas praias do deſterro,
Com a patria ſonhando,
Eu venho aqui acalantar ſaudades
Diante do eſpectaculo
D'eſtas ſelvas immenſas, que aſſoberbam
As margens do Oceano.

E paſſo longas horas, ſuſpirando
Com os olhos na vaga,
Quando ella corre, atraveſſando os mares
Como o meu penſamento...
E aqui meu coração ſaudoſo geme.
O involucro pezado
Que me involve nos ſeios das cidades,
Eu ſinto aqui romper-ſe;
Á viva luz d'uma exiſtencia nova
Meus olhos ſe descerram;
O cheiro agreſte que da ſelva emana,
O cantico das aves,
O fremito das ondas e dos boſques,
O odor da mareſia,
Eſta harmonia eſtranha e myſterioſa
Que as ſolidões derramam,
Parece que embriagam meus ſentidos
Levando-me em eſpirito
Á patria, ao ceu, a regiões fantaſticas.

III

Oh! como fica longe
O meu paiz querido!
Mas eu ſou marinheiro! largo! aos mares!
Eu não tremo das vagas alteroſas,
Que meu pae enſinou-me a deſprezal-as;

Meu pae, ousado nauta,
De quem o mar tremia!
Que, por maior que fosse a tempestade,
O pano do navio não rizava!
O leme subjugando, a bórda inteira
Nas ondas mergulhada,
O lais cortando a vaga,
A quilha fóra d'agua, as velas todas
Tufadas pelo vento da tormenta,
Os mastros inclinando, e as enxarcias
Estalando, ou gemendo...
Mas elle não cedia!
Cem vezes naufragou! cem vezes salvo,
Aos restos dos navios abraçado,
Lutando com o genio das procellas,
A navegar tornava,
Para naufragios novos!
Por fim, no abismo, como desejára,
Achou sepulchro e funerarios hymnos!
Já morto, e uma bala aos pés atada,
Como do mar no fundo
Não via o seu navio,
Por tres vezes volveu ao cimo d'agua!
Mas seus olhos cerrados já não viram
Que outra mão empunhava ao leme a roda.
Pois eu, que sou seu filho,
Temerei as tormentas?

Oh! não receio! mas o meu deſtino
É agora vagar n'eſtes deſertos;
Errar por eſtes boſques e montanhas...
E não é ſó da patria
Que hoje tenho ſaudades!...

IV

Tambem já, infeliz! amo e ſuſpiro!
Eu, que ria e zombava dos poetas
Quando os via d'amor gemer eſcravos,
Captivo ſou agora!
Tornei meus inimigos muitos olhos,
Que o fulgor das eſtrellas offuſcavam.
O amor levantou á minha viſta
O veu myſterioſo,
Que os mil ſegredos da belleza encobre!
Theſouros que não ſonha a fantaſia,
Encantos que o deſejo não concebe,
Meus olhos enxergaram!
E nem ſequer um rapido lampejo
D'eſſa luz que a exiſtencia vivifica
Foi do meu coração raiar nas trevas!
Amor deſeſperou-ſe
Por não ver ſuccumbir tanta bruteza
Ás duras leis de ſeu eterno imperio,
E jurou que de mim ſe vingaria.

Gaſtou mil artificios;
Eſperdiçou encantos;
Tentou da formoſura a flôr mais bella
Empregar contra mim; eu, ignorante,
Das ſuas sedúcções eſcarnecia!
Deſafiei as iras
Da barbara criança,
Exaltando o prazer da liberdade;
Alardeei a minha independencia,
E diſſe que a paixão era mentira,
E o amor deſvario,
Porque amar não ſabia!
O meu erro fatal pagando agora,
Do vingativo deus ſoffro o caſtigo,
E minha eſcravidão bemdigo ainda!

V

Ardente fogo me devora o peito!
E já meu ſangue, em turbilhões fervendo,
Salta de veia em veia!
E rapidos me opprimem
Deſejos que a deſejos ſe ſuccedem!
Deſamparado eſtou; amor, venceſte!
Mas não foſte leal nos teus combates!
Tu ſó, não me vencias;
Foſte aos aſtros roubar o dôce brilho,

E n'uns olhos de fada
Forjaste o raio que feriu minh'alma!
Mas quem é ella, a virgem innocente,
Que serve de instrumento á paixão cega
Do meu odioso, barbaro inimigo?
É filha d'estes bosques;
As amarellas flôres do pau d'arco
Lhe serviram de leito;
As açucenas bravas,
Tecidas no cipó da salsarana,
Lhe corôam a fronte.
O curimbó, o cravo, e a japecanga,
Enfeitam as clareiras,
Aonde ella adormece
Em camas de jasmins e de verbenas.
O sabiá suspira,
E geme o jurutí quando ella dorme;
E tudo em torno d'ella
Descanta alegre quando nasce o dia,
Vendo-a encher os cabellos
De rosas mogorins, e de baunilhas.

VI

Mas eu em vão a chamo!
Invoco-a inutilmente!
Meus suspiros, meus ais não a commovem!

No cimo das floreſtas,
Sobre as aguas do lago,
Do Amazonas na rapida corrente,
Pelas ondas do mar adormecido,
Das tardes no crepuſculo,
Nas nevoas matutinas,
Eu vejo-a em toda a parte, e a toda a hora!...
Porém, vejo-a fugindo
De mim, do meu amor, de meus deſejos!
Oh! vingativo nume!
Se já ſatisfizeſte o teu capricho,
Meu coração domando,
Que mais queres de mim? porque me negas
Aquella que me fez teu tributario?
Ai! horrivel verdade!
Meu peito anceia com amor violento
Pela filha d'um ſonho mentiroſo!
Vingou-ſe amor de mim! porém ao menos
Tal como eu a ſonhei nem tu, tyranno,
Se te abrazáras em teu proprio fogo,
Acharias imagem tão formoſa
Como a que vive em minha fantaſia!

XIV

MEU PAE

(No mar, em 1846)

I

— «Adeus, Marianna, adeus; ao marinheiro
As batalhas da terra pouco importam.
Ver o irmão ao irmão aſſaſſinando
Quadros ſão que minh'alma deſconfortam.

Adeus... não chores; a derrota é longa,
E a terra do exilio bem diſtante;
Mas o navio é bom, e Deus é grande;
E meu amor por ti ſerá conſtante.

Adeus... vai abraçar os noſſos filhos;
Se os eu viſſe outra vez, não partiria...
Adeus!... adeus!...» — E já no largo Oceano
— «Adeus, familia e patria!» — repetia.

II

— «Erguei as tenras mãosinhas!
Erguei, erguei para os ceus!
Que, por serdes innocentes,
Sereis ouvidos por Deus!
Oh! como o mar está bravo!
Rezae, rezae, filhos meus!

Todos tres dizei commigo,
Filhos, dizei com fervor:
«Para quem anda nas ondas,
«Misericordia, Senhor!
«Salvae-os da tempestade!
«Salvae-os, por vosso amor!

«Senhor Deus, misericordia
«Para quem anda a penar,
«No meio da noite escura,
«Por sobre as aguas do mar!
«Senhor Deus, misericordia!
«Não os deixeis naufragar!

«E tu, Rainha dos anjos,
«Ó Senhora da Bonança,
«Eſtrella na tempeſtade,
«Caſto lume d'eſperança,
«O noſſo pae, que anda longe,
«Reſtitue-nos ſem tardança!» —

III

Os hymnos da virtude e da innocencia
Em vão ſubiram pelo eſpaço immenſo,
E aos pés do throno celeſtial e puro
Se converteram em divino incenſo.

A alma do pae, e as orações dos filhos,
Juntas voaram para os ceus profundos;
Mas nos abyſmos do Oceano o corpo
Sepultado ficou entre dois mundos!

Oh! como é triſte o acabar nas ondas!
Depois de morto, ainda navegando!...
Errar ao ſom das aguas e dos ventos...
Para onde? em que ſitio? e até quando?

Não dormir em tranquilla ſepultura,
Onde poſſam os filhos viſital-o!
Onde o pranto dos ſeus lhe banhe as cinzas!
Onde o amor e a dôr venham guardal-o!...

Perdôa-me, Senhor, ſe eu te blaſphemo!
Perdôa ao triſte orfão ſem ventura...
Orfão a quem do pae nem reſta ao menos
A triſte prova de uma ſepultura!

Perdôa-me, Senhor, que a cada hora
Do meu martyrio reverdece a palma.
E ſe eu morrer tambem n'eſte Oceano,
Perca-ſe o corpo, não ſe perca eſt'alma.

Recoſtado na amura do navio,
Quando a lua diſcorre nos eſpaços,
Em cada vaga que a meu lado geme
Vejo um cadaver eſtender-me os braços!

Oh! ſe eu foſſe tambem amortalhado
N'eſſa onda que vejo encapellar-ſe!...
Talvez meu corpo, no profundo abyſmo,
Ao corpo de meu pae foſſe abraçar-ſe!

—«Eis terra! a noſſa terra!»—bradam todos,
Fita a ſofrega viſta no horiſonte;
Eu ſó ás vagas com ſaudade a volvo,
E á juſtiça de Deus inclino a fronte.

XV

FILHO E MÃE

I

— «Adeus, mãe, adeus!...» —
— «Menino,
Filho do meu coração,
Onde vais tão pequenino?» —
— «Correr mundo é meu deſtino;
Deus me dará protecção.
Adeus, mãe!...» —
— «Oh! filho meu,
Porque não vives contente
Co'a ſorte que Deus te deu?
Tua mãe é tão doente!...» —
— «Mãe, ſe me não deixas ir...» —
— «Que fazes?» —
— «Oh! mãe, conſente!...» —

— «Se não deixo?...» —
— «Hei de fugir!» —
— «Filho!» —
— «Perdão... é deſtino.» —
— «Mas tu és tão pequenino...» —
— «Adeus, mãe; eu vou partir!» —
— «Só tens dez annos, criança!
Com eſſa idade, onde vais?» —
— «Mãe, tenho em Deus confiança,
Não preciſo nada mais.» —
— «Vae, meu filho; dizes bem;
Quem põe no ceu a eſperança,
É que no mundo a não tem.
Vae, menino; vae, querido;
Eu fico ſempre a chorar
Pelo meu filho perdido...» —
— «Não chores, que hei de voltar...
Hei de trazer um theſoiro
Das terras d'além do mar...» —
— «Oh!...» —
— «De groſſas contas de oiro
Te hei de fazer um collar.
Não chores, ó mãe querida;
Não chores, que hei de tornar!» —
— «Ai! filho da minha vida!
Nunca mais te torno a ver!
Filho, não vás, não me deixes,
Que não te quero perder.» —

— «Mãe...» —
— «Não quero!» —
— «É meu deſtino...» —
— «Não quero, que vais morrer!...» —
— «Vou em buſca da riqueza;
Oh! mãe, confia no ceu...» —
— «Não, não, eu quero a pobreza
Ao lado do filho meu.
Não ſejas ambicioſo,
Filho do meu coração.» —
— «Mãe, no inſtante doloroſo
Da noſſa ſeparação,
Roga por mim ao Senhor...» —
— «Se rogo! bem ſei de certo,
Filho do meu amor,
Que n'eſte mundo deſerto
Só me fica immenſa dôr!
Ah! eu jámais te verei...
Se tu ſem mim não morreres,
Eu ſem ti não viverei.» —
— «Oh! mãe!...» —
— «Parte, e ſe voltares
Bem rico e muito feliz,
E a tua mãe não achares...
Não digas que Deus o quiz...» —
— «Mãe!...» —

— «Adeus; eu fico orando,
Porque ſou mãe...» —
— «Voltarei.»—
— «Lembra-te de vez em quando...»
— «Oh! ſempre me lembrarei!» —

II

Partiu o filho; e dez annos,
Buſcando a fortuna em vão,
Só amargos deſenganos
Encontrou ſua ambição.

Penſando na mãe que amava,
Cuidando tornal-a a ver,
Noite e dia ſe canſava
Co'a deſdita a combater.

Por fim, vencido e quebrado,
Mais pobre do que partiu,
Ao ſeu ninho abandonado
A ſaudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia
Quando o triſte ali chegou;
E deſerta, muda, e fria,
Sua morada encontrou.

Então no chão, de joelhos,
Cai humilde a foluçar,
Ao lembrar-fe dos confelhos
Que não foube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,
Não fôra tão infeliz;
Nem choràra um bem perdido,
Que em outro tempo não quiz.

Ai dós que não obedecem
Á dôce voz maternal;
Que n'ella não reconhecem
Affecto mais que mortal!

Ai d'elles! a defventura
Que não prevenir a mãe,
Ninguem, nenhuma ternura,
A póde prever tambem.

XVI

SÓ

> É ver após um dia inda cem dias,
> Nús d'efperança, ferteis de amargura;
> Soccorrer-me ao porvir, e achal-o um ermo.
> E fó, bem lá no extremo, a fepultura!...
>
> *A. Herculano.*

Sobre o ramo do pinheiro,
Que a tempeftade lafcou,
Chora a rôla o companheiro
Que a morte lhe arrebatou;
Chorou de dia e de noite,
Mas o amante não voltou.

A folitaria avefinha,
Não podendo á dôr fugir,
Outro fuftento não tinha
Senão gemer e carpir;
Até que, fentindo a morte,
No chão fe deixou caír.

Como a rôla, abandonado,
Tambem eu vivo a gemer;
Tambem, de chorar canſado,
Quizera poder morrer;
Mas é peior meu deſtino,
Que é de chorar e viver.

A minh'alma toda é luto;
É luto o meu coração;
Da ſaudade o amargo fruto,
Nos meus olhos naſce em vão;
Que o chorar não torna á vida,
E é triſte conſolação.

Viver ſó! n'um mundo immenſo
Onde não tenho ninguem;
Andando como ſuſpenſo,
Ancioſo, buſcando alguem;
E vendo a todos eſtranhos,
Eſtranho eu d'elles tambem!

Eſtender com ancia o braço,
Procurando a mão dos meus,
E não ver ſenão o eſpaço,
Toda a ſolidão dos ceus!
Sempre ſóſinho na terra,
Como um caſtigo de Deus!

Longas noites de vigilia,
Dias de negro pezar,
Eis ahi toda a familia
Que me rodeia o meu lar!
Foi a dôr meu patrimonio;
A minha vida é chorar!

Pae, e mãe, irmãos queridos,
Meus thefouros de affeição,
Uns, diftantes e perdidos,
Outros, debaixo do chão...
A minh'alma eftá deferta,
Deferto o meu coração!

Sófinho, n'efte abandono,
Que me refta, fenão Deus?
Como as folhas que no outomno
Difperfa o vento dos ceus,
Pelas fentenças do Eterno
Vi difperfados os meus!

Faça-fe a voffa vontade,
Senhor, que tudo podeis!
Que eu chore eterna faudade,
Pois vós affim o quereis!
E, cumprindo o meu deftino,
Obedeço ás voffas leis.

XVII

GARIBALDI

(1848)

> Ahi ſventura! ſventura! ſventura!
> Già la terra é coperta d'ucciſi;
> Tutta é ſangue la vaſta pianura!
>
> *Manzoni.*

I

Ai, deſgraça! deſgraça! deſgraça!
Tudo em Roma ſão ruinas, eſtragos!
Jorra o ſangue dos muros da praça,
Convertendo as campinas em lagos.

O francez e o romano abraçados
Brandem juntos o ferro homicida;
Juntos cáem; dos peitos raſgados
Sentem juntos fugir-lhes a vida.

No combate furioſo e tremendo,
Já de Roma os ſoldados fallecem;
Querem livres caír combatendo,
Porque ao menos co'a patria adormecem.

Se o valor e o esforço baſtára
Em defeza da patria invadida,
Nem a França os romanos domára,
Nem a Italia vivêra opprimida.

Mas, ai, Roma! o poder inimigo
Era immenſo, infinito!... cedeſte!
Os teus bravos caíram comtigo;
Um ſó vive; ſó um não perdeſte!

Eſſe, martyr de heroica eſperança,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jámais da lembrança;
Vive n'elle a tua luz derradeira.

Bem o vês: no fragor da batalha,
Já coberto de ſangue e de gloria,
Como corre affrontando a metralha,
Diſputando ao francez a victoria!

Implacavel, furioſo, ſedento,
Se arremeſſa nas hoſtes da Gallia;
N'ellas vinga com ferro cruento
Os aggravos de Roma e da Italia!

— «Quero a morte! matae-me! — clamava —
Contra mim o arcabuz, ou a lança!
Por ſer livre, eſta mão pelejava;
Turba infame d'eſcravos, avança!

Elles fogem? Covardes!... á morte!
Minha Italia, tu morres vingada!
Vencedor! eſte braço inda é forte!
Eſta mão ſuſtém inda uma eſpada!» —

Aſſim falla; e um largo terreiro
Nas oppoſtas fileiras abria;
Paſmam todos do ouſado guerreiro;
A ſeus golpes a morte rugia!

Cáe emfim! como o roble gigante
Eſmagando na quéda os arbuſtos,
Tal o viram, um terço aſſaltante
Eſmagar ſob os membros robuſtos!

Chora a Italia a perdida eſperança;
Roma chora, acceitando o tyranno;
Do caudilho ſe grava a lembrança
Na memoria do povo romano!

E elle vive! cercado de mortos,
Guarda a vida por Deus conſervada;
E ſeu pranto dos olhos abſortos
Se deſpenha no troço da eſpada.

Pouco a pouco do ſolo opprimido
Ergue a viſta á captiva cidade;
E, no peito abafando um gemido,
Sua voz murmurou: — «Liberdade!» —

Como eſpectro terrivel ſurgindo,
D'entre os mortos d'um pulo ſe alçava;
Novo esforço no peito ſentindo,
Eſte adeus aos tyrannos vibrava:

II

— «Ficae, herdeiros de Nero,
Com voſſo dominio atroz!
Sem liberdade não quero
A terra dos meus avós.

É vossa agora, tyrannos!
Se vivem n'ella romanos
Vergados á escravidão,
É raça vil de traidores,
Turba que acceita senhores,
Porque não tem coração.

Os valentes succumbiram;
Por isso Roma cedeu.
As nações pasmadas viram
Como a França nos vendeu;
E nas paginas da historia
Se registrou a memoria
Da affronta que ella nos fez;
Mas a injuria foi vingada,
Porque Roma cai banhada
N'um mar de sangue francez.

E tu, Vigario de Christo,
Tua mão longe que faz?
A lei de Deus é um misto
De misericordia e paz.
Dos apostolos a herança
Devia ser de esperança
Para a triste e oppressa grei;
Porque Deus, sobre o Calvario,
Ordenou ao seu Vigario
Que pastor fosse, e não rei.

Chrifto na cruz expirára
Para os homens libertar;
Hoje exanime a tiára
Deixa os livres efmagar!
Na hiftoria tinhas o exemplo:
Do Cordeiro o facro templo
Não póde o fangue afpergir;
E o defditofo foldado
É martyr, não é culpado,
Que o deixafte fuccumbir!

Para tanta crueldade
Que faltas fizemos nós?
Porque em pró da liberdade
Oufamos erguer a voz,
Pedes tu jugo eftrangeiro!
Acceitas o captiveiro
Do teu paiz, e dos teus!
Oh! mal haja quem defeja,
Ante a humildade da egreja,
Preferir um reino a Deus!

Mas efcravos não ficámos,
Porque o ultimo caiu!
Dez contra mil pelejámos,
E nenhum de nós fugiu!

Nenhum a fronte ſuprema
Curvou tambem ao diadema
Do apoſtolo feito rei;
Cáem todos combatendo,
Porque te vais eſquecendo
Da lei de Deus, e da grei.

Roma, coberta de luto,
Recebe-te com deſdem;
É pranto e ſangue o tributo
Da nova Jeruſalem!
Chora, cidade captiva,
Como outr'ora a mais altiva
Das cidades d'Iſrael!
Mas ſe a outra foi remida,
Tu não pódes ſer punida,
Porque a Deus eras fiel.

E não durmas, deſgraçada,
Que o ſomno da eſcravidão
Te deixará transformada,
Sem brios, nem coração!
No teu duro captiveiro
Farás o povo guerreiro
Se lhe fallares de mim.
Guarda a fé e a eſperança,
Que, ſe no bem ha mudança,
Tambem o ſoffrer tem fim.

Eu, que não era teu filho,
E que por mãe te adoptei,
Volto ao mar, ao tombadilho
Que por teus muros deixei.
Meus irmãos déram-te as vidas;
Eu levo trinta feridas,
Todas no peito, bem vês!
De mim a morte fugia,
Porque as coſtas não volvia
Garibaldi, o genovez!

Vivo fiquei? Foi deſtino;
Já ſem arcabuz e eſpada
Me atirei, cego e ſem tino,
Para as filas da avançada.
Peitos, craneos deſpedaço;
Meus pulſos tornam-ſe d'aço;
Torna-ſe ferro eſta mão!
Sobre mim chovem as balas;
Mas eu vou, rompendo as alas,
De mortos cobrindo o chão!

Rebramem correndo as vagas
Do exercito aggreſſor;
Contra mim lanças e adagas
Se arremeçam com furor;

Em vão me férem! a vida,
Por cem golpes offendida,
Perſiſte no corpo meu!
Ante mim tudo caía;
Tudo meu pulſo abatia;
De pé... ficava ſó eu!

A carne cai-me aos pedaços;
Dos olhos foge-me a luz;
Porém, erguidos os braços
Como os braços de uma cruz,
Férem, derribam, eſmagam;
As minhas faces ſe alagam
Co'o ſangue dos que proſtrei!
Tudo paſma, foge, e corre;
Todo o que fica ali morre;
Eu meſmo de mim paſmei!

E não morri! mutilado,
Porém vivo, em mim ficou
O derradeiro ſoldado
Que Deus a Roma deixou.
Com que fim? Da Providencia
A myſterioſa ſciencia
Não é dado aos homens ler.
Porém, ó Roma, não durmas,
Que um dia, com novas turmas,
A teu lado me has de ver.

Só vejo efcravos na terra;
Só homens livres no mar;
Dos elementos a guerra
De novo irei affrontar.
Adeus, ó reftos fagrados
Dos meus valentes foldados!
Martyres da patria, adeus!
Venceram noffos deftinos;
Deixemos os affaffinos
Folgar co'as iras de Deus!...» —

III

Affim diffe; porém foluçava
Proferindo effe adeus derradeiro,
Vendo o fangue que a terra inundava
Derramado por ferro eftrangeiro.

Era noite. Seu grito de guerra
Solta ao ar, para Roma o envia!
Fére os ecos do valle e da ferra;
Mas, captiva, a cidade dormia!

— «Adeus pois!» — exclamou, quando occulto
Pelas ſombras, da noite ſe lança.
Vendo ao longe ſumir o ſeu vulto,
Chora Roma a perdida eſperança.

Porém quando refervem os mares
Parecendo ameaçar tempeſtade,
Uma voz, que retumba nos ares,
Vem ás praias bradar: — «Liberdade!» —

XVIII

AMOR E DEVER

III

Affim diffe; porém foluçava
Proferindo effe adeus derradeiro,
Vendo o fangue que a terra inundava
Derramado por ferro eftrangeiro.

Era noite. Seu grito de guerra
Solta ao ar, para Roma o envia!
Fére os ecos do valle e da ferra;
Mas, captiva, a cidade dormia!

Nos ſalgueiraes e vimeiros
Ouve-ſe o cantor plumoſo,
Ternas queixas entoando,
Dos ſeus amores ſaudoſo.

Dormiu ſó dentr[illegible]

XVIII

A ORAÇÃO

.... Tu ſola
Sorgi al mio labbro, flebile preghiera,
Sorgi dal cor, cui dolce idea conſola
Di calma vera.

Mancini Oliva.

Naſce o dia. A natureza,
Do veu da noite deſpida,
Apparece em toda a terra
De novas galas veſtida.

A manhã ſurge formoſa,
Cercada de rubras côres;
E nos prados deſabrocham
As lindas mimoſas flôres.

Nos ſalgueiraes e vimeiros
Ouve-ſe o cantor plumoſo,
Ternas queixas entoando,
Dos ſeus amores ſaudoſo.

Dormiu ſó dentro do ninho,
Junto á penna derradeira
Caída das azas mortas
Da perdida companheira.

O ſeu canto não ceſſava
Quando a amante inda vivia:
Cantava a todas as horas,
Quer da noite, quer do dia.

Agora... o canto nocturno
Inſpira maior triſteza!
O rouxinol junta um hymno
Aos hymnos da natureza!

Brilha ainda ſobre as plantas
O orvalho da madrugada;
Cobre ainda os altos montes
Denſa nevoa prateada.

Começa o ruido da terra
Nos campos e povoados,
Repetindo hymnos eternos,
Para Deus alevantados.

Abrem-ſe as portas da ermida,
E o chriſtão n'ella ſe lança;
Co'a prece n'alma e nos labios,
Buſca a fonte da eſperança.

O velho cura das almas,
Saindo do presbyterio,
Á capella ſe encaminha
Atravez do cemiterio.

Ao paſſar, a um lado e outro
Vai orações eſpalhando
Sobre os que dormem nas campas,
E ſobre os que vão paſſando.

Ante a ſua fronte auguſta,
Pelas virtudes ſagrada,
A mãe, que chora a filhinha,
Vai curvar-ſe reſignada.

Confolam-fe os defgraçados,
Que uma vez o teem ouvido;
Para Deus, com feus confelhos,
Muitas almas tem colhido.

E Deus, tomando-as em conta
Ao patriarcha da aldeia,
Moftra que atrás de feus paffos
A fé mais viva fe ateia.

Penetra na ermida, e o povo
No mefmo inftante ajoelha;
Ao longe o vafto horifonte
Se tinge de côr vermelha.

Surge o fol, e o facerdote
De Chrifto o fangue levanta;
E o novo dia começa
Ante a Hoftia facrofanta.

Ora toda a natureza;
Toda a terra, mar, e ceus,
Dizem *Sanctus, Sanctus, Sanctus!*
Ante a imagem do feu Deus!

De dia, como de noite,
É eterna a oração
Que rezam luzes dos aftros,
E vozes da criação.



XX

A HUNGRIA

(1848)

Infelizes! Da turba guerreira
Fica um refto, que, prompto a morrer,
Cobre a face co'a rota bandeira,
Para ao menos a affronta não ver!

Mendes Leal.

I

Da revolta o clarim nos montes fôa;
Aos valles defce; pelos campos vôa,
Fallando em liberdade ao coração;
E a nação, dos tyrannos já canfada,
Ergue ás mãos ambas fua rija efpada,
Com furor facudindo a efcravidão!

*

— « Liberdade! » — eis o grito do guerreiro,
Defpedaçando o jugo do eftrangeiro,
Que fua nobre terra avaffalou!
— « Liberdade! » — era o hymno da efperança,
E ao mefmo tempo o grito da vingança
Que o poder dos tyrannos provocou!

— « Liberdade! » — eis o nome que levanta
Effe povo, correndo á guerra fanta,
Aonde a independencia lhe reluz!
Não fe eftremam os fexos e as idades;
Combatem pelas patrias liberdades
Com a efpada, o punhal, e o arcabuz!

Vôam dez efquadrões á redea folta,
Conduzindo o eftandarte da revolta
Que deve toda a Hungria refgatar!
Contra as hordas do féro defpotifmo
Se arrebatam de heroico patriotifmo
Os que querem fua terra libertar.

Agora ninguem póde dominal-os!
A terra efcavam feus leaes cavallos;
Mordem freios com ancias de correr!
E, livres como os bravos cavalleiros,
Galgam vallados, pantanos, e outeiros,
Ajudando feus donos a vencer!

O eſpaço, ardentes, na carreira embebem;
Mas ſe nas lutas do ſenhor percebem
O braço e duros golpes afrouxar,
Voltam, fogem com elle ao inimigo,
E, deſmaiado ou morto, o ſeu amigo
Reconduzem fieis ao patrio lar!

Oh! raça illuſtre de corceis brioſos!
Valerão teus inſtinctos generoſos
A teus nobres ſenhores, e paiz?
Ou eſte alegre, enthuſiaſmado povo,
Depois da guerra curvará de novo
Ao jugo dos eſtranhos a cerviz?

II

Em vão, deſgraçada terra,
Os teus valentes armaſte!
Em vão na eſcóla da guerra
Alguns heroes alcançaſte!
Para oppôr tua juſtiça
Dos eſtranhos á cubiça,
Devias ter mais canhões;
Não póde haver liberdade
Onde as leis ſão a vontade
Dos mais fórtes eſquadrões.

De novo o ceu te condemna
Aos ferros do captiveiro;
Do Danubio até ao Sena
Tremúla o pendão guerreiro;
Corre ás armas toda a gente,
Do norte até o occidente,
Para te vir algemar!
A Russia, a Allemanha, a França,
Um quarto do mundo avança
Para teus campos talar!

Não ouves confusa grita
Na fronteira da Esclavonia?
É da horda moscovita
Dos tyrannos da Polonia.
Das bandas da Lithuania,
Do Don, do Caucaso, e Ukrania
Surge immensa multidão;
O feroz kalmuko avança;
E o cossaco empunha a lança,
Exigindo o seu quinhão.

Fartar! fartar, salteadores!
Fartar, selvagens escravos!
Devastae, vis oppressores,
A terra santa dos bravos!
Vinde, ó filhos de Vienna,
Filhos dos heroes de Jena,

Vinde, francezes leaes!
Que importa o odio paſſado?
Já Moscow foi apagado,
E os coſſacos abraçais!...

Do povo as lutas ſupremas
Encerram altos myſterios!
Para a eſte dar algemas,
Congregam-ſe tres imperios!
Jaz captiva a triſte Hungria...
Folga, pois, ó tyrannia!
Opprime-a com teu poder,
Que a liberdade não morre;
Se ninguem hoje a ſoccorre,
Deus a virá proteger.

Volvem os ultimos bravos
Da patria aos lares ſagrados,
Onde vão curvar, eſcravos,
Os ſeus membros mutilados!
Para outrem, finda a guerra,
Vão lavrar a meſma terra
Que o martyrio lhes ſagrou!
Para o deſpotiſmo bruto,
Com ſuor molhar o fruto
Que o ſeu ſangue fecundou!

Exultae, reis deshumanos,
Algozes da liberdade!
A hiſtoria chama aos tyrannos
Flagellos da humanidade.
Folga, ó deſpota do Sena!
Mas olha que em Santa Helena
Outro maior ſuccumbiu!
E a eſſe perdôa a hiſtoria,
Não por ſua immenſa gloria,
Mas pela dôr que o pungiu!

Eſſe, ao menos, a memoria
De Alexandre recordava,
E dos loiros da victoria
Seu deſpotiſmo adornava;
Eſſe, ao menos, não fingia;
Como Ceſar combatia
Pelas meſmas condições;
E, como Ceſar vencendo,
Ia o ſeu poder fazendo
Igual aos ſeus batalhões.

Mas eſſe, como Tiberio,
Revelava os ſeus intentos,
Do conſulado ao imperio
Gaſtando apenas momentos...

Esse, erguendo a fórte espada,
A velha Europa aterrada
A seus pés ía caír;
E elle, genio tão profundo,
Era grande, porque o mundo
N'um imperio quiz fundir!

Porém tu, republicano,
Teu braço perjuro armaste;
E ao livre povo romano
Os pulsos de novo ataste;
Do Beresina esquecido,
Com a Russia agora unido,
Vais a Hungria escravizar!
Eis teus feitos! É teu vulto
Á liberdade um insulto
Que os povos hão de vingar.

O que vale o nome herdado
Do prestigio inda brilhante,
Sem a espada do soldado,
Sem as forças do gigante?
Se te exalta um povo louco,
Ouviste-o pedindo ha pouco
A morte do proprio rei!...
Treme pois que, vinda a hora
Da justiça vingadora,
Te condemne a mesma lei.

III

E elles cairam, os heroes da Hungria!
Cairam nos abertos parapeitos,
Glorificados por ſeus altos feitos,
Cobertos de ſeus rotos pavilhões!
Ide ali aprender, povos da terra,
Como ſe morre com eterna gloria,
E como o vencedor paga a victoria
Quando tem de vencer taes campeões!

Por cada bravo que cerrára os olhos,
A morte preferindo ao captiveiro,
Dez ſoldados do exercito eſtrangeiro
Com rugidos de dôr mordem o chão;
Dão aos infernos as damnadas almas,
Cuſpindo injurias contra o ceu e a terra:
E ſobre aquelle que os mandou á guerra
Lançando a derradeira maldição!

E os filhos da Hungria, ſuccumbindo,
Morrem certos que o ſangue derramado
Deixa o ſolo co'a idéa fecundado,
Reſervando ſeus frutos ao porvir;

E que ao ſagrado amor da liberdade
A prova do martyrio retempera;
E que o ſangue vertido regenera
Os que para vingal-o hão de ſurgir.

Oh! mas não laſtimeis os que ficaram
Sem achar no fragor de dez batalhas
As gloriofas celebres mortalhas
Que a maior parte da nação achou!
Miſſão tambem illuſtre cabe a eſtes,
Que é fazer de ſeus netos bons ſoldados
Para um dia cumprirem os legados
Que a morta independencia lhes deixou.

Encaminhae-os, pois, brioſos velhos,
Porque os não degenere o captiveiro;
E todo o que receba do eſtrangeiro
Um ſerviço, um emprego, um ſó favor,
Á face do paiz ſeja infamado!
Renegue-o a familia, e ſeus amigos;
Semelhante ao mais vil dos inimigos,
Morra pelo punhal como um traidor!

E depois, quando o dia fôr chegado
De invocar novamente a liberdade,
Não mancheis com inutil crueldade

A victoria que certo alcançareis;
Mas ſe não a ganhardes, como os Décios,
Não vos deis dos infernos á potencia;
Morrei antes co'a voſſa independencia,
A novo captiveiro não torneis.

XXI

A UMA MULHER MUITO FEIA

Correrei mundos e mundos;
E, lá dos mundos no fim,
Saltarei fóra dos mundos
Se te vir atrás de mim.

. . . .

Se, chegando ao fim dos mundos,
Tu olhares para lá,
Direi ao autor dos mundos:
— «Mais mundos! que ella cá eſtá!» —

Santos Cruz.

És tão feia creatura,
Que até o Deus que te fez
Voltou o roſto aſſuſtado
Ao ver-te a primeira vez!

Quando naſceſte era noite;
Mas, logo que amanheceu,
Tua mãe viu-te, e gelada
De puro medo morreu!



Teu pae, teu avô, teus tios,
Foram-ſe todos tambem!
Acabaram aterrados,
Como a tua pobre mãe.

As crianças a quem fallas
Não tornam a comer pão;
Mulher pejada que topes,
Pare logo um aleijão.

A morte biſpou-te um dia,
E começou a rugir,
Por ſaber que com tal cara
Não podia competir.

Mas foi-ſe chegando a medo,
E diſſe, dando-te um coice:
— «Se eu apanho aquella cara
Nunca mais uſo da foice.

Ninguem mais torna a eſcapar-me,
Quer ſeja doente, ou ſão;
Morrem todos em me vendo
Com tal caraça na mão.» —

Porém a morte era tonta
Com efte feu difcorrer:
Quando te viu bem de perto,
Ella é que efteve a morrer.

Deu-te ao diabo, e, fugindo,
Não olhou mais para trás;
Mas diffe ao autor dos mundos:
— «Ó Senhor! veja o que faz!» —

O diabo, ao chamamento
Da morte, grato acudiu;
Mas ao ver-te, gritou logo:
— «Coifa affim nunca fe viu!» —

Cobriu os olhos co'o rabo,
E fugiu a barregar
Que emquanto tu fôres viva
Não torna ao mundo a voltar!

— «Eu cuidei — urrava a befta —
Que era alguma alma capaz...
Mas aquella não me ferve!
Palavra de Satanaz!



Póde gabar-ſe a caraça
Que é a primeira mulher
Que eſpanta o diabo e a morte,
E nem um nem outra a quer!» —

XXII

A MINHA SORTE

El poeta em ſu miſſion
Sobre la tierra que habita,
És una planta maldita
Con frutos de bendicion.
Zorrilla.

Bem joven inda, ao começar da vida,
É já meu coração de magoas fonte!
Na idade em que o prazer ſorrí aos outros,
C'roa d'eſpinhos me ulcerou a fronte!

Vi um inſtante a eſperança;
No porvir cuidei ventura;
Mas o meu ſonho doirado
Converteu-ſe em noite eſcura!

Minhas vizões tão bellas e queridas,
As dôces illuſões que eu afagava,
Foram-ſe todas, como ſonhos que eram,
Quando a dôr tão real me deſpertava.

As roſas da minha vida
Esfolhou-as a traição;
Por affectos verdadeiros
Só achei ingratidão.

O fel amargo roxeou meus labios;
'Té ás fézes o calix eſgotei;
Gota a gota por mão do deſengano
N'eſt'alma anguſtiada o derramei.

E o mundo, que é miſeravel,
Sorriu-ſe da minha dôr!
Zombou do mal que fizera,
O barbaro enganador!

Mas que me importa, ſe o deſprézo e odeio?
Eu não poſſo nem quero reſignar-me;
Só deſejo que a morte condoída
Venha d'eſta poeira libertar-me.

É funeſto o dom da lyra:
Quem naſce para cantar,
Querendo fallar verdade,
No ſeu canto ha de chorar!

E eu que não merecia o dom terrivel!
Mas deu-m'o a ſorte, ou Deus! Ai! quem o inveja
Não ſabe que por lagrimas ſuſpira,
Nem quanto amarga o fruto que deſeja!

Porque o poeta na terra,
Cumprindo ſeus duros fados,
É uma planta maldita
Com frutos abençoados.

XXIII

O JAU

Já curvada a fronte auguſta,
E cobert[illegible] face aduſta
De fun[illegible]a [illegible]llidez,
Ca[illegible]s á [illegible]ngua expirára...
E [illegible] ſó v[illegible]e o confortára,
[illegible]ôra[illegible]um portuguez!

Er[illegible]ravo, que a ſorte
Levou ao leito da morte
Do mais ſublime cantor,
Para lhe dar como herança,
Não a luz d'uma eſperança,
Mas ſaudade, fome, e dôr!...

Que lhe importa agora a vida?
Planta de longe trazida,
Que ao tranſplantar-ſe murchou!
Sem a luz, que tudo anima,
Sem o ar do patrio clima
Que na infancia reſpirou!

O ſeu amigo eſtá morto;
E o captivo ſem conforto
É livre, e não quer viver...
E chora o ſeu captiveiro,
Seu ſenhor, ſeu companheiro,
Que já não torna a volver!

Só do ſenhor tem ſaudade;
Que lhe importa a liberdade?
Pobre, eſcravo, era feli[illegible]..
Mas agora, ſem abri[illegible]
Onde ha de achar ou[illegible] a[illegible]
Tão longe do ſeu pai[illegible]

Á margem do Tejo[illegible]nd[illegible]
Vai um ſitio procura[illegible]
Prezado de ſeu ſenhor;
Logar fatal, mas querido,
Onde Camões tinha ouvido
Promeſſas de eterno amor!

Ás turvas aguas do rio
Lançando um olhar ſombrio,
O pobre Jau murmurou:
— «Ali jaz ſua ventura!
Seu amor, ſua triſtura,
Onde naſceu expirou...» —

Depois a voz se lhe inflamma:
— «Terra d'ingratos! — exclama —
Que não ſabe o que perdeu!
Eu ſó, captivo, exilado,
Entre os ſeus tenho chorado
Pelo genio que morreu!

Oh! meu ſenhor! n'eſtas aguas,
Que augmentaram tuas magoas,
As minhas irão tambem;
Vou guardar o teu ſegredo...
Soube-o eu eſte arvoredo,
Ella, Deus, e mais ninguem!

[illegible] o [illegible]ali ſuſpira
P[illegible]doſa lyra,
Do teu Jau dobra o chorar.
Oh! meu ſenhor... meu amigo...
Já que não vivo comtigo,
Tambem não quero ficar!» —

Calára-ſe a voz plangente;
E arrebatada corrente
Ao mar o corpo levou.
A ſua alma aos ceus voando,
Da terra, que ia deixando,
O corpo não confiou.

Não; que o pobre Jau ſabia
Como a terra onde morria
Gera ingratos corações!
E temeu a deſventura
De ficar ſem ſepultura...
Como ficára Camões!

XXIV

A ONDA MENSAGEIRA

Tão longe é teu paiz! é tão diſtante,
Que de tornal-o a ver perco a eſperança!
O Oceano entre nós! e ſobre as ondas
O giro das tormentas não deſcanſa.

Mas quem póde impedir, alma querida,
Que, apeſar dos perigos e do eſpaço,
Os noſſos penſamentos, que ſe buſcam,
Poſſam unir-ſe com eterno laço?

Eu procuro-te á noite quando a lua
Com terno beijo empallidece as roſas;
E nas praias do mar que nos ſepara
Vão noſſas almas ſuſpirar ſaudoſas.

Eu vejo-te ſorrindo melancolica
Para a onda azulada que ſe agita,
Que vai e vem, como o deſejo occulto
Que no teu virgem coração palpita.

Digo-te que o ruido d'eſſa vaga
Te pede para mim uma lembrança;
E a onda volve murmurando um nome,
Um ſegredo de amor, uma eſperança!

Diz-me que á ſombra da floreſta amada,
Onde creſcem as indicas mangueiras,
Ouviu com ancia repetir meu nome
Sob as folhas das verdes bananeiras;

Que te viu aſſomar pallida e triſte
D'entre a eſpuſſura caminhando á plaga;
E uma candida flôr de cajueiro
Tirar da fronte, e arremeſſar á vaga.

— «Vae — lhe diſſeſte — derradeiro alento
De um coração, que amor embriagára;
Deixou-te em minhas mãos na fatal hora
Em que ſó n'eſtas praias me deixára.

Vae dizer-lhe que ſempre te hei guardado
Como penhor de rapida ventura;
E, milagre de amor! que não murchaſte
Senão no inſtante em que lhe fui perjura.

Ai, perjurei! um coração ardente
Não deve caſtigar-ſe por tal erro;
A auſencia é a morte; e ſem amor, a vida
Não fôra mais que miſero deſterro.

Accuſe o ceu, o ſol que me alumia,
A amoroſa fragrancia d'eſtas flores,
O ſeu deſtino, que não quiz deixal-o
N'um paraizo de eternaes amores.

Vae, querida memoria do paſſado;
Dize-lhe que, ſe aqui volver um dia,
O amor da mulher é ſempre virgem,
E do cajueiro a flôr reviveria.» —

Cala-te, ó vaga! a ingratidão baſtava.
Foſte a onda da infamia e da vergonha,
Que veiu derramar n'um peito virgem
De uma vibora a lubrica peçonha.

Corre, vôa a dizer a quem te envia:
Que não profane o amor em vil patibulo;
Que Deus deu esse gozo ás almas puras,
Mas recusou-o ás filhas do prostibulo.

Pagina 172.

XXV

PRIMAVERA

Vens em vão, ó primavera,
Sorrir-me com teus verdores!
Dias de abril e de maio,
Levae os voſſos fulgores,
As voſſas manhãs formoſas,
As voſſas mimoſas flores.

Dos voſſos dôces aromas
Que me importa a variedade?
Eu já não tenho alegria,
Não tenho já mocidade:
Do porvir ſó tenho medo;
Do paſſado, ſó ſaudade!

Pagina 172.

Que me importa d'outras flores
A fragrancia recendente,
Se as rosas da minha vida
Murcharam rapidamente?
Do primeiro sol do estio
Queimou-as o beijo ardente!

Vae-te, pois, ó primavera,
Que apenas por mim passaste;
Eu amava o ceu e a terra
Quando de mim te apartaste;
Meu primeiro amor tu foste;
Primeiro me abandonaste.

Agora, pouco me importa
Ver fugir os teus verdores;
Se tenho menos tristeza
Diante dos teus fulgores,
Tambem mais da mocidade
Lastimo as perdidas flores.

XXVI

NO LIVRO D'UM PINTOR

I

Se esgotaste uma vez as fontes d'alma,
Se n'um pego de lagrimas amargas
Da esperança afogaste o dôce brilho,
Quando te viste fatigado, exhausto
De lutar contra a dôr que te opprimia,
Quem foi erguer-te a descaída fronte?
Se as procellas da vida em mór braveza
O teu límpido ceu anuviaram,
Se os olhos, pelo pranto amortecidos,
A luz buscaram no turvado oriente,
Que viste? O mundo todo ermo de affectos
Para encherem o vacuo de tua alma!

II

Se á luz tremenda de funéreas tochas
Viſte deſcer os teus á ſepultura,
Orvalhando com prantos a ſaudade,
Não ouviſte as riſadas eſtridentes
Das ſaturnaes infames? e não viſte
Em negras eſpiraes alevantar-ſe
Do meio dos feſtins um miſto horrendo
De fumo e vinho? A compaixão do mundo,
Do mundo que julgaſte um paraizo,
Não reſpondia aſſim a teus lamentos?
Pela fé, pelo amor, e puras crenças
Do coração aberto para todos,
Ao deſpontar da vida, que te déram?
Mentira, hypocriſia, os mais covardes;
Os outros, o cyniſmo dos inſultos!

III

Todos te incitam a ſeguir a gloria;
E tantos deſenganos não baſtaram
Para arredar-te do caminho incerto!

Do teu genio de fogo as azas sóltas,
E imprimindo a inſpiração na tela,
Novo Pygmalião, á natureza
Roubas um dos mais bellos attributos!
Oh! quem da tua fronte hoje pudéra
Deſviar do deſtino o dedo occulto!
A gloria! mas a gloria é um vão fantaſma,
Triſte origem de dôres e miſerias!
Um bello ſonho, liſongeiro agora,
Depois, ao deſpertar, cruel verdade!
É tua eſtrella. Segue-a pois, amigo...
Amigo, diſſe? Tão uſado e gaſto
Nome, que acoita a perfida mentira!
Não mancharei com elle a caſta folha
Do teu formoſo livro. Irmão... é menos,
Fôra menos, ſe amigos exiſtiſſem;
Irmão, ſegue teu rumo; e, ſe a deſgraça
Toldar de novo o brilho de teus dias,
Eſconde o pranto que te venha aos olhos,
E chora ſó comtigo. O mundo é o meſmo
Em toda a parte. Para as dôres d'alma
Põe os olhos no ceu; lá ſó fulgura
Luz, que póde chamar-ſe a da eſperança.

XXVII

ÁMANHÃ

> Oh! demain, c'eſt la grande choſe!
> De quoi demain ſera-t-il fait?
> L'homme aujourd'hui ſeme la cauſe;
> Demain Dieu fait mûrir l'effet.
>
> *V. Hugo.*

Se eu verei ámanhã o novo dia
Raiando no horiſonte!...
E o ſol apparecer ſobre os pinheiros
Que povoam o monte!...

Se eu verei ámanhã eſtas eſtrellas
Brilhar no firmamento!...
Se ouvirei o murmurio d'eſtas folhas
Batidas pelo vento!...

Se eu verei ámanhã nafcer a lua
De nuvens coroada!...
E fe ouvirei o fufurrar das aguas
Que defcem da quebrada!...

Se ouvirei ámanhã as avefinhas
Que hoje cantam amores!...
Se afpirarei o ar embalfamado
D'eftas vívidas flores!...

Se eu virei ámanhã ás mefmas horas
Gemer aqui fófinho,
Como a rôla que fobre o ramo fecco
Chora a perda do ninho!...

Ai! ámanhã terão caído as folhas;
E, por entre os pinheiros,
Eu não verei o fol do novo dia
Paffar fobre os outeiros!...

Ámanhã não verei a luz dos aftros,
Nem o correr das aguas!...
Não ouvirei a dôce voz das aves
Cantando fuas magoas!...

Ai! ámanhã não ouvirei a aragem
Murmurar-me aos ouvidos!...
Nem a fragrancia d'eſtas vivas flôres
Gozarão meus ſentidos!...

Ámanhã não verei no firmamento
A luz que me aquecia!...
Nem pedirei á ſolidão da noite
Amoroſa poeſia!...

Ámanhã... é o dia do deſcanſo,
Da paz, e do conforto!
Ámanhã... cai no termo da viagem
O peregrino morto!



XXVIII

A VISÃO

Si tu n'eſt point l'enfant d'un vain délire,
Deſcends vers moi de ton brillant ſéjour!
Mon cœur t'attend, il t'appelle, il ſoupire,
Deſcends des cieux, deſcends, eſprit d'amour!

P. Flaugergues.

Nas horas em que do ceu
O brilho do ſol fugia;
Quando a terra ſe cobria
De pezado e eſcuro veu;
Quando em ſilencio profundo
Tudo em torno adormecia, —
Em ſonhos eu me perdia
Em procura de outro mundo,
E era ſó então que a via.

Ai, como o tempo voava,
Quando a formoſa viſão,
Saindo da cerração,
A meus olhos ſe moſtrava!
Como rapidos inſtantes
As noites me pareciam,
Porque todas me fugiam
Como as horas dos amantes!
Oh! quem as vira voltar,
E nunca mais as perdêra!...
Ou quem as não conhecêra,
Se tinham de ſe acabar!

O ſeu pallido ſemblante,
No ether puro dos ceus
Com ſaudade os olhos meus
Procuram a cada inſtante.
Em cada noite ſem lua,
Cheio de contentamento,
Cuido eu ver a imagem ſua
Pairando no firmamento.
Illuſão! Oh! dôce amada!
Se tens poder de voltar,
Vem de novo enfeitiçar
A minh'alma enamorada!

Não vens? Não ouves o grito
Que te diz a muita dôr
De quem expia o amor
Com ſaudades de proſcripto?
Serias um ſonho vão?
Porém eu vi-te de certo,
N'um ceu d'eſtrellas coberto,
Das noites na ſolidão...
De nuvens toda veſtida,
Os meus olhos faſcinavas;
Cuidei que ao ceu me levavas,
De lá te julguei deſcida.

Não vês que minh'alma chora
Com ſaudades de te ver?
Para mim volve a naſcer;
De noite ſê minha aurora.
Se fui eu que o ſer te dei,
Se dos meus ſonhos és filha,
Bella, como eu te ſonhei,
De novo a meus olhos brilha.

Nem ſonho, nem realidade!
Surda a terra, mudo o ceu,
Não reſpondem á ſaudade
Que devora o peito meu.

XXIX

Á MORTE DO CONDE DAS ANTAS

Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto calado!
Guerreiros, não córeis: o pranto é bello
Nas faces do ſoldado.

Mendes Leal.

Silencio!... já no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.

Sobre mil faces, pelo ſol creſtadas,
Saudoſo pranto cai.
Á ſombra das bandeiras inclinadas,
Caçadores, chorae.

Chorae o general na defpedida,
        Porque vai lá ficar.
D'efta vez a batalha eftá perdida;
        Não o vereis voltar.

Chorae-o pela morte fubjugado,
        Que em vida livre foi;
Tinha no rude peito do foldado
        Um coração de heroe.

Caçadores, fentido! Joelho em terra!
        Armas em funeral!
Orae a Deus por elle. É finda a guerra.
        Paffae, meu general!

Vós que foftes com elle tantas vezes
        De inimigos terror,
Chorae agora, bravos portuguezes,
        O bravo caçador.

Jaz partida no chão a fórte efpada
        Junto do maufoleu;
E a liberdade, aos reftos abraçada,
        Pranteia o filho feu.

O nome do guerreiro é já da hiſtoria,
Se o homem acabou;
E ſob a campa não lhe cabe a gloria
Que na vida ganhou.

Cai por terra o eſtandarte das victorias,
Envolto em negro dó;
Teſtemunha que foi de tantas glorias,
Agora varre o pó!...

Mas, ſilencio!... no cimo das muralhas
Adormece o canhão;
Dorme com elle o genio das batalhas,
O grande capitão.

XXX

A ESTRELLA DO DIA

Quem ha de dizer-te adeus?
Eſtrella deſconhecida,
Brilhas de dia nos ceus,
De noite vagas perdida!
Só eu te via e te amava,
Quando tua luz celeſte
Para ti me encaminhava;
Ninguem mais te conhecia,
Que ninguem buſca as eſtrellas
Depois que apparece o dia.
Todos no ceu querem vel-as,
E nunca deſconfiavam
Que a minha eſtrella naſcia
Quando as outras ſe occultavam.

Oh! como eu quiz á ventura,
Quando vi que me guiavas,
E na tua luz tão pura
Minh'alma regeneravas!
Cuidei que minha ſerias;
Que, ſendo eſtrella do ceu,
A eſte mundo virias
Por um triſte como eu.

Vê como ſou deſgraçado,
Pois tenho de te perder!
Para ſonhar acordado,
Melhor fôra não te ver!...
Porém agora, querida,
Como viver ſeparado
Da luz que me deu a vida?
Que nunca meus olhos canſa,
E quando a tenho buſcado
Sempre me diſſe — eſperança?...
Mas ſe eu tinha de perder-te,
Melhor fôra nunca ver-te!
Adeus, para ſempre adeus,
Ó minha eſtrella querida!
Feliz de mim, ſe nos ceus
Ficares deſconhecida!...

XXXI

A LIBERDADE

(A Luiz Augufto Palmeirim)

Liberdade! fofte a deufa
Dos captivos de Sião!
....
....
È por ti que nós poetas
Hoje lutâmos em vão;
Por ti, formofa deidade,
Deufa do meu coração!

L. A. Palmeirim.

I

Poeta, como tu canto a deidade
Por quem tua alma a tua mufa incita.
Como o teu, por amor da liberdade,
Tambem meu livre coração palpita.

Por ella, e só por ella, é que eu anceio
Ter da lyra immortal o dom divino,
Chamar-te irmão, e unindo-te a meu seio,
Cantar comtigo, e ter o teu destino!

A lyra, e a crença d'um poeta obscuro,
Que ousa chamar-te irmão — o temerario! —
Vão comtigo á conquista do futuro,
Cantando a luz descida do calvario.

Acolhe-me, ó poeta! a tua gloria
Dá bem para nós dois; parte-a commigo;
E se um dia de mim houver memoria,
Será porque me foste irmão e amigo.

II

Não morre a liberdade; a desventura
Fal-a ás vezes ceder á tyrannia;
Mas por maior que seja a noite escura,
Sempre a ella succede o claro dia!

Por mais que dure o rigoroso inverno,
Sempre vem após elle a primavera.
Após chuvas, trovões, sombras do inferno,
Vem a luz que o universo regenera.

Aſſim, tenta debalde o deſpotiſmo
Votar a liberdade ao exterminio;
Ella reſurge ſem terror do abiſmo
Exilando a familia de Tarquinio.

Eterna como o ſol, como a verdade,
Como Deus que a criou, morrer não póde;
Se mais querem roubal-a á humanidade,
Mais breve o jugo do terror ſacode.

III

Oh! caſta deuſa de meus verdes annos,
Apeſar de eu ſer inda adoleſcente,
Levanto-me por ti contra os tyrannos,
Pulſando a lyra com amor fervente.

Eu tinha um luſtro quando tu ſurgiſte
Na terra portugueza triumphante;
Amo-te deſde então, porque ſorriſte
Como um anjo do ceu ao tenro infante.

Comtigo me criei; vivi comtigo,
Até nas longes praias do deſterro,
Vendo-te ſempre do maior perigo
Saír mais pura caſtigando o erro.

Porque soffres agora em nossa terra?
Que venham offuscar teus dôces brilhos
Esses bastardos que te fazem guerra
Jurando, mas em vão! que são teus filhos.

Teus filhos, elles! Legião de escravos
Que tu roubaste ao despotismo adusto,
E que te pagam algemando os bravos
Que o sangue déram por teu nome augusto!

Teus filhos! e preparam-te a mortalha!
Mas quem é que não sabe a sua historia?
Ninguem os viu nos campos de batalha,
E querem sós o fruto da victoria!

Oh! vem dar n'elles um severo exemplo,
Punindo-os de seus pérfidos enganos;
Como Deus fez aos vendilhões do templo,
Expulsa de entre nós esses tyrannos.

Os que duvidem de teu ser divino
Aprendam para sempre a respeitar-te.
Saibam que triumphar é teu destino,
Como eu sei que nasci para adorar-te.

XXXII

PERDOAS-ME?

Deixa-me ver no teu rofto
Os fignaes do meu perdão;
Occulta-me o teu defgofto,
Que é minha condemnação.
Por cada fombra que vejo
Cobrir-te as rofas do pejo,
Dos remorfos finto a dôr;
Oh! perdôa meus ciumes!
Não me ouvirias queixumes
Se te eu não tiveffe amor.

É talvez grande maldade
Atrever-me a murmurar
Do poder da divindade
Que me póde caftigar;

Mas que queres? temo tanto
Ver quebrar o dôce encanto
Que teus olhos prende aos meus!...
E, ſe me não perdoaſſes,
Se inda de mim duvidaſſes,
Tambem eu não cria em Deus.

Confeſſo-te o meu peccado;
Dóe-te do meu coração;
Dize que eſtou perdoado,
Por ter feito a confiſſão.
Foi caſo de conſciencia...
Mas não me dês penitencia,
Que juro de me emendar.
Sê hoje boa comigo;
E dar-me-has maior caſtigo
Quando outra vez eu peccar.

XXXIII

O MOSTEIRO

Deus, venerunt gentes in hæriditatem tuam; polluerunt Templum Sanctum tuum; posuerunt Jerusalem in pomorum custodiam.

Ps. 78. 1.

Na hora em que a natureza
É toda branda harmonia;
Quando o sol vai a esconder-se,
Antes de morrer o dia;

Quando ao despedir da tarde
As sombras vão a descer,
Antes da noite serena
O mago veu estender;

Quando o rouxinol cantando
Nos ramos ſe baloiceia;
Quando a onda manſamente
Se eſpreguiça pela arêa;

Quando o trabalho nos campos
Vai rapido a declinar;
Quando as almas namoradas
Principiam a ſonhar;

Quando um raio derradeiro
Do ſol preſtès a ſumir-ſe
Brilha na cruz do moſteiro,
Como quem vai deſpedir-ſe, —

N'eſſa hora melancolica
Para mim tudo é triſtura,
E góſto de errar ſóſinho
Na ſolitaria planura.

Oiço ao longe um eco triſte,
Um murmurio d'harmonia,
Uma nota derradeira
De dôce melancolia:

*

É como um terno lamento
De mãe que ſeu filho chora;
Ou como um canto ſaudoſo
De virgem que amor devora.

Oh! como vibra em minh'alma
Eſſa nota myſteriоſa,
Talvez de quem, como eu, vive
Uma vida deſditoſa!

Attraem-me os ſons plangentes
Que a viração me conduz!
Além, por entre o arvoredo,
Vejo brilhar uma luz!...

São orações o que eſcuto
Lá no moſteiro diſtante,
Onde brilha a cruz ſingela,
Conforto do viandante;

Aonde a crença piedoſa
O chriſtão ía avivar,
Quando no templo arruinado
Havia piedoſo altar!

Mas quem reza a eſtas horas
N'eſſa egreja derrocada?
Que buſca por entre as campas
De que a nave é povoada?

Deve ſer uma alma afflicta
Que o mundo deſenganou,
E que para reſignar-ſe
A cruz dos ermos buſcou.

Mas a luz?!... e o canto?!... oiçamos:
Já não parece oração!
É voz de mulher que acorda
Os ecos da ſolidão!

Andei caminho das ruinas
Do piedoſo monumento.
A lua, quando eu chegava,
Surgia no firmamento.

Sumiu-ſe a luz, e calou-ſe
A voz que eu ouvi cantar.
Entrei. No baſto cruzeiro
Reſplandecia o luar.

Teƈtos, portas, e janellas,
Já tudo o tempo levára;
Mas reſtos da arte vetuſta
Inda nos muros deixára.

Mil precioſos fragmentos
De variegada pintura
Cobrem o chão, e as paredes,
Monumentos de eſculptura.

Por entre rendadas pedras
Naſcem verdadeiras flores;
A hera por toda a egreja
Encobre da arte os primores.

Quando eu eſtava mais preſo
Em triste contemplação,
Ouvi de novo a cantiga
Que antes cuidava oração.

Perto era a voz, e partia
Detrás da capella mór;
Fui ſubindo egreja acima,
Com o fim de ouvir melhor.

Eis de repente a meus olhos
Se moſtra uma camponeza,
Que ao altar mór vai direita
Com uma candeia acceza!

Era eſſe o unico ponto
Onde inda havia telhado;
Mas nem altar, nem imagens,
O tempo tinha deixado.

Em vez d'iſſo, vi, com paſmo,
Que era ali a habitação
De algumas cabras e ovelhas,
Da paſtora, e do ſeu cão!

Perguntei á guardadora,
Cheio de profunda dôr,
Porque razão profanava
Casa que foi do Senhor.

Ella ouviu ſem moſtrar ſuſto
Os duros reparos meus;
E reſpondeu-me ſorrindo:
— «A terra toda é de Deus.

Inda aqui moravam ſantos,
Que o povo depois levou,
E o moſteiro tinha portas,
Quando a tropa cá chegou.

Entrou a cavallaria
Por ahi dentro a cavallo,
Quebrando as pedras das campas
Sem moſtrar nenhum abalo.

Foi a egreja eſtrebaria;
Manjadoiras os altares;
Nem os oſſos eſcaparam
Á raiva dos militares.

Eu vi muitos eſmagados
Pelos pés dos ſeus cavallos;
E nem ao menos deixavam
Que a gente foſſe enterral-os!

Vinham dar cabo dos frades;
Porém, ai, peccados meus!
Do que elles cá déram cabo
Foi do reſpeito por Deus.

Depois que d'aqui ſe foram
Foi-ſe a devoção tambem,
E no templo profanado
Não tornou a orar ninguem,

Senão eu quando aqui pouſo
Nas noites menos eſcuras.
Mas nem eu nem o meu gado
Piſâmos as ſepulturas.» —

Saí triſte e ſilencioſo,
Sem reſponder á paſtora,
Que ficou enchendo as ruinas
Com ſua voz encantadora

Tectos, portas, e janellas,
Já tudo o tempo levára;
Mas reftos da arte vetufta
Inda nos muros deixára.

Mil preciofos fragmentos
De variegada pintura
Cobrem o chão, e as paredes,
Monumentos de efculptura.

Por entre rendadas pedras
Nafcem verdadeiras flores;
A hera por toda a egreja
Encobre da arte os primores.

Quando eu eftava mais prefo
Em triste contemplação,
Ouvi de novo a cantiga
Que antes cuidava oração.

Perto era a voz, e partia
Detrás da capella mór;
Fui fubindo egreja acima,
Com o fim de ouvir melhor.

Eis de repente a meus olhos
Se moſtra uma camponeza,
Que ao altar mór vai direita
Com uma candeia acceza!

Era eſſe o unico ponto
Onde inda havia telhado;
Mas nem altar, nem imagens,
O tempo tinha deixado.

Em vez d'iſſo, vi, com paſmo,
Que era ali a habitação
De algumas cabras e ovelhas,
Da paſtora, e do ſeu cão!

Perguntei á guardadora,
Cheio de profunda dôr,
Porque razão profanava
Casa que foi do Senhor.

Ella ouviu ſem moſtrar ſuſto
Os duros reparos meus;
E reſpondeu-me ſorrindo:
— «A terra toda é de Deus.

Nobre duque, a tua gloria
Ha de vir na luſa hiſtoria
Marcada mais uma vez,
Se, por obra derradeira,
Juntas n'uma ſó bandeira
Todo o povo portuguez!

Se ſão as leis que meditas
Para dar fim ás deſditas
Da noſſa pobre nação,
Bemvindo ſejas! comtigo
Venha o pae, o nobre amigo,
Que ao povo dê protecção.

Bemvindo ſejas, Saldanha!
E n'eſta nova campanha
Tu ſem armas vencerás.
A eſpada pondo de parte,
Seja teu novo eſtandarte
Uma bandeira de paz.

PELO SNR. EPIPHANIO

Em uma grande pagina da hiſtoria
Já ficou immortal ſeu nome eſcripto;
Nos campos d'Almoſter deu-lhe a victoria
O glorioſo epitheto de invicto!

Do rei libertador ſoldado e amigo,
Combateu para dar á patria a lei;
E agora recordando o feito antigo,
É fiel á memoria do ſeu rei.

Nós ramos de carvalho e oliveira
Pódes loiros e palmas enlaçar;
Illuſtre duque, a gloria verdadeira
Tambem na dôce paz ſe póde achar.

Foi-lhe na guerra a fronte encanecida,
Ao guiar á victoria os liberaes;
Só por amor da patria amando a vida,
Em prudencia e valor não tem rivaes.

Sempre expoſto a diluvios de metralhas
Auxiliando o grão libertador,
Differeis ſer o genio das batalhas,
Ou o braço do auguſto imperador.

Agora, menſageiro de eſperança,
Sobre a patria liberta eil-o de pé,
Trazendo ao povo a promettida herança
De liberdade e paz, de amor e fé!

PELO SNR. TASSO

Saldanha, ſoldado e nobre,
Seja o povo embora pobre
Não lhe negues protecção!
Mas trata-o com lealdade,
E em paga da liberdade
Terás d'elle o coração.

Se nos combates paſſados
Tinhas brioſos ſoldados
Já meſtres de combater,
Acharás amigos novos
Nos filhos dos meſmos povos
Que ſabem tambem vencer;

Acharás na mocidade
Tanto affecto á liberdade,
Como ha no teu coração;
Acharás, para teu brilho,
Em cada mancebo um filho,
Em cada velho um irmão.

PELA SNR.ª SOLLER

O libertador da patria
Como herança te deixou
A defeza da bandeira,
Que comtigo aqui plantou.

Na hora extrema te disse
O que a amigos só se diz:
— «A minha filha protege,
E com ella o meu paiz!» —

Desempenhaste o legado,
Cumprindo a nobre missão
De salvar do amigo a filha,
E tornar livre a nação.

Mas completa o pensamento
Do grande libertador:
Da Carta mal entendida
Vem ser o reformador.

E a patria reconhecida
— «Bemvindo sejas! — te diz —
Bemvindo sejas! que o povo
Cansou de ser infeliz!» —

PELO SNR. ROSA

Portugal era abatido,
Perdidas crenças e fé,
Quando das ruinas erguido
Um homem ſurgiu de pé.
Alçou-ſe á beira do abiſmo,
Olhou firme o deſpotiſmo,
E a tyrannia tremeu!
Que o homem era ſoldado,
Velho ſim, mas esforçado,
E a prova foi que venceu.

Era valente o guerreiro,
Trazia eſpada na mão,
E, portuguez verdadeiro,
Bradou aſſim á nação:
— «Podem acaſo os revezes
N'eſſes peitos portuguezes
O amor da patria matar?
Irei ſó, com eſta eſpada,
Por minha terra affrontada,
Irei eu ſó pelejar?

Só a mim me dóe a affronta
Feita á terra onde nafci?
Tirarei desforra prompta;
Mas fó eu direi: — venci?!
Não, oh não! patria não temas,
Que em breve as tuas algemas
O povo as fará caír!
Aos brados d'um velho amigo
A nação toda comigo
Irá teus ferros partir!» —

Affim o velho clamava,
Ardente d'infpiração;
E a patria os ferros quebrava
Para lhe eftender a mão;
Já livre do captiveiro,
Ao denodado guerreiro
Foi o povo affim dizer:
— «Somos todos portuguezes;
Comtigo já muitas vezes
Soubemos todos vencer!» —

— «Ávante!» — diffe o foldado;
E tudo ante elle cedeu.
O defpotifmo aterrado
Fugiu, fumiu-fe, morreu!

Vêde que palmas, que brados,
Que vivas enthusiasmados
Saudando o triumphador!
Essa expansiva alegria
Nunca jámais a veria
Nenhum governo oppressor.

Ganhou-a sómente aquelle
Que libertou Portugal.
Vêde-o bem! é esse, é elle
Que cinge c'roa immortal;
É o duque de Saldanha,
Que, encanecido em campanha,
Sentiu já mais d'uma vez
A metralha sobre o peito,
Para não deixar sujeito
Este povo portuguez!

XXXV

AOS CAMPEÕES DA ROSA BRANCA (1)

Ou no campo, ou na eſtacada,
Defendo a roſa encarnada
Que a branca veiu affrontar!
Levanto a luva por ella
Em defeza d'uma bella,
Que é covardia atacar!

Venha quem fôr cavalleiro!
O mais valente, primeiro;
E traga lança e arnez!
Não cantem inda victoria:
A diſputar-me eſſa gloria
Venham os dois d'uma vez!

(1) Veja nota no fim.

*

Não teme a roſa encarnada
A branca tão deſcórada
Como flôr de mauſoleu!
Se d'eſta ſois defenſores,
É aquella os meus amores,
Por ella pelejo eu!

Se já cantaſtes victoria,
Foi um triumpho ſem gloria,
Porque ninguem combateu;
Moſtrae-me a lança quebrada
Em pró da roſa encarnada
Que a roſa branca venceu!

Vós, que já déſtes rebate
De ter vencido o combate,
Dizei-me quem batalhou;
Dizei-me, meus campeadores,
Se a roſa dos meus amores
Mais formoſa não ficou!

Onde tem a voſſa roſa
Aquella côr tão formoſa,
Aquelle caſto rubor,
Da donzella quando córa?
Aquelle riſo da aurora,
Que a minha moſtra na côr?

Cavalleiros, ſois valentes;
Não vos ireis deſcontentes,
Que tambem ſei pelejar;
Como vós, eu tenho eſpada,
E pela roſa encarnada
Poſſo alguns verſos rimar.

Chamaſtes um cavalleiro;
Eu não quiz ſer o primeiro,
Por iſſo foi que tardei.
Não julgueis que tinha medo;
Mas era ainda um ſegredo
A roſa que eu adoptei!

E ſe a dama deſvelada
Que guarda a roſa encarnada,
Já o triumpho vos deu, —
Em guarda, meus cavalleiros!
Guerreiros contra guerreiros,
Ceder-vos não quero eu!...

Nem ella cedeu por certo:
Deixou o campo deſerto,
Porque não quiz combater;
Mas nas armas e nos cantos,
E nos ſeus proprios encantos,
Tinha bem com que vencer.

Quando ſe viu affrontada,
Tomou a roſa encarnada
Guardando-a no coração;
Pois duellos não acceita
Quem com ſeus olhos ſujeita
O mais fórte campeão.

Contra uma dama é fraqueza
Uſar de força ou deſtreza;
Cavalleiros ſomos nós:
Eu ſou da roſa encarnada,
Sóu pela dama affrontada;
Da roſa branca ſois vós.

Podeis ſaír vencedores;
Vós ambos ſois trovadores,
Podeis vencer-me a trovar;
Mas, perdidas lyra e eſpada,
Da minha roſa adorada
Inda a fé hei de guardar.

Das armas decida a ſorte;
D'uma roſa diga a morte
Qual das duas triumphou:
Se da branca as frias côres,
Se da encarnada os fulgores
A minha lyra vingou.

Vinde á liça, cavalleiros!
Guerreiros contra guerreiros
É que devem batalhar.
Ou no campo, ou na eſtacada,
Defendo a roſa encarnada
Que a branca veiu affrontar!

XXXVI

Á GENTIL CÁNTORA DA ROSA ENCARNADA

Como nas justas antigas
Venho, senhora, a teus pés,
Sem temor de féras brigas,
Sem querer saber quem és.
Eu vi a rosa encarnada
Da rosa branca affrontada,
Sem ninguem a defender;
Nem sequer por cortezia,
Que a tal dama se devia,
Deixaram de combater.

Eram dois os contendores
Atacando a tua flôr;
Eu respondo aos aggressores,
Se me acceitas campeador.

Não quero louvor nem paga:
Quero partir uma adaga
Por noſſa roſa ſem par;
Acceita-me, nobre dama;
Igual cauſa nos inflamma;
Por ella vou pelejar.

Levo a viſeira calada;
Ninguem m'a levantará;
E breve a roſa encarnada
Da branca triumphará.
O meu nome não o digo;
Era aſſim no tempo antigo,
E o coſtume cumprirei;
Só depois de ter vencido
No torneio é permittido
Revelar ſeu nome e lei.

Mas não ſou aventureiro
Correndo em buſca do amor;
Reſponde á fé do guerreiro
A lyra do trovador;
E pela roſa encarnada
Minha lyra e minha eſpada
Hão de ſempre combater.
E tu que tambem tens lyra
Que pela roſa ſuſpira,
Não m'a deixas defender?

É tarde! A luva lançada
Levantei preſtes do pó;
Defendo a roſa encarnada,
Por ella morrerei ſó.
Mas não; é d'ambos a roſa,
Nem me fôra a luta honroſa
Sem a tua permiſſão.
Falla, pois tens o direito:
Queres a roſa no peito,
Ou que se arraſte no chão?

Deſejas vel-a vencida,
Levada por vendavaes,
Secca, esfolhada, perdida,
Nas azas dos temporaes?...
Queres que a pallida roſa,
Proclamada mais formoſa,
Olhe a rubra com deſdem?
Oh! ſe eu tal acreditára,
Por minha fé te jurára
De amar a branca tambem!

Dama da roſa encarnada,
Protege-me, e eu vencerei!
Levo no eſcudo pintada,
Por diviſa que adoptei,

A branca rofa caída,
A noffa no centro erguida,
E efta lettra: *Até morrer!*
Acredita-me, fenhora:
Por mim ferás vencedora,
Eu por ti hei de vencer.

XXXVII

A ROSA ENCARNADA

I

Qual é dos ceus o aſtro mais brilhante,
Qual é mais do que o ſol,
Que ao romper da manhã bebe radiante
Os prantos do arrebol?

Cem poetas cantaram já da aurora
A purpurina côr.
A virgem que a virtude ſegue e adora
Tem da roſa o pudor.

Pobre da rofa branca, fria, e trifte,
Innocencia a dizer!
Se o pudor em fuas côres não exifte,
Ao crime ha de ceder.

Perdel-a-hão defejos; que a candura
Póde-a amor illudir;
E ai da virgindade mal fegura,
Se o pudor não furgir!

O pudor é o ornato da innocencia,
Seu guarda e protector;
Da virginal pureza é elle a effencia;
É a virtude em flor.

E a brancura que diz? que é branca a lua?
Não lh'o poffo negar;
Porém quando ella pelos ceus fluctua
Deixa o crime reinar;

E da aurora ao raiar das rubras côres
Foge o proprio terror;
Com feus raios o fol anima as flôres,
Em tudo infunde amor.

II

A rosa branca é bonita;
Mas, quando o seio palpita
Á virgem que sente amor,
Foge do rosto a brancura;
A alma candida e pura
Ás faces manda o rubor,

Prisão que enfreia o desejo,
Porque só nasce do pejo
Que o rosto sabe tingir;
E se a innocencia não córa
Quando um desejo a devora,
Póde no abismo caír.

A linda, encarnada rosa,
Das flôres a mais formosa,
É symbolo de pudor;
D'essa virtude tão bella,
Que nas faces da donzella
Do pejo mostra o rubor.

XXXVIII

Á DAMA DA ROSA ENCARNADA

Quem teme agora das lanças,
De adverſarios, quem é?
Quem não ſente as eſperanças
Bretando ardentes de fé?
Por campeador me acceitaſte;
Duas mortalhas talhaſte;
Os contrarios me apontaſte...
Nem um ſó fica de pé!

Mil graças, dama formoſa,
Por me deixares lidar;
Prometto que a noſſa roſa
Não deixarei humilhar.



Quando tuas trovas lia,
Por Deus! que me não cabia
Dentro n'alma a valentia
Que me soubeste inspirar!

Outr'ora já na Inglaterra
Por damas fui pelejar;
E lá fiz morder a terra
Quem as tentou affrontar.
Peza-me hoje a portuguezes
Castigar como aos inglezes;
Porém, ai dos descortezes,
Onde o *Magriço* chegar!

Entro na liça primeiro,
Que o caminho livre achei;
E, voto de cavalleiro,
O campo não cederei!
Confia, nobre senhora,
Cedo verás vencedora
Da rosa branca traidora
A rosa que eu adoptei.

Eu juro que só por morte
Deixarei o meu brasão!
E, se me faltar a sorte,

Se eu fôr o vencido... então
Quero ter por monumento
A flôr por quem dei o alento,
Roſa do meu penſamento,
Inſignia do meu pendão!

XXXIX

AO CANTOR DA ROSA PALLIDA

Trovador, ſe és cavalleiro
Porque me vens inſultar?
Não uſa de más palavras
Quem ſabe as armas jogar.
Á roſa branca devias
Sómente verſos cantar.

Deſcortez, ao teu contrario
Chamas jogral e peão!
Não é valor a inſolencia;
A arrogancia é de villão;
Quem empunha eſpada e lyra
Não diz chufas de truão.

Perguntas qual é meu nome?
Queres meu nome infultar?
Chamas-me fraco e covarde
Quando corro ao teu bradar,
Quando te honro, erguendo a luva
Que ninguem quiz levantar!

De terror enlouquecefte,
Ou a raiva te cegou;
Tu não combates um nome,
Combates quem o occultou;
Combates, fe não fugires,
A quem teu repto acceitou.

Qual de nós ferá covarde?
Qual mais cortez e leal?
Quem contra as damas peleja
Campando de general,
Ou quem oufa defendel-as
Em combate defigual?

Bem fabes que não te hei medo,
Pois contra dois vim eu fó;
A pró da formofa dama,
Da rofa encarnada a pró,
Acceitei de ambos o repto,
Fazendo-os morder o pó!

*

Fui eu ſó! Para vencer-vos
Não preciſo mais ninguem,
Que a minha lança ou eſpada
Polida lamina tem.
Sois dois ſó? Iſſo me peza;
Quizera que foſſeis cem!

Quizera, para moſtrar-vos
Se ſei ou não combater;
Se por minha linda roſa
A trovas ſei reſponder;
Se por minha nobre dama
Não ſei vencer ou morrer!

Tu proprio moſtraſte eſpanto
Por ver-me aſſim batalhar;
Como depois eſquecido,
Me vens covarde chamar?!
Ou cavalleiro te finges,
Ou has medo ao pelejar!

Sou de uma dama ſoldado,
E por ella morrerei;
Ou a ſeus pés abatida
Tua roſa deixarei,
Depois de tu confeſſares
Que é mais bella a que adoptei.

Aquella que ouviu meus rogos,
E meus cantos acolheu,
Mil trovas me infpiraria,
Se poeta não foffe eu;
Se me faltára a coragem,
Achára-a no canto feu!

Inda que á rofa encarnada
Tiveffe eu menos amor,
Vendo uma dama adoptal-a...
Tornei-me feu campeador!...
É dever de quem vefte armas
Ser das damas defenfor.

Mas eu quero muito á rofa
Por quem ando a batalhar;
E a quem me chamou covarde
Mais cortez hei de tornar,
Calcando a lyra e a rofa
Que fó fabem infultar.

Dizes que minto? Outra affronta
Que o teu fangue lavará!
Defabafa antes da luta;
Teu corpo m'o pagará:
Entre o valor e a infolencia,
A efpada decidirá!

O que ſaír triumphante
Deus ſabe qual ha de ſer!
Mas á fé que á minha roſa
Não póde a branca exceder;
E á dama, por quem pelejo,
Não és tu que has de vencer.

A dama da minha roſa
No mundo não tem rival,
Porque ſe apoia nas côres
Do pudibundo coral,
Côres que dizem no roſto:
Innocencia virginal.

Cavalleiro, eis-me no campo!
Á fé que não cederei!
Lê bem as ſingelas trovas
Que á minha roſa cantei;
Se te não dizes vencido
Breve á liça tornarei.

CANTOS MATUTINOS

LIVRO SEGUNDO

I

A MINHA MUSA

> De saudades e desejos
> Os meus cantos só componho:
> Se algumas horas me riem
> São certas horas de um sonho.
>
> *A. F. de Castilho.*

I

A minha musa é filha das saudades
De um pobre desterrado,
Que, distante da patria, se lembrava
Do ninho abandonado.

Nasceu no meio dos immensos bosques
Da terra brazileira,
E foi, logo ao nascer, com duas patrias,
Em ambas estrangeira!

Defconhecida aquém e além dos mares,
Vivia fufpirando;
Por entre as folidões do novo mundo
Vagou peregrinando.

Depois voltou á patria; mas a infancia,
Que paffou tão chorofa,
Deixou-lhe fempre inveterado o vicio
De mufa lacrimofa.

Eu canfo-me debalde, provocando-a
A rir algumas vezes;
Digo-lhe em vão que o choro e a pieguíce
Lhe afugenta os freguezes...

Refponde a trifte, que nafceu no exilio,
Lá, onde não havia
Mais que faudade, defalento, e trevas,
N'alma onde ella vivia!

Que fe agora a condemnam por fer trifte,
É que a não entenderam;
Mas que hão de comprehendel-a os defgraçados,
Ou os que já foffreram.

Não a posso mudar! Porém castigo-a...
Hoje quero obrigal-a
A mostrar-se diante dos leitores
Sem atavio ou gala.

Vou pintal-a, tal qual eu a conheço;
Faço o desenho á penna;
E se ella não gostar, tenha paciencia!...
Vamos a pôl-a em scena:

II

Seu triste e pallido rosto
Inspira acerba poesia;
Doçura e melancolia
Derramam os olhos seus,
Olhos de côr indistincta
Que antes de olharem o mundo,
Atravez do ceu profundo
Se fitam primeiro em Deus.

Seu preto e longo cabello
Serve á fronte de moldura;
Na bôca um rir de candura,
Que não imita o pincel!

Se ella ſolta as azas brancas
Da noite á rapida aragem,
Sigo-lhe a branca plumagem
Qual pombo á pomba fiel.

Nas minhas horas de magoa
Abraça-me ſem receio,
E ſobre ſeu caſto ſeio
Me deixa a fronte pouſar;
E occultando eſſa triſteza
Que ſempre lhe cobre o roſto,
Seja qual fôr meu deſgoſto,
Ella me vem conſolar!

III

É de ſeu natural muito diſcreta,
E pouco intromettida,
Como convem a muſa de poeta
Que leva a ſuſpirar parte da vida.

Quando eu lhe ralho pela ver tão ſéria,
Diz-me que tem juizo,
Porque troca eſta terra de miſeria
Por um imaginario paraizo.

Ama a procella que revolve os mares,
E a nuvem alvacenta,
Quando atraveſſa a região dos ares
Conduzida nas azas da tormenta.

Canta hymnos a Deus e á liberdade,
Á patria e ſua gloria,
Ás doçuras do amor e da amizade,
E reſpeita dos mortos a memoria.

Canta ſempre, feliz ou deſgraçada!
Porém nunca em ſeu canto
Se ha de ver a deshonra celebrada,
Ou coberta a calumnia com ſeu manto.

Jámais torpe mentira ou feio vicio
Terão os ſeus louvores;
Antes ha de pedir o eterno exicio
Dos que ſão da virtude infamadores.

Perdoemos-lhe, pois, leitor amigo,
Á minha pobre muſa;
É a triſteza ſeu defeito antigo;
Mas ſirva-lhe a virtude para eſcuſa.

II

O CORSARIO

— «Quem dirá que d'eſtas aguas
Não ſou eu ſómente o rei?
Todo o mar Mediterraneo
Ao meu ſceptro ſujeitei;
Porque o meu ſceptro é o leme;
Aqui ſó eu dou a lei.
A minha c'roa de nuvens
A ninguem a cederei.

Vira, vira ao cabreſtante!
De lévarriba a virar!
Mette as ancoras a pique,
Que anda o ſueſte a rondar!

Chega ás adriças de gaveas!
Gageiro, vae desferrar,
Que o navio ſente a briſa,
E tem ſaudades do mar.

Põe bóças ao ferro grande!
Vai ſeguida a — Flôr d'Argel —.
Batem-lhe as ondas na prôa
Como a lança no broquel;
Já no convez entra a vaga,
Com o jogar do baixel,
Que ſalta envolto em eſpuma,
Como fogoſo corcel!

Amura bem o latino!
A beijar! deixa gemer!
O meu navio é veleiro,
E o vento vem a creſcer.
Toma cuidado no leme!
Não vês o panno a bater?...
Amantilha eſſa retranca!
Bom! ahi! deixa correr.

Temos tufão; ſalta arriba!
Oh! meſtre! mande rizar!
Os paus de cutelo dentro!
Sobrejoanete? ferrar!

Mette gaveas nos ſegundos!
Olha a barca!... Bom andar.
Cuidado nas arribadas!
Oh! meſtre? leſto a virar!» —

— «Leſto a virar!» —
— «Leme contro!
Larga as eſcotas por mão!
Aquartela a bujarrona!
Olha a eſcota do artemão!...
Quem prendeu aquella eſcota
Em cima do corrimão!
Tres horas ſobre o galope...
E oito dias no porão!» —

— «Uma vela a ſotavento!
Vai na bordada do mar!...» —
— «Chega aos braços de bombordo!
Timoneiro, deixa orçar!
Quem ſe atreve n'eſtes mares,
Que ſão meus, a navegar?
Larga tudo, e dá-lhe caça!
Vamos a preza tomar!

Ó do galope do maſtro?
Se goſtas de combater,
Acabou-ſe o teu caſtigo;
Tens licença de deſcer.

Não ficarás ſem a parte
Que te deve pertencer,
Se no combate ſouberes
Cumprir bem o teu dever.

Iça a bandeira argelina!
Vamos começar a acção;
Tira fóra as eſcotilhas,
Que já temos o mar chão,
E crava o meu catavento
Em cima do corrimão;
Pela melhor pontaria
Darei o maior quinhão.

Vae tomar-lhe barlavento,
E aprompta para abordar;
Dá-lhe um tiro ao lume d'agua;
É tempo de o acordar...
Feriu-o nas obras mortas;
Arreou ſem pelejar!
Já vinte homens para a lancha!
Vão meus tributos buſcar!

Se o navio fôr veleiro,
Dal-o-hei a meu irmão;
Se traz formoſas captivas,
Que ninguem lhes ponha mão!

Para vós ſão os theſouros;
As mulheres minhas ſão;
Se algum ſe atreve a tocar-lhes,
Arranco-lhe o coração!

Cruza gaveas! D'eſtas aguas
Quem dirá que não ſou rei?
D'eſſes monarchas da terra
Não invejo a immenſa grei.
São eſcravos do ſeu povo;
Aqui ſó eu dou a lei.
A minha c'roa de nuvens
A ninguem a cederei.» —

III

CONTEMPLAÇÃO

Como é dôce aſſim beber
A longos, bem longos tragos
A ventura de te ver,
E gozar dos teus affagos!
Para tão grande prazer
É curta de mais a vida!
Oh! quem pudéra, querida,
Sempre, ſempre aſſim viver!...
Mas ſe no fundo da taça,
Que eu bebo tão deſcuidado,
A inveja tiver lançado
O negro fel da deſgraça?!...

Se eſta fonte de ventura
Em venenoſo licôr
Converter ſua doçura?!...
Como hei de poder co'a vida,
Privado de tanto amor?...

Cheio eſtava o ceu d'eſtrellas
No momento em que te vi;
Fulguravam todas ellas;
Todas, todas eram bellas;
E entre tantas te eſcolhi!
No meio de tantos lumes,
Só o dos teus olhos vi!
E porquê? Foi meu deſtino;
Eu, que vagava ſem tino,
Que o mundo tinha por meu,
Que aonde o ſol me aquecia
Achava paiz e ceu, —
Fiquei deſde então mudado!
Só buſco a luz em teus olhos;
A terra onde tu não vives,
Para mim é toda abrolhos;
De cada vez que te auſentas,
Sou perdido em mar de eſcolhos!...

IV

ROSAS ABERTAS

I

Vi uma flôr tão viçoſa,
Que mais não!
Ai, que flôr! Era uma roſa
Em botão.

Em botão? Ai, minha vida,
Cego amor!
Era já roſa colhida,
Sem verdor.

Ai, roſa de côr incerta
Que adorei!
Por botão, foi roſa aberta
Que encontrei!

Mas inda aſſim era amada;
E de alguem,
Com mil deſvelos cuidada,
Foi tambem!

Ai, era flôr que enganava
Só de a ver!
Meiga, meiga ſe moſtrava
'Té prender.

Prendeu-me; chamei-lhe minha;
Dei-lhe amor!
Se era tão formoſa, e tinha
Tal freſcor!

Jardineiro que a velava
Não colheu
Fragrancias que a roſa dava,
Como eu!

Retomou depois de aberta
Viço e côr;
E, apeſar de flôr incerta,
Dei-lhe amor!

II

Mas veiu terceiro, e a roſa,
Ai, perdi!...
Porém era mais formoſa
Quando a vi!

O que ſão roſas colhidas!
Sempre aſſim,
De mão em mão, vão perdidas
'Té ao fim!

Abertas não ſão tão bellas,
Mas cuſtam menos tambem;
Podem tecer-ſe capellas,
Sem offender a ninguem.
E, ſendo roſas fechadas,
Podem caír esfolhadas
Ao tocar-lhes no botão...
Deus me dê muitas abertas:
Se no aroma não ſão certas,
Nos eſpinhos tambem não!

III

Se é peccado colher flôres,
Não tenho crimes aſſim.
De algumas tenho goſtado...
Mas nunca para tal fim!
São ſempre roſas abertas,
As que me tocam a mim!

Como prova
Dou a roſa
Mais formoſa
Que eu amei:
Caminhava
Já perdida,
Pois colhida
A encontrei!

IV



Que importa? roſas colhidas
Cuſtam menos a cheirar;
A roſeira tem eſpinhos,
E eu não me quero picar.

Mas prometto goſtar d'ellas
Sempre aſſim;
Colham outros as mais bellas
Para mim!

Roſas colhidas ſão certas,
Porém as fechadas não;
Que antes de ſerem abertas
Podem morrer em botão.

Eu goſto da flôr colhida
Depois do deſabrochar;
Não ſei ſe ſerá mau goſto,
Mas goſto de as esfolhar.

Que prazer! em cada folha
Dar um beijo, e outro, e mais,
Arrancando-as uma a uma,
Com delicias divinaes!...

Oh! que ſe as roſas ouviſſem,
Iria ao roſal dizer:
— «Botões, abri-vos depreſſa,
Pois tendes curto viver;
E ſó quando fordes roſas
É que eu vos poſſo colher!» —

V

A JOÃO DE LEMOS

Tens um eſtro fulgurante,
Meu inſpirado cantor!
O teu caminho brilhante
Abriu-o a mão do Senhor.
Elle te deu por theſoiros
Corôas de verdes loiros,
Dôce voz para cantar;
E a mim, em logar de cantos,
Só me deu acerbos prantos,
E coração para amar.

Se não és dos orgulhoſos
Que repellem com deſdem
Os dons pouco valioſos
Do pobre que mais não tem,

Meu modefto canto acceita;
Nenhum coração rejeita
Affecto como efte meu.
Divergem noffas idéas,
Porém eu tenho nas veias
Sangue igual ao fangue teu.

Somos ambos portuguezes,
Livres ambos das paixões
Que nafceram dos revezes
Das passadas dissensões.
Se tu tens nobreza antiga,
A minha tambem obriga,
Que a virtude é meu brazão.
Tu és um rei da harmonia,
E eu, adorando a poefia,
Defejo fer teu irmão.

Se temos diverfas crenças,
Foram irmãos noffos paes;
Mas que importam differenças,
Sendo nós ambos leaes?
Eu adoro a liberdade,
Porque foi a divindade
Que no berço me embalou;
Criei-me junto com ella,
E, vendo-a joven e bella,
Minh'alma fe lhe entregou.

Vivi com ella nos mares,
No meio dos vendavaes;
Da America nos palmares,
E em ſeus rios coloſſaes.
Criei-me em terra liberta;
Na minha infancia inexperta
Ella a meu lado ſurgiu;
E ſempre o meu penſamento,
Sem nenhum conſtrangimento
A minha voz traduziu.

Amei tudo quanto via
Em liberdade viver;
Tomei odio á tyrannia,
Jurei guerra ao ſeu poder;
E, ſem ſuſto da metralha,
Já nos campos de batalha
Contra ella o braço ergui;
Já, nas filas ignorado,
Da liberdade ſoldado,
O meu pendão defendi.

E tu, vate harmonioſo,
Tu ſegues diverſa lei:
Eu ſó Deus julgo pod'roſo,
Tu julgas tambem o rei.
Crença na infancia bebida
Não póde ſer eſquecida;

Nenhum de nós a perdeu:
Tu ſonhas com monarchia,
E eu... a eſperança perdi-a,
Mas a crença não morreu.

Que importa, nobre poeta,
O que o futuro dirá?
Nenhum de nós é propheta,
E Deus o melhor fará.
Para mim, a liberdade;
Para ti, a mageſtade;
Entre os dois, eterno amor.
Para nós é morta a guerra;
Seremos ſempre na terra—
Tu, poeta; eu, trovador.

Como tu tens da poeſia
Torrentes d'inſpiração,
Tenho por ti ſympathia
Brotando em meu coração;
E foi por ella animado
Que ao poeta ſublimado
Eu hoje ouſei invocar.
Quer minha lyra ſingela,
Na tua c'roa tão bella
Mais uma flôr enlaçar.

VI

OLHOS NEGROS

Os olhos ſão côr da noite,
Da noite em ſeu começar,
Quando inda é joven, incerta,
E o dia vem de acabar.

Garrett.

Que lindos olhos tão negros,
Que negros olhos eu vi!
Elles matavam d'amores;
D'amor por elles vivi!

Eram pretos côr da noite,
Quando a noite é de luar;
E brilhavam como eſtrellas
Em ceu puro a fulgurar.



Fallavam a quem os via;
Porém que fallas, não ſei;
Mas eram tão eloquentes,
Que por meſtres os tomei.

Que de coiſas me enſinaram!
Que altos myſterios de amor!
Ao mais leve movimento,
Diziam prazer ou dôr.

Oh! como eu acreditava
N'eſſa ſciencia fatal!
Como os ſeguia tão ébrio,
E tão cégo, por meu mal!

Mas ſe elles eram tão lindos,
Tão negros, tão de tentar!
Tinham tão negras peſtanas,
Tão endiabrado olhar!

E n'eſſe olhar tal doçura,
Tão fingida timidez,
Que, ſe os eu víra de novo,
Enganavam-me outra vez!

Ora languidos e triſtes
Se baixavam, como o veu
Que em noites de primavera
Á terra baixa do ceu;

Ora ardentes de ternura
Brilhavam com tal paixão,
Que eu ſentia-os como chammas
A queimar-me o coração.

Amava-os mais do que a vida;
Não conhecia outra lei;
Meu ſer, meu Deus, eram elles;
Tudo lhes ſacrifiquei!

Um dia a luz apagou-ſe,
Ou foi raiar n'outros ceus...
Mas o ſeu primeiro brilho
Gozaram-n'o os olhos meus!



VII

SE EU A AMEI!

> Fui felice e ſaggio anch'io,
> Dove e quando dir non ſo;
> Stèſo è il velo dell'obblio
> Sull'etade che paſſò.
>
> *L. Carrer.*

Se eu a amei! Como eſconder
Eſte vivo ſentimento
Que me ficou de a perder?
Meu anciado penſamento
Noite e dia a vai ſeguindo
Por me dar maior tormento!

Se eu a amei! No coração
Diz-me que ſim a ſaudade,
Se o orgulho diz que não.
E fui amado, é verdade;
Mas paguei por alto preço
Eſta innocente vaidade!

Não quero agora mentir;
Não quero dar o caſtigo
A quem ſó ſabe fingir....
Eu vejo ainda o perigo,
E o coração com que a amava
Tornou-ſe meu inimigo.

É mais d'ella do que meu,
Vivendo da minha vida!
Mas, coitado! enlouqueceu
Sentindo a viva ferida
Que lhe fez, com mão traidora,
Quem d'elle vive eſquecida.

Amei-a; dizer que não
É dar virtude á mentira,
Para negal-a á paixão;
Se a minh'alma inda ſuſpira,
É por ſaber que a ventura
N'uma outra alma lhe fugira.

Se eu a amei! Pois não o diz
Efte amor proprio fingido
Que me fez tão infeliz?
Mefmo apefar de offendido,
Se ella voltaffe de novo
Achava-me arrependido.

Se eu a amei! Oh! fe eu a amei!...
Pois eftes olhos pifados
Não dizem quanto eu chorei?
Por feus olhos adorados,
Não dizem que ainda choram
Eftes meus, defconfolados?

Se eu a amei! Pois efta dôr,
Nos meus verfos traduzida,
Não repete ainda amor?
Pois efta queixa fentida
Não é a dôr da faudade
Pela ventura perdida?

Se eu a amei! Com tanto amor!...
Foi fonho de pouca dura...
Defpertei achando a dôr
No que tomei por ventura!
Sumiu-fe a unica eftrella
Que no ceu cuidei fegura.

Amei-a de mais! ſe amei!...
Segui-a ſem conhecel-a,
Quando em meu caminho a achei.
Foi grande a dôr de perdel-a,
Mas é maior o caſtigo
De nunca tornar a vel-a.

VIII

ANJO-DEMONIO

Eu ſonhei uma vez um ſonho horrivel,
Que me encheu de pavor:
Vi um demonio transformado em anjo
Fallando-me de amor!

Era ao ſaír da infancia. Eu não ſabia
Fugir da tentação;
Tudo eram roſas para mim na vida,
E tudo aſpiração.

A ſonhar o tomei por luz divina
Da minha redempção.
E o anjo mau ſorria-ſe nas trevas,
Da minha perdição!

Do demonio, caído nos abyſmos
Pela ira de Deus,
Os olhos, como a luz attrai o inſecto,
Attrairam os meus.

Abrazou em ſeu fogo meus ſentidos,
Fazendo-me beber
Em ſeus laſcivos, temeroſos beijos
Diabolico prazer!

Por ſua bôca a lava dos infernos
Em minh'alma coou;
Mais a bebia, maiòr ſêde tinha,
Nunca me ſaciou!

Seu roſto ardente co'o meu roſto unido,
Seu negro coração,
Diziam-me que Deus era mentira,
Os ceus uma illuſão.

E aſſim o acreditei, embriagado
Em delicias fataes!
Patria, religião, Deus, e familia,
E o amor de meus paes,

Tudo que eu tinha, tudo me pedia,
Nada lhe recuſei;
E, chriſtão e poeta, a cruz e a lyra,
Maldito reneguei!

Folgaram nos infernos os demonios
Cuidando-me já ſeu;
E Deus no ceu co'as azas dos archanjos
As faces eſcondeu.

Mas o anjo da guarda em mim velava,
Pedindo ao Redemptor
Que ſalvaſſe a minh'alma, que era ſua,
Do anjo tentador.

Ouviu-o Deus; eu acordei, e o ſonho
Fugiu do dia á luz;
Só n'um mau ſonho eu renegar podia
O alaúde e a cruz.

Defende-me, formoſo anjo da guarda;
Não me deixes tentar;
Nem me deixes ſonhar d'eſtes maus ſonhos,
Que ſempre te hei de amar;

Porque me converteſte a cruz e a lyra,
Os ſymbolos da dôr,
Em divinos fanaes de eterna eſp'rança,
De conforto, e de amor.

IX

ASTRO

Eu bem ſei que tu naſceſte
Como no ceu naſce a luz;
E que tambem me perdeſte,
Porque o teu brilho ſeduz.
Eſtrella, a quem eu ſeguia
Sempre, de noite e de dia,
Para o meu caminho achar,
De mim agora te occultas!
Entre nuvens te ſepultas,
Quando me deves guiar!...

D'eſte ceu anuviado,
Aonde outr'ora te vi,
Fanal por Deus enviado
Ás trevas onde eu caí,

Porque foi que te aufentafte?
Porque razão me deixafte
Em um caminho fem fim,
E quando me abandonavas,
Outro horifonte bufcavas
Muito diftante de mim?...

Se queres tornar a ver-me,
Se voltas com teu fulgir,
É porque afpiras perder-me
Se eu de novo te feguir!
Mas não poffo crer-te agora;
Tua luz deflumbradora
A minha vifta feduz;
Porém não me guia ao norte,
Porque o teu brilho é tão fórte
Que cega, mas não conduz!...

X

A MULHER DE MARMORE

RAPHAEL :
O fille de marbre! fille de marbre!
MARCO :
Ah! tenez, mon cher Raphael, vous êtes ridicule.
Les Filles de Marbre.

Quem és tu? qual é teu ser?
És algum anjo de Deus
Que anda na terra a soffrer?
És d'esses astros dos ceus
Em cuja luz pudibunda
A natureza se inunda?
És uma d'essas visões
Que vivem na fantasia,
Sorrindo á melancolia
Das perdidas illusões?

Quem és tu, formoſa imagem?
És filha d'um ſonho vão?
És... o que és? vaga miragem...
Tens, ou não tens coração?
Oh! não tens!... tu és mulher:
É pedra todo o teu ſer.

Não tens coração; não tens
Senão a dura materia,
Onde naſcem taes deſdens,
E tanto orgulho! Miſeria!
É de deſprezo eſſe riſo?
Mas ſabes tu quem ſou eu?...
Poſſo expulſar-te do ceu,
Ou levar-te ao paraizo!
Poſſo dar-te um ceu d'amor,
Ou um inferno de dôr!

Sou poeta, eu! ſou rei!
O meu ſceptro e minhas galas
Não os ganhei pelas ſalas,
Onde ignaros dão a lei...
Onde tu vives... aonde
Te querem como rainha...
Onde o vicio-rei caminha,
E a virtude a face eſconde!...

E d'effes vaffallos queres?
Por effes me has de trocar?!
Oh! como são as mulheres!,..
O feu prazer é reinar:
Reinar na fala, na praça,
Co'a razão, ou co'a folia!
Reinar até na defgraça,
Inda que feja um só dia!
Tarde, ai! só quando perdidas,
Se moftram arrependidas!...

Mas d'effe prazer os travos,
Tarde embora, chegarão.
Em tua côrte de efcravos,
Não terás um coração!
Vê bem o que vais fazer;
N'um momento de demencia
Jogas a tua innocencia
Por inftantes de prazer!
Vê fe tens a covardia,
Pelo gofto da vaidade,
De acceitar a poteftade
Que orna mal uma agonia...
De trocar por um dos teus
Um poeta, um rei, um deus!...

Sou rei! ſou deus! (1) a poeſia
Brota do meu coração
Em torrentes de harmonia
Nas horas da inſpiração!
O poeta é um rei, um deus,
Tem de um deus toda a grandeza,
Quando á ſua mente acceza
Deſce uma chamma dos ceus!
Quando invoca do paſſado
Os reis, os povos, a hiſtoria!
Quando canta uma victoria,
Ou conforta um deſgraçado!
É ſempre um nume o poeta:
Quando canta as deſventuras,
Ou das deſgraças futuras
Se faz tremendo propheta!

Para ouvir-lhe o dôce canto
Param as ondas do mar;
Commovidas com ſeu pranto
Calam-ſe as aves no ar;
Teem maior brilho as eſtrellas,
Mais aromas dão as flôres,
Se o poeta, á viſta d'ellas,
Canta e ſuſpira de amores;
Tornam-ſe as noites ſerenas,

(1) Veja nota no fim.

Mais branda a lua fulgura,
Se elle conta as ſuas penas,
Se lhe ſorri a ventura;
Até com os cantos ſeus
Folgam os anjos de Deus!

Só tu me queres fugir!...
Cheia de louca vaidade,
Só tu não queres ouvir
Como ſuſpira a ſaudade!...
E por quem me vais trocar?...
Rejeitas d'amor a palma,
E á turba, que não tem alma,
Por vangloria te vais dar!...
Deſprezas um nome eterno
Em meus hymnos immortaes!...
Para ſeguir os venaes
Deixas o ceu pelo inferno!...
Ganhavas perpetua fama
Nos ecos da minha lyra;
Noſſo amor aos ceus ſubíra
Cercado de etherea chamma;
Em verſos de oiro cantada
Serias, como Leonor;
Como a Laura celebrada,
Tua vida fôra amor!...
Oh! não! que o não merecias!
Sempre marmor ficarias!

Vae! quebrou-se o meu encanto!
Nunca mais has de ouvir queixas;
Sei que te aborrece o pranto
Do triste que agora deixas...
Vae! dura pouco a belleza;
E, depois que ella passar,
Dize adeus á realeza,
Que não tornas a mandar.
Então, cheia de amargura,
Chorarás arrependida,
Sentindo acabar a vida
Sem começar a ventura.
Não me sabes entender,
Porque não tens coração...
Mas concedo-te o perdão,
Para nunca mais te ver!

XI

SONETO

(A um bebado)

Dá meia noite. Do relogio ao zurro
Acordo, efcuto, oiço gritar: — «Soccorro!» —
Ergo-me, vifto-me, abro a porta, corro,
Defço a efcada, e no fim encontro um burro!...

Para poder faír, com geito o empurro;
Mas, em vez de arredar-fe o vil cachorro,
Principia a berrar: — «Eu morro! eu morro!
E tu vais apanhar um grande murro!» —

Sobem-me uns arripios ao toitiço,
Paſſam-me pela viſta umas faiſcas,
Quando elle diz de lá: — «Ovo... e chouriço...

Grande pagode no armazem das iſcas!
Com dez copos... fiquei como um ouriço...» —
E adormece a roſnar: — «Tu não petiſcas?...» —

XII

TRISTEZA

Não te queixes da trifteza
De que fe cobre o meu rofto;
Nafce da tua frieza
A caufa do meu defgofto.
Se tu não fôras affim,
Mais alegre eu viveria;
Porém foge-me a alegria,
Como tu foges de mim.

O poeta, como as flôres,
Bufca o ar e a luz mais pura;
A vida, fem ter amores,
Para elle é fem ventura.

O teu modo bem me diz
Que o meu amor defconheces;
E por iffo me entrifteces,
E me tornas infeliz.

Queres que eu tenha faudade
Das illufões que paffaram,
E que chore a liberdade
Que os teus olhos me roubaram?
A ti propria fazes mal,
Pois me acordas na memoria
Uma imagem illuforia,
Da tua imagem rival.

Ao ver-te fria comigo,
O meu carinho evitando,
As vifões do tempo antigo
Paffam por mim fufpirando;
Accufam-me de as deixar;
De me efquecer do paffado;
Achando-me defgraçado,
Tornam por mim a chamar.

Queres, pois, que arrependido
Volva a penfar no que é morto,
E que fuja aborrecido
D'onde bufcava o conforto?

Por te amar tudo eſqueci:
Palavras que faſcinavam,
Olhos que por mim choravam,
Corações a quem perdi!...

E tudo que eu por ti deixo
Pagas-m'o com tal frieza!
Tenho razão ſe me queixo;
É juſta a minha triſteza.
Se de mim foge o prazer,
Como hei de eu ter alegria?
Por ti alegre vivia;
Sem ti deſejo morrer.

XIII

COQUETTE

I

Chamei-te um dia *coquette*
Por ter perdido a razão...
Porém n'essa hora fatal
Ardia em meu coração
Um fogo que o consumia,
Uma dôr que era mortal.
Venho pedir-te perdão!
Sabendo que te offendia,
Sabendo até que mentia,
Com o ciume cruel
Um covarde me fazia!...

Cuidei teu amor perdido,
E, por me vingar, o fel
Da calumnia derramei!
Porém, tão arrependido
Quanto o peccado era negro,
De novo a teus pés voltei.

II

Nem tu ſabes, minha vida,
Quanto é feio eſſe baptiſmo!...
E Deus te livre, querida,
De ſer e viver como ellas!
Deus te livre d'eſſe abiſmo,
D'eſſe mundo falſo e vão,
Aonde as mulheres bellas
Occultam o coração;
Aonde bem poucas ſentem,
E ſó as feias não mentem!

III

Eu quero inſpirar-te horror
Por eſſe nome fatal,
Menos pelo meu amor,
Do que por teu proprio mal;

Por isso te vou dizer
D'uma *coquette* o viver.
Para não seres como ellas
É que as deves conhecer:

IV

Como a bella e meiga flôr,
Sendo das mãos affagada,
Perde o viço, o cheiro, e a côr,
Assim desbota á *coquette*
O perfume do pudor,
Porque a todos diz amor...
Amor que jámais sentíra!
Mas de sua alma a maldade
Acha prazer na mentira;
E assim dá pasto á vaidade.

V

A *coquette* é sempre bella,
E tem do encanto o segredo;
Mas a candida donzella
D'essa belleza tem medo.

Não ſei que inſtincto divino
Lhe diz mal d'eſſa mulher,
Que reina ſempre onde quer
Como o braço do deſtino;
Que recebe um cumprimento
Feito ao chapeu e ao veſtido,
Como do amante rendido
O mais terno juramento.
Ambos teem igual valor:
Recebem igual ſorriſo,
Enſaiado ao toucador.

VI

Não, querida, tu não és
Como eſſes entes ſem alma,
Caçadoras de ternura,
Que ſem dó calcam aos pés
Os corações dos incautos
Que lhes lega a deſventura!
Aſſim ſe vingam as bellas
Dos que não ſão n'eſte mundo
Eſtatuas frias como ellas!
Na terra ſe derramou
Sua belleza fatal,
Quando Deus precipitou
O tremendo anjo do mal.



Quem as viſſe nos inſtantes
Em que vão deſpir as galas,
Com que ha pouco pelas ſalas
Faſcinavam os amantes;
Quem as viſſe ao pé do eſpelho
Enſaiar novos manejos,
Que a novos deſventurados
Farão morrer de deſejos...
Oh! ſe alguem n'aquella hora
Podéſſe a *coquette* ver, —
O ſeu olhar fulgurante,
O ſeu riſo triumphante,
Fariam eſtremecer,
Porque no roſto atrevido
D'eſſa mulher que ſeduz,
Por um momento reluz
A altivez do anjo caído!

VII

N'aquella hora, a ſós comſigo,
Triumpha, e conta os vencidos.
Tantos por ella perdidos...
E não tem um inimigo!
E todos lhe querem bem!...

E ſempre ſorrindo a todos,
Ella, não ama ninguem!...
Só a ſi no mundo adora,
Tudo o mais vê com deſdem!

VIII

Ai! Deus te livre, querida,
De tão horrivel viver!
Oh! com eſſa alma perdida
Não te queiras parecer!
Sê bôa, pura, ſincera,
Abrindo o teu coração
Aos ſorriſos da paixão,
Como a flôr da primavera
Aos raios do ſol que a gera;
Mas *coquette*... oh! iſſo não!...

XIV

O PRANTO

.... Le lacrime
Son la miglior preghiera.
Niccolini.

Quem é que não viu n'uma hora
Das muitas que tem a vida,
A mulher a quem ſe adora
A chorar arrependida?

Que ella ſeja criminoſa,
Que injuſto ſeja o ciume,
Vendo-lhe a face choroſa,
Quem ſolta mais um queixume?

Não ama quem ſe não cala
Com receios de offendel-a;
Fallando o pranto por ella,
Ninguem ſe atreve a julgal-a.

Mulher! do choro fizeſte
Arma d'horrivel defeza!
Não te baſtava a belleza,
Tambem lagrimas quizeſte!

Ninguem reſiſte ao encanto
Que o ver-te chorar inſpira;
Porém Deus, ao dar-te o pranto,
Mandou á terra a mentira!

XV

NÃO AMES

Dizem teus olhos amor;
Amor, a idade florída
Que revela o teu fulgor;
Logo ao começo da vida,
Amor diz tua innocencia,
Teus sorrisos, teu pudor.

E tu, com teu meigo olhar,
Procuras timidamente
Amor na terra encontrar.
Mas, oh! virgem innocente,
Se a paixão dorme em tua alma,
Não a deixes despertar!

Por mim te poſſo dizer
Que preço tem a ventura
Que o amor faz conhecer;
Pois com annos de amargura
Tenho comprado no mundo
Cada inſtante de prazer.

Oh! não ames, anjo, não!
Affaſta de mim teus olhos;
Fecha-me o teu coração:
A terra é cheia d'eſcolhos,
E eu ſou, como os outros homens,
Um monſtro de ingratidão!

Foge d'elles, e de mim!
Não deixes tua belleza
Immolar em vil feſtim;
Porque a bruta natureza,
Eſtranha ao amor dos anjos,
O gozo ſó tem por fim.

Eu não te quero mentir!
Se foi do ceu que vieſte,
Para lá torna a fugir;
Porque ſó o amor celeſte,
Amor que por Deus é dado,
Tua alma deve ſentir.

O ſacrificio que eu fiz
Em te dizer a verdade,
Recuſando ſer feliz,
É porque, na tua idade,
Que não creias na virtude
Ainda o vicio não diz.

Não ames, pois! é fatal
Toda a paixão que na terra
Fére um peito virginal;
D'aqui teus olhos deſterra,
E procura os teus amores
Na patria celeſtial.



XVI

DEVES AMAR

Laiſſe-toi donc aimer! — Oh! l'amour, c'eſt la vie,
C'eſt tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie
Quand on voit ſa jeuneſſe au couchant décliner.
Sans lui rien n'eſt complet, ſans lui rien ne rayonne,
La beauté c'eſt le front, l'amour c'eſt la couronne.
Laiſſe-toi couronner!

Victor Hugo.

Quando me vi ſem ventura,
E não quiz que tu provaſſes
Da minha acerba triſtura,
Diſſe-te que não amaſſes!
Mas bem vês que foi loucura.
Porque amar-te não podia,
Na minha torpe avareza
Tambem ceder não queria
Tantas graças e pureza!



Que maus confelhos te dei!
Porque amor me maltratava,
De amar tambem te affaftei.
Vingada eftás, bem o vês!
Eu venho agora pedir-te
Que o teu affecto me dês,
Porque não pude fugir-te.
Sem amor viver quizera;
Porém vi, n'effa demencia,
Que é, fem amor, a exiftencia
Um anno fem primavera.

Sabes que as flôres fingelas,
Seu aroma dando ao vento,
Como o fulgor das eftrellas
Brilhando no firmamento,
Dizem na terra e nos ceus
Amor aos homens e a Deus?
Pois ama, e ferás feliz.
Receias amar? loucura!
Olha que o tempo te diz
Que a mocidade não dura,
E traz velhice a efperança
Com promeffas de ventura.
Que és tu fem amar? que queres
Que digam d'effa belleza
Todas as outras mulheres,
A quem manda a natureza

Querer o que tu não queres?
Não vês que a flôr quando naſce
Logo tem aroma e côr,
Que ſão indicios de amor?
E que na primeira noite,
Logo depois de naſcida,
No ar derrama a fragrancia
Que a outras flôres dá vida?...

Receias não ſer amada,
Com eſſas faces radiantes,
Com olhos tão ſcintillantes,
Que, mais que todas as flôres,
Na terra eſpalham amores?!...
Pois eu, que ſó de te ver,
Só da tua companhia,
Sinto em meu peito accender
Luz que em teus olhos ardia;
Eu, que á dôr ſuccumbiria
Se te chegaſſe a perder, —
Não te hei de amar? Deſvario!

Quando encontras os meus olhos
Mudâmos ambos de côr:
Eu, por ver como ſou louco
Em querer com tanto amor
A quem me quer com tão pouco;



E tu?... nafce o teu rubor
Da fenfação myfteriofa,
Que, levando ao coração
A innocencia da paixão,
Traz ao rofto a côr da rofa?
O teu filencio que diz?
Olha que, fe não amares,
Nunca pódes fer feliz.
Porém, cala-te... não falles,
Que o olhar que me feduz
Agora vejo animar-fe
D'uma viva e nova luz!
É por mim effa mudança,
Ou tomei como efperança
O que póde fer ainda
O rifo d'uma criança?
Mas a illufão é tão linda!
Antes me quero illudido,
Do que ouvir uma verdade
Que me deixe arrependido!...

Não me digas a verdade,
Que póde fer crueldade.
Deves amar, fe não amas;
Que a paixão é como o dia:
As fuas vívidas flammas
Geram no mundo a alegria.

Ama, ſim; deves amar;
Goſa da tua exiſtencia;
Não deixes em vão murchar
A primeira floreſcencia.

Cede-me a flôr da tua alma;
Juro não a profanar!
Minh'alma tambem é pura;
Sem pejo a pódes tomar.
Outro amor inda não tive!
Se na minha fantaſia
Perpaſſam outras imagens,
São fugitivas miragens
Que duram menos que um dia;
Sonhos ſão. Viver ſem elles
Dado ao poeta não é;
Dos ſonhos naſce-lhe a fé,
Por iſſo dura tão pouco!
E por elle crer em ſonhos
É que o mundo o julga louco!
Mas nunca amei; porque nunca
Outros olhos como os teus
Se encontraram com os meus!

XVII

A PORTUGAL

Das façanhas e glorias paſſadas
Nem te reſta a ſaudade e o amor?
Ás conquiſtas, com ſangue regadas,
Nem tu proprio já dás o valor?

Vive ainda, comtudo, a memoria,
Que os deſprezos não podem levar,
Dos teus dias brilhantes de gloria,
Para o mundo futuro eſpantar!

Quando tu derrotavas na guerra
Os Malaios, os Perſas, e os Chins,
Ai! então foi teu nome, da terra
Reſoar nos remotos confins!

Mas que importa? Se o tempo confome
Pergaminhos, grandezas, brazões,
Não deshonre a miferia o teu nome:
Defce á campa enfinando as nações;

Amortalhe-te honrada pobreza;
Moftra ainda por ultima vez
Que, depois de paffada a grandeza,
Cai fem mancha o pendão portuguez!

XVIII

PERDIDOS!

Eu nunca te quiz perder;
Se tu perder-me quizeſte,
Meu ſer unindo a teu ſer,
Dois deſgraçados fizeſte!
Ai! nós ambos nos perdemos!...
Tambem culpa não tiveſte!

Se houve culpado fui eu:
Quiz ler no teu penſamento,
Não ſabendo ler no meu!
Procurei no teu alento,
Para minh'alma captiva,
Eſperança e ſalvamento...

Mas comtigo me perdi!
Cuidava sol d'esperança
A luz que em teus olhos vi,
E não sei, n'esta mudança,
Se amar-te foi um inferno,
Se uma bemaventurança.

Quem me póde perdoar
As impiedades que digo,
E o peccado de te amar?
Fui criminoso comtigo;
Porém, se tentas fugir-me,
Eu, perdido, inda te sigo!

Receias a ira do ceu?
Olha que, se ambos peccámos,
O mais culpado fui eu!
Ambos do mundo fujamos,
Que o perdão de Deus teremos
No muito que nos amâmos!

XIX

DEVER

Bem ſei que devo fugir-te,
Que é meu deſtino perder-te;
Se não poſſo poſſuir-te,
Não devo tornar a ver-te.
Mas como dizer-te adeus
Sem deixar comtigo a vida?
Quando fôr a deſpedida
De mim ſe dôam os ceus!

Partir! levando a lembrança
De que eu ſó por ti vivia!
Partir! ſem uma eſperança
Para voltar algum dia!

E tu deixas-me partir?!
Mas, ſe amor por mim ſentíras,
Do mundo, de Deus fugíras,
Para o amante ſeguir!

Oh! perdão!... iſto é demencia,
É ſaudade, amor, e pena;
Porque a voz da conſciencia
A fugir-te me condemna.
Nunca mais te poſſo ver,
Nem ſeguir teus olhos bellos,
Nem teus formoſos cabellos,
Nem por ti jámais ſoffrer!

E tu amavas-me? é verdade?
Choras por mim? iſſo baſta.
Cale-ſe a voz da ſaudade,
Que o dever de ti me afaſta.
Eu tambem choro por ti!
Eu, que a ventura ſeguia,
Que á terra e ceus a pedia,
Fugi d'ella quando a vi!

Não poſſo, nem devo amar-te;
Mas como apagar a chamma
Que, no inſtante de deixar-te,
Em vez de morrer, ſe inflamma?



Eſquecer-te? oh! iſſo não!
O fugir é já baſtante...
Para onde eu vá, teu ſemblante
Ha de ir no meu coração!

E podes tu ſer ditoſa
Não tornando mais a ver-me?...
Tu, de amar-me deſcuidoſa,
Has de algum dia eſquecer-me?
Tuas magoas terão fim,
Tendo tu novos amores?
A cidade, o campo, as flores,
Não te fallarão de mim?

Não ſoltarás um lamento
Quando os ſuſpiros ſentidos,
Que leva o ſopro do vento,
Chegarem a teus ouvidos?
Sabendo que ſão os meus
Não ſentirás, dôce amiga,
Eſte dever que me obriga
A dizer-te agora adeus?

Oh! ſe eu fôr de ti lembrado,
Volve logo os olhos bellos,
Que me verás a teu lado
Com a bôca em teus cabellos...

Cabellos que amor fadou
Para prender uma vida,
Que eſta cruel deſpedida
Ao dever ſacrificou!

Adeus, pois! adeus, querida!
Por te amar ſou deſgraçado!
Fôra menos dar-te a vida,
Que fugir tendo-te amado.
Levo morto o coração,
Porque o levo ſem ventura,
Morto, por eſſa loucura,
Que o mundo chama razão!

Adeus, pois! Se tu penſares
O quanto eu perco em perder-te;
Se algum dia te lembrares
Que jámais poſſo eſquecer-te,—
Lembra-te de quanto eu fiz!
E, ſe não fôres ditoſa,
Deſpreza a razão odioſa,
Vem comigo ſer feliz!



XX

A J. J. TASSO

(Em a noite do ſeu beneficio)

É tua a voz que, dominando as almas,
Commove indifferentes corações;
Sempre ſaudada por ardentes palmas,
Quando falla na ſcena ás multidões?!

Que produz a alegria ou a triſtura,
Já nuncia do prazer, já do terror,
Umas vezes bramindo de loucura,
Outras, plangente, murmurando amor?!



Que, revelando o penfamento alheio,
Entes imaginarios faz viver;
Enche de outras paixões teu mefmo feio,
O teu fer confundindo em outro fer?!

Oh filho de Thalia! as tuas palmas
Não fão devidas a venal favor:
Vem efpontaneas de milhares d'almas,
Porque Deus te fadou um grande actor!

XXI

MARIA

Propter nomen tuum.

Maria, porque me deixas
N'efte viver d'efperança?
De minhas amargas queixas
O teu coração não canfa?
Como hei de efperar ventura
De tanta defefperança!...

A ti vôa o meu defejo,
Se te não tenho a meu lado;
E nos meus fonhos te vejo
Como fe fôra acordado;
Porém de fonhar comtigo
Acordo fempre enganado.

Tu que me ferves de guia,
Minha perdição não queres;
Se o nome tens de Maria,
Será bom quanto fizeres;
Pois quem te deu esse nome
Foi bemdita entre as mulheres.

Não dês á Virgem desgosto,
Nem a mim me dês castigo;
Mostra que o nome é bem posto,
Sendo piedosa comigo;
Como Deus foi com Maria,
Meu amor será comtigo.

Do nosso affecto em tributo
Nascerão viçosas flôres;
E será bemdito o fruto
Que brotar dos teus amores;
E tu, bem cheia de graça,
Se comigo sempre fôres.

Só me basta ver teu riso
Para me encher de alegria;
Eu creio no paraizo
Com a tua companhia;
E tambem creio que inferno
É viver sem ti, Maria.

Por teu nome, por tua alma,
Pois que martyr me fizeste,
Do martyrio dá-me a palma;
Se é palma de amor celeste.
Para os ceus te hei de ir seguindo,
Se foi dos ceus que vieste.

Deixa-me viver comtigo,
Leva-me aonde quizeres;
Só tua vontade sigo,
Farei o que me disseres;
Ou sejas anjo entre os anjos,
Ou Maria entre as mulheres.

XXII

A ROSA

Lembras-te d'aquella roſa
Que ha oito dias me déſte?
Como tinha a côr mimoſa!
Como tinha o cheiro agreſte!...
Era a imagem do pudôr!
Porém eu já preſentia
Que o teu amor morreria
Se murchaſſe aquella flôr.

N'um vaſo de oiro lavrado
Lhe dei da agua mais pura;
Tive com ella o cuidado
Que merece a formoſura.

Da affeição e do amor. Deixando a terra
Aonde me criei, onde dez annos
Hospitaleiros tectos me acolheram,
Ingrato fôra se ao partir-me d'ella
Não vertesse uma lagrima saudosa.

II

São vinte e dois de março. A primavera
Reina perpetua aqui. Ha sempre flôres,
Sempre maviosos, namorados cantos,
Sempre verdura e sol, galas eternas
D'esta opulenta e luxuosa terra.
Mas hoje o dia é triste; entre as mangueiras
Passa gemendo o vento; as folhas cáem
Do jasmineiro em flôr; e as bananeiras
Rangem d'um modo estranho, quando tocam
Os troncos uns nos outros; escutando-as,
Eu cuido ouvir as lastimosas queixas
D'almas n'ellas captivas! E quem sabe
Se as musas, que lhes déram o seu nome,
As animam tambem? se ali suspiram
Pelos grandes poetas que passaram,
E, emquanto soltam os doridos carmes,
Fazem, por distracção, o delicioso
Fruto da bananeira? — Em torno á casa,

Onde, apenas por horas, eu refido,
Florefcem rofas, e açucenas bravas,
Que embalfamam o ar. Um groffo ailantho,
E dois agigantados eucalyptos
Dão vafta fombra ao copiar extenfo,
Por onde eu vago filenciofo e trifte
Á efpera do momento da partida.

III

Partir! volver á patria, á minha patria!...
Ver outra vez a mãe, a irmã, e a terra
Do berço em que nafci! Voltar de novo
Aos logares da infancia! Uma vez inda
Correr por effes campos efmaltados!
Por effas praias, onde o mar braveja,
Saltar fobre os penedos! Junto aos rios
Ir fentar-me outra vez horas e horas,
Ouvindo os rouxinoes, e as camponezas,
Como elles defcantando ao defafio!
Ir beber outra vez na fonte pura
Recordações da infancia, amor, caricias,
N'uma terra que é minha, minha! Accezo
Ver fogo no meu lar! Dizer contente:
— «É meu tudo ifto!» — Adormecer tranquillo
Sentindo a protecção quafi divina

Do olhar de minha mãe! No ſeu regaço
Deſcanſar a cabeça attenuada,
E reforçar-me co'o materno affecto
Para ſeguir de novo o meu caminho
No Oceano da vida!...

IV

Dentro em pouco,
A bordo, e ao longe, vogarei contente
Fugindo do deſterro... Oh não! é falſo!...
Adoro patria e mãe; confundo-as ambas
No meſmo amor immenſo; mas não poſſo
Partir com alegria d'eſtas praias,
Onde deixo... dez annos de exiſtencia!

V

Foi-me a terra do exilio nova patria,
Embora aqui me devoraſſe a anguſtia
De ignota aſpiração, a febre ancioſa
De vagas eſperanças e deſejos!
Mas foi aqui, no ſeio das floreſtas,
Aſpirando os aromas, que embriagam,

D'esses milhões de agigantadas flôres,
Contemplando esses rios magestosos,
Ao calor d'este sol que funde as almas
Em poemas de amores delirantes,
Aqui foi que um lampejo d'estes astros
Se encarnou em meu ser, e a luz do estro
Fulgurou em minh'alma, transformando-a!
Quando soaram meus primeiros hymnos,
Acolheu-m'os a selva em seus mysterios,
E, para que elles fossem menos rudes,
Acompanhou-m'os com milhões de vozes
Em côro sem rival! Cantavam aves,
Insectos, plantas, arvores e flôres,
Rios, lagos, o sol. Os ceus e a terra
Como que respondiam ao meu canto!

VI

Aqui fui poeta; uma existencia nova
Começou para mim entre estes bosques,
Berço da minha musa! Aqui se abriram
Os olhos de minh'alma a nova aurora;
Aqui novos affectos consolaram
O misero proscripto; aqui, com ancia
De virgem coração, amei, e amado
Fui tambem como se ama n'estas praias,

Sob efte ceu de fogo! E hei de agora
Deixar tudo, e partir? partir fem magoa,
Sem faudades do irmão que me quer tanto,
E de amigos que como a irmão me querem?
Não póde fer, bem vêem! De meus olhos
O pranto corre em fio! Quiz poupal-os,
Vindo efconder as lagrimas amargas
No copiar deferto; mas a aragem,
Ouvindo-me gemer, d'entre o arvoredo
Me refpondeu carpindo; o ceu turvou-fe;
E o jafmineiro co'o rofal florído
Sufpiraram comigo, repetindo:
— «Partir! partir! e nunca mais na vida
Volver aqui faudofo a confolar-me!
Nunca mais afpirar eftes aromas
Debaixo d'eftes ceus! O adeus extremo
Dar a tudo ifto para fempre, e incerto
Se no efcuro caminho da exiftencia
Encontrarei jámais algum amigo
Dos muitos qne ora deixo! o irmão querido
Se outra vez poderei inda na terra
Eftreitar em meu peito affectuofo!» —

VII

Sôa o tiro de leva! Adeus, amigos!
Adeus, meu caro irmão! Saudade eterna
Levo de todos vós, e, emquanto vivo
Me palpitar o coração no peito,
Hei de amar-vos com impeto eſtremoſo.
Adeus, amigas e hoſpedeiras praias!
Minha ſegunda patria, adeus! eu parto
Contente co'o theſouro que me déſte.
Vim inda infante, obedecendo á ſorte,
Pedir-te o oiro em troca do trabalho,
Do ſuor do meu roſto; condoídas
Da miſera criança, as tuas ſelvas
Concederam-me a lyra, diſpenſando
Eſſe rude labor que me matava;
E ao inſpirar-me os primitivos cantos,
Aſſim me diſſe em ſeu murmurio eterno
A voz harmonioſa das floreſtas:
— «Eu recuſo-te o oiro; não naſceſte
Fadado para achal-o; mas, em paga,
Quiz Deus, e manda-me, entregar-te a lyra;
Terás o dom divino, e, emquanto vivas,
Por mais que a deſventura te perſiga,
Por maior dôr, por mais intenſo luto

Que vejas na tua alma, ou no Univerſo,
Tu poderás cantar. Vae, e conſola-te;
Viverás mais que os ricos; e em teus verſos
Podem viver tambem todos aquelles
Que tu queiras cantar!» — Braſilia terra,
Por ti meus carmes ſoarão perpetuos,
Que a voz da gratidão vibra em minh'alma,
E inſpira-me a ſaudade immorredoira!

VIII

America gentil! rival da Europa
Tu ſerás algum dia! Reclinada
Ainda dormes nos robuſtos braços
Da tua pura e virgem natureza;
Tuas ſelvas immenſas e ſombrias,
Eriçadas de eſpinhos penetrantes,
E povoadas de animaes ferozes,
Inda repellem no medonho aſpecto
O obreiro do porvir; mas pouco a pouco
Ha de ir a audacia humana deſtruindo
A apparencia ſelvagem que te cerca,
Erguendo do teu ſolo abençoado
Palacios e cidades! Os teus rios
Hão de ver com aſſombro ſuccederem-ſe
Ás floreſtas das margens, as floreſtas

De maſtros de navios! Alguns cedros,
Que o machado poupar para ornamento
Das povoações futuras, ſolitarios
Ás bordas do Amazonas, ſob as copas
Hão de abrigar, talvez, dentro em mil annos
Os velhos reſtos das nações da Europa!
Raças degeneradas e corruptas,
Que o requinte dos vicios ameaça
De breve e inevitavel decadencia,
Irão, deſtroços de fatal naufragio,
Parar ás tuas praias hoſpedeiras,
Pedir-te aſylo, e pão, e força nova!
Os fragmentos de imperios, hoje ricos,
Que o luxo devorou precipitando-os
No abyſmo da pobreza e da vergonha,
Hão de eſtender-te as mãos, pedindo auxilio!
Eſſes que hoje te accuſam de ſelvagem,
Que fallam com deſdem da tua infancia,
E zombam dos esforços inceſſantes
Com que tentas ſaír da barbaria,
Então, caducos pela idade e o vicio,
Na força juvenil dos teus eſtados
Hão de apoiar-ſe humildes; no teu ſeio,
Em tuas leis auſteras e prudentes,
Virão retemperar as frias crenças!
. . . .

IX

— «Levanta o ferro!» — o capitão bradára;
E a maruja, correndo ao cabreſtante,
Metteu-lhe as barras, e, virando á preſſa,
Com ancia de volver á amada patria,
Foi alando e cantando alegremente.
Eu ſó, no emtanto, á pôpa do navio,
Crebros ſuſpiros para a praia enviava
No repetido adeus. Procella immenſa
Ia em meu coração, e o pranto em fio
Dos olhos me corria! — «Adeus!» — Acaſo
Já traduziu alguem todas as magoas,
Toda a doçura e fel d'eſta palavra,
Tão ſuave e tão dôce na pronuncia,
Tão doloroſa para as almas ternas?
Quem já teve uma vez os ſeios d'alma
Raſgados pelo eſpinho da ſaudade,
Deſculpe-me eſtas lagrimas. Felizes
Os que nunca dos que amam ſe apartaram!

X

Já por entre a confufa vozeria
Da marinhagem, que ancoras fufpende,
Ao fom de feu alegre e rude canto,
O meu ultimo adeus fumido expira!
— «Salta arriba! Desferra! larga gaveas!» —
E a marinhagem pela enxarcia corre,
Vôa de lais a lais, largando o panno,
E o navio, coberto n'um repente
Com fuas velas brancas, principia
A mover-fe no liquido elemento.
— «Ala braços de gaveas a bombordo!
Ala joanetes! caça a vela grande!
Caça! volta!» — O navio, electrifado
Co'a voz do commandante, e co'a manobra,
A fotavento cai, feguindo ávante.
O mar em flôr na prôa lhe rebenta;
Rolos efpumeos d'um e d'outro lado,
Partidos pela quilha, vão unir-fe
Na prateada efteira. É bello o brigue
Com fuas niveas azas eftendidas
Como as de ave marinha fobre as ondas!

XI

A cidade fumiu-fe no horifonte!
A praia, as felvas, tudo vai fugindo!
Já mal fe avifta a c'roa de verdura
Das mais altas floreftas; e a diftancia
Já com o azul dos ceus confunde a terra!
Parou-me o coração dentro do peito...
Co'os olhos fitos na arredada plaga
Nem refpiro fequer! Não oiço as vagas
Que me alagam quebrando defpeitadas
Na borda onde me encofto! Os companheiros
Encaram-me pafmados. E eu fó vejo,
Lá muito ao longe, a nuvem azulada
Que adelgaçado veu fe vai tornando,
E fe desfaz por fim! Um grito agudo
Soltou meu coração n'effe momento,
E não vi nada mais! Achava-me orfão
D'uma fegunda mãe!... E choro-a ainda!...

XXIV

QUANDO EU TE VI

Não te lembras? era noite,
Noite efcura como agora,
N'eſſa abençoada hora
Em que te vi e te amei.
Era noite. Eu ſó, e trifte,
Quando á trifteza fugia,
Bufquei d'um baile a folia,
E n'ella me embriaguei.

Mas durou pouco o delirio;
De mim mefmo aborrecido,
Como á dôr tinha fugido
Tambem do prazer fugi;

Em breve o ruido das danças
Meu coração esmagava;
Já não ria, não dançava,
Já nem respirava ali!

Então corri ao theatro;
Sentia em mim a loucura!
Fosse qual fosse a ventura,
Era preciso gozar.
Gozar!... illudir minha alma,
Que, morrendo ao desalento,
Trasbordava sentimento
Por não ter a quem amar!

Entrei. O prazer e o riso
Novamente me cercaram;
Mas tambem me repulsaram
Porque não era dos seus.
Deixei-os! e foi n'essa hora
Que vi teu rosto divino.
Seria acaso, ou destino,
Ou providencia de Deus?

Não sei. Mas quando meus olhos
Em teus olhos se fitaram,
Nossos rostos se voltaram,
Para volver outra vez;

Encontravam-ſe de novo,
E de novo ſe fugiam...
Mas a buſcar-ſe volviam
Sempre com mais avidez!

Nada já me aborrecia;
O ruido não me aſſuſtava;
Já nem o riſo evitava,
Nem tinha medo ao prazer;
Naſcia em mim outra vida!
Como nunca tinha amado,
Que me importava o paſſado,
Se eu começava a viver?

E já teus languidos olhos
Os meus olhos entendiam!
Ainda amor não diziam,
Que lh'o vedava o pudor;
Mas um raio d'eſperança,
Que n'elles me apparecia,
Em minh'alma se embebia
Como promeſſa d'amor.

Lembras-te que era de noite,
Noite eſcura como agora?
Lembras-te do ſitio e hora
Em que te vi e te amei?

Pois d'essa noite a memoria
Não deve ser esquecida;
Conserva-a por mim, querida,
Como eu por ti a guardei.

XXV

MEDITAÇÃO

A luz que brilha no Univerſo immenſo,
Impedindo que reine a eſcuridão,
Depois de ter no ceu queimado incenſo,
Vem fecundar na terra a creação.

Seguem as turbas do progreſſo o rumo,
Lidando e caminhando ſem parar;
E como a nuvem de ligeiro fumo
Que o vento perde nas regiões do ar,

Paſſam as gerações cento após cento!
Onde vão ellas? Quem o diz? Ninguem.
Como ſe eſconde o ſol no firmamento,
Se apaga a vida que brilhou tambem;

Defapparece como a luz no efpaço,
E nem fempre após fi deixa fulgor;
Nem fempre no caminho indica um traço
Da força omnipotente do Senhor.

E a um poder occulto, immenfo, e fórte,
Cedem imperios, curvam-fe nações;
E vão, fem murmurar, da vida á morte,
Do paffado apagando as tradições.

Aftros e flôres, tudo inclina a fronte,
Cumprindo do Senhor as fábias leis.
Por todo o longo efpaço do horifonte
Só Elle impera como Rei dos reis.

Vergando a face para o chão fecundo,
Onde a vida refurge d'entre o pó,
Eu te adoro, oh Senhor, oh Rei do mundo,
Porque em meu coração reinas tu fó.

Renegando da vida defvairada,
Das grandezas da terra que fonhei,
Da minha mocidade efperdiçada
Choro as rofas, que louco desfolhei!

Mas, ai! choro tambem pela esperança,
Que então vinha meus dias alegrar!
Pelos sonhos, e crenças, e a lembrança
Dos tempos que não tornam a voltar!

Oh saudade! saudade! eu a ti venho,
Por ver a Deus na eterna solidão!
E a Elle peço que me guie o lenho
Das praias do naufragio á redempção.

XXVI

O MARINHEIRO

—«Para adormecer n'um rio
Junto aos pés d'uma cidade,
Não foi feito o meu navio,
Que zomba da tempeſtade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga! larga! deixa a terra!
Iça longo, e ſem parar!
Fóra ſabres e cutelos!
Deita abaixo os andrebellos!
Ancora toda a beijar!

Larga eſſas velas de prôa!
Gavea grande! todo o pano!
Meu navio é uma c'roa
Sobre a fronte do Oceano.

Eu ſou rei, aqui domino!
A eſtrella do meu deſtino
Só no mar brilha feliz.
Quando ſopra o vento fórte,
Seguindo ſempre meu norte,
Não conheço outro paiz?

Onde naſci?... não o digo,
Porque não o ſei ao certo.
Quando buſquei um amigo.
Achei o mundo deſerto...
Só tive contentamento
Eſcutando a voz do vento
Nas gaveas a ſibilar;
Quando, ſem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
E por companheiro o mar.

Nunca amei as impias pragas
Dos meus rudes marinheiros;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu contente a contemplava;
E a viſta ſe me enlevava
No abyſmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Eu mais alegre ſorria
Para a linha do horiſonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobada deſerta
Adivinhava o tufão;
D'olhos no tope dos maſtros,
Aprendi a ler nos aſtros
A vinda do furacão.

Aſſim fui homem, primeiro
Que de homem tiveſſe a idade!
A eſcola do marinheiro,
Tem por meſtre a tempeſtade.
Ó do leme! contro! arriba!
Folga a bujarrona e giba!
Olha as bolinas de ré!
Caça a draiva e o traquete!
Ala velacho e joanete!
Vá de longo! bate o pé!

Temos vento leſnordeſte;
Já vai o Cabo dobrado.
Põe o rumo ao ſudoeſte!
Aguenta o leme! cuidado!
Paſſa talha na retranca!
Olha a eſcota! volta franca!

Arreia mais... devagar...
Volta! volta!... Sete e meia:
O vento não eſcaceia;
Corre aſſim, que é bom andar.

Meu paiz é n'eſtes mares;
Meus campos, eſtes banzeiros;
Eſte navio, meus lares;
Minha familia, os pampeiros!
Diz-me a voz do cataclifmo
Que dormirei n'eſte abyſmo
Aos ecos do temporal,
Envolvido n'eſtas velas,
Como o genio das procellas
Ou o anjo do vendaval.

Com furia o mar ſe alevanta
E ás nuvens cuſpindo a vaga,
Pela tremenda garganta,
O lais das vergas alaga!
O eſpaço todo ſe abala,
Se o trovão rugindo eſtala
E o raio lança dos ceus!
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme,
E ſobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino veleiro,
Até que no ceu se apague
A eſtrella do marinheiro;
Depois, que a onda te eſmague;
Que venha atravez do eſpaço
Do Senhor o occulto braço
Tuas pranchas deſlocar;
Tu és da terra inimigo,
Por iſſo virás comigo
Dormir no fundo do mar!» —

XXVII

O DIABO

Em nome do Padre e Filho,
E do Efpirito tambem!
Que em fua graça nos tenham
Para todo o fempre, amém!

Antes de fallar no demo
Deve-fe a gente benzer,
Que o velhaco arde em defejos
De nos tentar e perder.

Eu tenho-lhe tanto medo,
Que me finto arripiar.
Se querem faber a caufa,
Um conto lhes vou contar:

Havia uma vez um conde,
Senhor de rico ſolar,
Caſado com a condeſſa,
Formoſa Dona Guiomar.

Uma noite muito negra
Começa o conde a ſonhar
Que ao ſeu pagem favorito
A condeſſa ia abraçar.

Acorda muito zangado;
Entra no caſo a penſar;
Chama o diabo tres vezes;
Torna a dormir, e a ſonhar.

Apparece-lhe o demonio,
Começa a rir e ſaltar,
Fazendo taes diabruras,
Que o conde pôz-se a gritar.

Vereis agora o bonito!
Era o diabo a fallar:
—«Cala-te lá, meu pateta!
Pois não te queres vingar?

Por tres vezes me chamaſte;
Eu venho por te ajudar;
Outro foſſe eu que faltaſſe,
Ou te obrigaſſe a eſperar.

Bem vês que ſou bom diabo..
Mas vamos negociar:
Serão meus teu corpo e alma,
Se a condeſſa te enganar?»—

—«Voto a todos os diabos!»—
Exclama o conde a ſonhar
—«Que, ſe o pagem fôr com ella,
Duas almas te hei de dar.»—

O demonio, de contente,
Ali ſe pôz a dançar;
E co'a pontinha do rabo
Fez o conde deſpertar.

Vai-ſe ao quarto da condeſſa,
Parece-lhe ouvir fallar...
Chega enfurecido ao leito...
E mata Dona Guiomar!

Ouviu uma gargalhada,
Como o demo as ſabe dar...
Tinha morto uma innocente,
No inferno o irá pagar!

Um homem com pés de cabra,
Com um rabo a rabear,
Armado com dois chavelhos,
Põe-ſe ao pé d'elle a bufar!

O conde, muito aſſuſtado,
Nem ſe benzeu, nem rezou...
Pum! O ar cheira a chamuſco
Onde o meu conto acabou.

XXVIII

A BORBOLETA

I

Que vida, que linda vida,
Que a borboleta não tem!
Vive no gozo embebida
Sem ter amor a ninguem!
Ella zomba dos amores;
Depois de os pedir ás flôres,
Foge d'ellas com desdem!

Borboleta, se quizesses,
Ao meu mal darias fim:
Bastava só que me desses
O teu genio para mim.
Tão pequenina, e tão fórte!...
E ter eu tão triste sorte,
Que não possa ser assim!

Vais de flôr em flôr voando;
A tua vida é gozar;
D'efta n'aquella poufando,
Novo prazer vais achar!
Florinha que ha pouco amafte,
Por outra e outra a deixafte,
Sem faudades, fem pezar!

Não fabes, bella inconftante,
Qual é do ciume a dôr!
Só n'um momento és amante
Da mais linda e meiga flôr!
Não fabes? tenho-te inveja,
E dóe-me que affim não feja
Inconftante o meu amor.

Para ti, o gozo é tudo;
A mim prendem-me as paixões.
Queres fervir-me d'eftudo
Para eu não ter affeições?
Queres?... Então gofa, gofa,
Moftra-te bem defdenhofa,
Que eu vou tomando lições!

II

Borboleta, eſtou canſado;
Fui ao prado,
Fui ao prado por te ver;
Quiz ſeguir o teu deſtino,
Que divino
Julguei ſer.

Venci meu fado, venci-o;
Perſegui-o,
Perſegui-o até canſar;
Como varías nas flôres,
Quero amores
Variar.

Borboleta, o goſo é tudo;
Fiz eſtudo,
Fiz eſtudo e aprendi;
Deus te pague pelo enſino!
O deſtino
Já venci!

Dês que tu me apparecefte,
Me diffefte,
Me diffefte o que é viver;
Coftumei-me á efquivança,
Não me canfa
O prazer!

Como tu tens muitas flôres,
Tenho amores,
Tenho amores como os teus;
Se elles te correm ligeiros,
Paffageiros
São os meus.

III

Como é bella a liberdade,
E voar de flôr em flôr,
Após o amor!

Como é bom não ter ciumes,
E os prazeres variar,
Sempre a gozar!

Como é dôce amar a muitas,
E ſempre andar a correr,
Para eſcolher!

Grande meſtra, ó borboleta,
És tu na eſcóla do amor,
Correndo de flôr em flôr!
É feliz quem te imitar,
Quem podér paſſar a vida
A mudar ſempre de amante,
Goſar uma em cada inſtante,
Deixar todas ſem pezar!

São os noſſos irmãos! Vêde-os agora
A dôr moſtrando nos choroſos vultos:
Co'a noſſa perda morre-lhes nos olhos
Fulgido brilho!

II

Inimigos ha vinte annos,
Voſſos brios mais que humanos
Santificam voſſa fé;
Reſpeitâmos-vos de pé!
Doeram-vos noſſas magoas,
E do voſſo pranto as aguas
Banham noſſo coração!
Chorae, chorae d'eſſe lado,
Que ſe ennobrece o ſoldado
Que não nega ſeu irmão!

Porque andâmos nós em guerra?
Naſcidos na meſma terra,
Não nos guia a meſma luz!
Finde a guerra junto á cruz!
Quem com ſeus irmãos pranteia,
Não póde ter cauſa alheia;

Contrarios, perdão igual!
Nenhum lado ſe envilece!
Nós fazemos eſta prece
N'um recinto ſepulcral,

Aonde a melancolia
N'eſtas horas de agonia
Não vê ninguem deſcortez!
Tudo aqui é portuguez:
A dôr que eſtala nos peitos,
O pranto em olhos affeitos
A occultar o ſoffrer...
Todos aqui vem das eras
D'aquellas crenças ſinceras
D'antes quebrar que torcer!

Todos naſcemos ſoldados,
E, pela dôr conſternados,
Orâmos co'a meſma fé!
Eia, pois! todos de pé!
E ſob uma ſó bandeira,
Da noſſa paz companheira,
Nos eſqueça a proſcripção;
Dos odios ſe acabe o grito;
Vinde, amigos do proſcripto,
Ceſſae de gemer em vão!

Não renegais voſſas dôres,
Já não desbotam as côres
Que teem vinte annos por ſi;
Mas podem unir-ſe aqui!
União, por Deus ſagrada,
É dever da crença herdada,
E ha de por fim triumphar.
Teve o throno o ſeu calvario;
Repaſſe o pranto o ſudario
Que ha de a todos conſolar.

Sendo de partido oppoſto,
Banhaſtes o nobre roſto
Co'o pranto que a magoa dá;
Elle afoga-nos de cá!
Do luto da monarchia
Prantear o infauſto dia
É de todos nobre lei;
Choremos, pois, a rainha:
Foi do voſſo rei ſobrinha,
E era mãe do noſſo rei!

III

E todos que a vêem ſem vida,
Choram a planta viçosa
Morta em flôr;
E a flor, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e eſpoſa,
Deixa a dôr.

Aos inimigos não baſta
Ver os orfãos ſem ventura
Co'eſte mal?
Mal que doêra a madraſta,
Quanto mais á magoa pura
Filial?!

Vêde-o como vai ſem fauſto,
Eſſe corpo que da alma
Enviuvou!
Enviuvou já quando, exhauſto,
Do martyrio a triſte palma
Desfolhou!

E todos que a vêem ſem vida,
Choram a planta viçoſa
Morta em flôr;
E a flôr, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e eſpoſa,
Deixa a dôr!

Oh! ſe orando aqui por ella,
Noſſa união renaſceſſe
Ante Deus!
Tornariamos a vel-a
Pelo bem que nos fizeſſe
Lá dos ceus.

Todos culpas e erros temos;
Fomos todos deſterrados
D'eſta mãe,
Mãe-patria. Pois não ſeremos
N'eſte voto acompanhados
Cá tambem?

E todos que a vêem ſem vida,
Choram a planta viçoſa
Morta em flôr;
E a flôr, co'o vento pendida,
A dois reis, por mãe e eſpoſa,
Deixa a dôr!

IV

Quando paſſava o preſtito no arco
Do ſacro templo que a piedade ergueu,
Fulgido lume brilha n'um dos coches,
N'eſſe em que a morte deſcerrára o veu!

Sobe o vapor da etherea chamma ao alto,
E, condenſado nas regiões do ar,
D'entre elle ſurge, myſterioſa, uma ave
Que os olhos miram ſem poder canſar.

E logo ao carro da corôa vê-ſe
Que a meiga pomba ſem temor voou!
Seria eſpirito que vinha agora
Ver inda a terra aonde já pouſou?

Paz no futuro preſagiando á c'roa,
Seria uma alma que ali vinha aſſim,
A abençoar do alto d'eſſe carro
Todo o ſeu povo reunido emfim?!

Certo, era um anjo, que defcia ao povo,
E vinha unil-o, por favor do ceu;
Porque furgia nos portaes da egreja,
Do facro templo que a piedade ergueu!

Trifte d'aquelle que do fundo d'alma
Eftes avifos do Senhor não vê!
Que não decifra no celefte livro
Efte milagre que a fé viva lê!

Ou alma, ou pomba, como luz d'efp'ranças,
Fulgiu na c'roa que paffava ali;
Que do ceu veiu juram-n'o mil bôcas;
Que ao ceu voára dizem todos: — «Vi.» —

E da difcordia, arrependida e trifte,
Como um fó homem, a nação gemeu;
E a voz da egreja, no lutuofo canto,
Apaga os odios que o paffado ergueu.

V

Quebraram-fe as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fugimos ao duro fragor!
Irmãos, o paffado na loifa fe efquece!
-ão quer inimigos a lei do Senhor!

Irmãos! esse corpo da morte colhido,
Que agora da campa repousa na paz,
Penhor de concordia, ·por Deus escolhido,
Ainda na morte esperança nos traz;

Que a mystica pomba não era sybilla,
Mas antes seguro, divino signal!
Da mãe era a alma, que vinha tranquilla
Na c'roa do filho saudar Portugal!

Foi anjo que veiu nos campos tão varios,
Por Deus enviado, estas pazes fazer;
Que a pomba descia dos altos sacrarios,
Que os olhos do mundo não podem romper.

Se a c'roa é do reino, sabia-o a pomba;
Porém d'estes reinos é filho tambem
O rei, que ajoelha na loisa que tomba,
De todos amado, sem odio a ninguem.

Quebremos as armas, e, unidos na prece,
Da guerra fujamos ao duro fragor!
Irmãos, o passado na loisa se esquece,
Não quer inimigos a lei do Senhor!

XXX

OS AMORES DO POETA

Dizem todos que os poetas
Não fallam ſenão d'amor!
Pois que admira? Acaſo a flor
Será tambem inconſtante
Dando a todos o perfume
Que lhe dera o Criador?
Do ſol o brilho radiante,
Da eſtrella o candido lume,
Que ċeus e terra alumiam,
Tambem de amor deſvariam?

Para amar naſceu o poeta;
Sim, falla a todos d'amor,
Porque ha no ſeu coração
O eterno germen da flor

Que faz nafcer a paixão:
O fentimento do bello
E o fogo da afpiração.
Tambem Deus, que é um fómente,
Ama toda a criação.
Feito por Deus, como Deus
O poeta adora a todos,
E a tudo, da terra aos ceus!

XXXI

MEDICINA DE DEUS

Tudo ſem ti é triſteza,
Tudo ſem ti me aborrece;
Erma a terra me parece,
Não tem vida a natureza!

Por iſſo, meſmo doente,
Venho aqui para te ver;
Pois antes quero morrer,
Que de ti viver auſente.

Ao ver-te, logo adormece
A furia da minha dor;
Mas longe do teu amor
Sempre a minh'alma padece.

Deixa-me pois a teu lado
O meu remedio bufcar:
Bafta-me ouvir-te fallar
Para logo fer curado;

Bafta-me ver-te, querida;
Pois na luz dos olhos teus
Achei fempre amor e vida,
A medicina de Deus.

XXXII

PORQUE CHORAS?

Quem te fez mal? porque choras?
Como foluças! que magoa!
Que dôr é eſſa tão fórte
Que te inunda os olhos d'agua?
Vem deſabafar comigo;
A cauſa do teu pezar
Derrama n'um ſeio amigo.
Cuſta-me ver-te chorar,
Apeſar de haver no pranto
Da mulher, a quem ſe adora,
Indicios de que a ternura
Em ſeus olhos tambem chora.

Que tens tu? pretende alguem
Afaſtar-te de meu lado?
Não ha na terra ninguem
Que tal ſe atreva a fazer!
Mas ſe houver... onde tu fores,
Lá comtigo irei viver!
Porque choras? Não receias
De certo perder-me, não?
Nem de mim te aborreceſte?
Nem te aborrece a paixão?
Saudades tens? ou deſejos?
Mas porque choras então?

Dize a razão porque choras,
Que não te has de arrepender;
Eu tambem fui deſgraçado,
Por iſſo te hei de entender.
Soluças mais? Deſafoga,
Dize o terrivel pezar
Que aſſim te faz ſoluçar.
Ciumes! de mim? oh! louca...
Volve á razão que perdeſte,
E chora com mais razão
Pelo pranto que verteſte,
Fazendo tal injuſtiça
Ao meu pobre coração,
Que ainda não conheceſte.

Ciumes de mim! Não chores...
Se bem que agora o teu pranto,
Depois que lhe ſei a cauſa,
Tem para mim outro encanto;
Mas não importa; não chores,
Que, por mais ſuave e doce
Que me ſeja o ver-te aſſim
A chorar d'amor por mim,
Sempre é chorar! e não quero
Que por fim tu me aborreças:
Deſejo ſó que não chores,
E... que melhor me conheças.

Enxuga os olhos, querida;
Sabe que, ſem confiança,
Não ha ſocego na vida,
Nem ha na vida eſperança.
Eſpera, pois, e confia,
Que nunca verás mudança
Em quem mais amor te déra
Se mais coração tivera,
Ou ſe n'eſte, onde tu vives,
Maior affecto coubera.

XXXIII

A UMA MENINA

Oh! quem podéra viver
Como tu vives, criança!
Quem ſe podéra deter
N'eſſa idade floreſcente,
Sem nunca ſentir mudança,
Nem jámais envelhecer!

Ai, querida! folga, e ri!
Goza da quadra florída,
Que ſó eu não conheci!
Quando as flores da eſperança
Te engrinaldarem a vida,
Tu verás quanto eu ſoffri!

Verás ſe é duro eſperar
Que ſe torne em realidade
O que amor nos faz ſonhar!
Da mais ſublime poeſia
Paſſar á ſimples verdade,
E em triſte proſa acordar!

Só quando teu coração,
Na magoa retemperado,
Por cada deſillusão
Tiver a força, a energia,
Para zombar do paſſado
Á viſta da multidão,—

Só então podes ſaber
Que preço tem a exiſtencia!
Mas, antes de o conhecer,
Vive alegre, e ſem cuidados;
Que depois fôra demencia
Aſpirar a igual prazer.

XXXIV

A CASTELLÃ DE AVELOMAR

I

— « Debalde ſobre as ameias
Das torres do meu ſolar,
Olho as montanhas e os valles,
E os campos da beira-mar!

Ainda o ſol com ſeus raios
Não doira os cimos dos montes,
E já meus olhos canſados
Se fitam nos horiſontes.

Paſſa o aſtro fulgurante
Fazendo o giro do mundo,
E eu ſempre aqui, até vel-o
Sumir-ſe no mar profundo!

Muitas vezes do meu leito
Me levanto a horas mortas,
Tomando o ruido do vento
Por gente que bate ás portas;

Cuido ouvir por alta noite
A trompa ſoando além;
Corro á ponte apreſſurada,
Olho, e não vejo ninguem!

E faz ámanhã quatro annos
Que o meu amado partiu;
Que eſta mão cobriu de beijos
Quando a eſpada lhe cingiu!

—Oh! Leonor! Leonor!—me diſſe—
Sê fiel, querida amante!
Que eu pela cruz d'eſta eſpada
Te juro ſerei conſtante.

Pela minh'alma te juro,
E juro-o á face do ceu,
Que, morto ou vivo, querida,
Meu corpo ſerá ſó teu.—

Tapei-lhe a bôca com beijos;
Jurei-lhe quanto elle quiz;
E, apertando-o nos meus braços,
Fui por inftantes feliz.

Ai! quatro annos são paffados
Sem meu amante voltar!
Malditos fejam os moiros
Que m'o fazem demorar!

Tenho os meus olhos canfados
De tanto os fitar em vão!
Ai! fe o meu amado é morto,
Trifte do meu coração!» —

II

Affim, com faudofas queixas,
Carpia Dona Leonor,
Lançando dos altos muros
As viftas em derredor.

Eis que ao longe, á redea ſolta,
Vê pela encoſta do outeiro,
Na direcção do caſtello
Vir correndo um cavalleiro!

Verdes armas traz veſtidas;
Todo branco é seu ginete;
Uſa um falcão de azas d'oiro
Por timbre no capacete.

— «Não é elle! oh! não! meus olhos
Não me haviam de enganar!
Não é branco o ſeu cavallo,
Nem ſuas côres verde-mar.

Eram azues as ſuas armas,
Tomou-as por meu amor:
Em toda a ſua armadura
Quiz dos meus olhos a côr.

Ao ſeu elmo azul-celeſte
Pôz por cimeira um dragão;
E um ramo de madreſilva
No eſcudo, por meu braſão.

Seu cavallo é baio-corſo,
Das raças da barbaria;
Nobre animal! ſe foſſe elle
De longe relincharia.» —

III

Junto á ponte levadiça
O cavalleiro parou,
E a buſina por tres vezes
O eco ao longe acordou.

Corre a dama em ſobreſalto:
— «Virá de Jeruſalem?!
Ide, pagens e eſcudeiros,
Perguntar-lhe d'onde vem.

Perguntae-lhe, antes de tudo,
Se é cavalleiro da fé;
Depois diga o que pretende,
Sua menſagem qual é.» —

Vão-ſe eſcudeiros e pagens;
E Leonor, ancioſa eſpera
No jardim, onde, entre flôres,
Lhe ſorria a primavera.

Paſſados breves minutos
Volve um pagem a bradar:
— «Senhora, ſenhora minha,
É chriſtão, quer-vos fallar!» —

E, após o pagem, ſeguia
Vagaroſo o cavalleiro;
Calada traz a viſeira,
Seu porte é nobre e guerreiro.

A dama, de perturbada,
Poude apenas murmurar:
— «Se vindes da Paleſtina,
Sois bemvindo ao meu ſolar.» —

— «Senhora, — com voz ſolemne,
Voz que a fez eſtremecer —
Da Paleſtina, é verdade,
Venho a cumprir um dever.» —

— «Cavalleiro, por piedade
Dizei depreſſa, dizei!
Voſſa voz vibra em minh'alma,
Do elmo a viſeira erguei!» —

— «Não poſſo moſtrar meu roſto;
Senhora, que voto que fiz
Quando acceitei a menſagem
D'um cavalleiro infeliz.

Dom Rodrigo amou-vos ſempre,
E, no inſtante derradeiro...» —
— «Morto! O meu fiel amante?!
É morto o meu cavalleiro?!» —

— «Morreu da morte dos bravos,
Como poucos vi morrer...
Um contra cem ſarracenos,
Tivemos de combater!

Mas Dom Rodrigo, ſenhora,
Gritando: — *Deus e Leonor!* —
Ergueu trincheiras de mortos,
E foi por fim vencedor!

Tinha porém tantos golpes,
E tanto ſangue perdia,
Que, antes do fim da batalha,
Nos meus braços ſe morria.

O ramo de madreſilva,
Que elle tinha por braſão,
Jurei trazel-o, ſenhora,
E ponho-o na voſſa mão.

Vem tinto no amado ſangue;
Dom Rodrigo o quiz aſſim.
Cumpri o voto do amigo...
Nada mais quereis de mim?» —

IV

A dama, pallida e fria,
N'um banco ſe recoſtára,
Mal ouvindo o menſageiro,
Que longo tempo fallára.

O ramo de folhas d'aço
Com flôres d'oiro a nafcer,
O ramo que lhe elle déra,
Tinha-o na mão, fem o ver!

— «Morto! E agora, fem ventura!» —
A bella emfim murmurou;
E ao calado menfageiro
Os olhos alevantou.

— «A voz d'efte imita a d'elle; —
Penfou, fallando comfigo.
— Elle morreu-lhe nos braços...
Oh! quanto invejo efte amigo!

Não; detefto-o!... E a vifeira
Sempre no rofto caída!...
Talvez meu pranto o commova,
Por iffo a não quer erguida.

Oh! Se é por terna piedade,
Se eu lhe infpiro compaixão,
Deus lh'o pague! Ver feu rofto
Dar-me-hia confolação.» —

— «Senhora, adeus.» —
— «Cavalleiro,
Bemvindo ſois! deſcanſae;
Fallae-me de Dom Rodrigo,
E a viſeira levantae.» —

— «Foi jura que fiz, ſenhora,
Não me obrigueis a quebral-a;
Só em S. Pedro de Rates
É que poſſo alevantal-a.» —

— «Ai! pobre de mim, coitada,
Que a ninguem inſpiro dó!
Para que me ſerve agora
A vida tão erma e ſó?» —

— «Sois moça e gentil, ſenhora,
Novo amor encontrareis.» —
— «E vós quem ſois, cavalleiro,
Que tanto o roſto eſcondeis?» —

— «Sou moço, e dizem que bello;
Os meus olhos negros ſão;
Tenho formoſos cabellos,
Negros... da cor da traição.» —

— «É por ventura uma dama
Quem taes gabos faz de ſi?!
Quem vem de roſto coberto
Trazer-me a deſgraça aqui?

Menſageiro de más novas,
Sois livre, podeis partir;
É natural dos covardes
Ferir na ſombra, e fugir!» —

V

Proferindo eſtas palavras,
A dama ſe alevantou;
E com geſto altivo e fero
Para a porta lhe apontou.

— «Senhora, quebrado é o voto
Diante da injuria atroz!
Ai de nós ambos, ſenhora!
Leonor, Leonor, ai de vós!» —

Vão-ſe eſcudeiros e pagens;
E Leonor, anciosa eſpera
No jardim, onde, entre flôres,
Lhe ſorria a primavera.

Paſſados breves minutos
Volve um pagem a bradar:
— «Senhora, ſenhora minha,
É chriſtão, quer-vos fallar!» —

E, após o pagem, ſeguia
Vagaroſo o cavalleiro;
Calada traz a viſeira,
Seu porte é nobre e guerreiro.

A dama, de perturbada,
Poude apenas murmurar:
— «Se vindes da Paleſtina,
Sois bemvindo ao meu ſolar.» —

— «Senhora, — com voz ſolemne,
Voz que a fez eſtremecer —
Da Paleſtina, é verdade,
Venho a cumprir um dever.» —

— «Cavalleiro, por piedade
Dizei depreſſa, dizei!
Voſſa voz vibra em minh'alma,
Do elmo a viſeira erguei!» —

— «Não poſſo moſtrar meu roſto;
Senhora, que voto que fiz
Quando acceitei a menſagem
D'um cavalleiro infeliz.

Dom Rodrigo amou-vos ſempre,
E, no inſtante derradeiro...» —
— «Morto! O meu fiel amante?!
É morto o meu cavalleiro?!» —

— «Morreu da morte dos bravos,
Como poucos vi morrer...
Um contra cem ſarracenos,
Tivemos de combater!

Mas Dom Rodrigo, ſenhora,
Gritando: — *Deus e Leonor!* —
Ergueu trincheiras de mortos,
E foi por fim vencedor!

Tinha porém tantos golpes,
E tanto ſangue perdia,
Que, antes do fim da batalha,
Nos meus braços ſe morria.

O ramo de madreſilva,
Que elle tinha por braſão,
Jurei trazel-o, ſenhora,
E ponho-o na voſſa mão.

Vem tinto no amado ſangue;
Dom Rodrigo o quiz aſſim.
Cumpri o voto do amigo...
Nada mais quereis de mim?» —

IV

A dama, pallida e fria,
N'um banco ſe recoſtára,
Mal ouvindo o menſageiro,
Que longo tempo fallára.

O ramo de folhas d'aço
Com flôres d'oiro a nascer,
O ramo que lhe elle déra,
Tinha-o na mão, sem o ver!

— «Morto! E agora, sem ventura!» —
A bella emfim murmurou;
E ao calado mensageiro
Os olhos alevantou.

— «A voz d'este imita a d'elle; —
Pensou, fallando comsigo.
— Elle morreu-lhe nos braços...
Oh! quanto invejo este amigo!

Não; detesto-o!... E a viseira
Sempre no rosto caída!...
Talvez meu pranto o commova,
Por isso a não quer erguida.

Oh! Se é por terna piedade,
Se eu lhe inspiro compaixão,
Deus lh'o pague! Ver seu rosto
Dar-me-hia consolação.» —

Vão-ſe eſcudeiros e pagens;
E Leonor, ancioſa eſpera
No jardim, onde, entre flôres,
Lhe ſorria a primavera.

Paſſados breves minutos
Volve um pagem a bradar:
— «Senhora, ſenhora minha,
É chriſtão, quer-vos fallar!» —

E, após o pagem, ſeguia
Vagaroſo o cavalleiro;
Calada traz a viſeira,
Seu porte é nobre e guerreiro.

A dama, de perturbada,
Poude apenas murmurar:
— «Se vindes da Paleſtina,
Sois bemvindo ao meu ſolar.» —

— «Senhora, — com voz ſolemne,
Voz que a fez eſtremecer —
Da Paleſtina, é verdade,
Venho a cumprir um dever.» —

— «Cavalleiro, por piedade
Dizei depreſſa, dizei!
Voſſa voz vibra em minh'alma,
Do elmo a viſeira erguei!» —

— «Não poſſo moſtrar meu roſto;
Senhora, que voto que fiz
Quando acceitei a menſagem
D'um cavalleiro infeliz.

Dom Rodrigo amou-vos ſempre,
E, no inſtante derradeiro...» —
— «Morto! O meu fiel amante?!
É morto o meu cavalleiro?!» —

— «Morreu da morte dos bravos,
Como poucos vi morrer...
Um contra cem ſarracenos,
Tivemos de combater!

Mas Dom Rodrigo, ſenhora,
Gritando: — *Deus e Leonor!* —
Ergueu trincheiras de mortos,
E foi por fim vencedor!

Tinha porém tantos golpes,
E tanto ſangue perdia,
Que, antes do fim da batalha,
Nos meus braços ſe morria.

O ramo de madreſilva,
Que elle tinha por braſão,
Jurei trazel-o, ſenhora,
E ponho-o na voſſa mão.

Vem tinto no amado ſangue;
Dom Rodrigo o quiz aſſim.
Cumpri o voto do amigo...
Nada mais quereis de mim?» —

IV

A dama, pallida e fria,
N'um banco ſe recoſtára,
Mal ouvindo o menſageiro,
Que longo tempo fallára.

O ramo de folhas d'aço
Com flôres d'oiro a nafcer,
O ramo que lhe elle déra,
Tinha-o na mão, fem o ver!

— «Morto! E agora, fem ventura!» —
A bella emfim murmurou;
E ao calado menfageiro
Os olhos alevantou.

— «A voz d'efte imita a d'elle; —
Penfou, fallando comfigo.
— Elle morreu-lhe nos braços...
Oh! quanto invejo efte amigo!

Não; detefto-o!... E a vifeira
Sempre no rofto caída!...
Talvez meu pranto o commova,
Por iffo a não quer erguida.

Oh! Se é por terna piedade,
Se eu lhe infpiro compaixão,
Deus lh'o pague! Ver feu rofto
Dar-me-hia confolação.» —

Depõe Ramiro na meza
O aureo copo inda cheio,
E ſente, apeſar de bravo,
O terror varar-lhe o ſeio!

O recem-vindo, um momento
Junto á porta ſe detem;
Olha Leonor e Ramiro,
Não repara em mais ninguem.

É azul ſua armadura;
Por timbre traz um dragão;
Percebe-ſe inda no eſcudo
Que um ramo foi ſeu braſão.

Traz a viſeira calada;
Nem ſe lhe ouve o reſpirar!
Paſſados breves inſtantes
Avança, mas ſem fallar.

Vai direito a Dom Ramiro;
Porém eſte, com horror,
Cedeu-lhe o logar da meza
Ao pé de Dona Leonor!

Sentou-ſe o recem-chegado
Exhalando atroz ſuſpiro;
E, ſem deſcalçar o guante,
Ergue a taça de Ramiro.

Com duro geſto apreſenta
Á dama o rubro licôr;
Ella, recebe-o tremendo,
Bebe, e coſpe-o com terror!

O vinho ha pouco era puro...
Que travo agora lhe achou?!
Silencioſo o cavalleiro
D'um trago o copo eſgotou.

Sem levantar a viſeira,
Como o liquido ſorveu?
Pelas juntas da armadura
Filtra o licôr que bebeu!

Mas que paſmo! o vinho é ſangue!
Em negro ſangue é tornado!
E cai em jorros ferventes
Pelo chão alcatifado!

Fogem da ſala os convivas;
Os noivos querem fugir,
Mas aos pés do recem-vindo
De joelhos vão caír.

— «Perdão, perdão, Dom Rodrigo!
Se és morto, não ſou perjura...» —
Fica mudo o cavalleiro,
Porém treme-lhe a armadura.

— «Perdão, perdão, Dom Rodrigo!
Eu ſei que fui mau irmão!...
Mas tentaram-me os ſeus olhos,
E tu morreſte... perdão!» —

Mudo ſempre o cavalleiro
Dos noivos as mãos tomou;
Para o quarto do noivado
Com elles ſe encaminhou.

Coiſas que ali ſe paſſaram
Quem as podéra contar?!...
Oito dias e oito noites
Ninguem lá ouſou entrar!

Por fim, o cura, efcoltado
Pelo povo e o fachriftão,
Atreveu-fe a ir á porta,
Levando o hyffope na mão.

Bate, ninguem lhe refponde;
Na caldeira da agua benta
Vezes tres molha a arma fanta,
Mas a porta não rebenta!

O padre não fe atrapalha;
Tendo mais fé nos feus braços,
Deu tal murro á fechadura
Que a fez faltar em pedaços.

Mas que affombro! os noivos mortos
Jazem no leito doirado;
E o finiftro cavalleiro
Ao pé d'elles affentado!

O cura, pela experiencia
Havida co'a fechadura,
Não quer arrifcar de novo
O effeito da benzedura:

Os mortos voltam ás vezes;
E o diabo, quando quer,
Coſtuma fazer das ſuas
Em figura de mulher.» —

O bom homem foi-ſe rindo
Do ſermão que ali prégou;
E o povo, que é ſempre povo,
Piamente o acreditou.

Os frades, com grandes pompas
E indicios de ſentimento,
Déram ſepultura aos noivos
No clauſtro do ſeu convento.

Tomaram poſſe das terras
Pertencentes ao ſolar;
E quando iam ao caſtello
Saíam ſempre a chorar.

Dizia o padre, ſe os via
Dar taes moſtras de ſaudade:
— «Choram de goſto, os patifes!
Se houveſſe diabo era frade!» —

NOTAS

NOTAS

AO

LIVRO PRIMEIRO

Não ſou, nem fui nunca, dos ſeus intimos.

Pag. 21, lin. 2.

Não ſe julgue por eſtas palavras que me ſeria deſagradavel a qualificação de amigo intimo do grande poeta. Pelo contrario! confeſſo que me honraria muito com ella ſe tiveſſe tido a ventura de adquiril-a. Mas, apeſar de ſer notoria a facilidade, e até o contentamento, com que elle abre a todos os que o procuram as portas de ſua caſa e o ſeu coração, nunca me permittiram as circumſtancias da minha arrevezada vida cultivar mais de perto a amizade de s. ex.ª O que eu quiz ſignificar unicamente nas palavras a que eſta nota ſe refere, foi que não carecia de gozar da intimidade do ſnr. Antonio Feliciano de Caſtilho para lhe preſtar o ſincero e eſpontaneo tributo da minha admiração e reſpeito.

(Seg. ed.)

---

*

Indo-a vender aos mercados brazileiros.

Pag. 30, lin. 7.

Na primeira edição diz-se: «Indo-a vender aos brazileiros;» e d'isso resultou que um meu amigo, filho do Maranhão, e que estudava em Pariz as sciencias naturaes no tempo em que se publicou o livro, escrevendo-me uma carta, muito affectuosa e muito amavel, a findasse com a seguinte queixa:

«Porque diz v.: *Indo-a vender aos brazileiros,* e não *aos habitantes do Brazil?*» E, a proposito d'isto, prégou-me um sermão, para provar que tanta culpa tinham os portuguezes como os brazileiros do trafico infame dos pretos e dos brancos. Nunca offendi voluntariamente ninguem; mas posso tel-o feito muitas vezes por erro de entendimento. No caso presente, porém, não me parece que isso acontecesse. A minha intenção não foi ferir com aquellas palavras os meus irmãos d'aquém ou d'além mar: quiz dizer então o que hoje digo mais claramente: «aos mercados do Brazil». Parece-me que o meu amigo C. Cantanhede ficará assim satisfeito, não só com a emenda, que prova a minha boa fé, mas tambem por lhe eu demonstrar que ainda me lembro d'elle.

(Seg. ed.)

Resolvi então voltar a Portugal, com a firme vontade de vir para Lisboa estudar, e decidido a morrer na luta, se tanto fosse preciso.

Pag. 46, lin. 6.

Como complemento á noticia que serve de introducção a este livro deve lêr-se o que diz do auctor o snr. Lopes de Mendonça nas suas *Memorias de Litteratura Contemporanea*, a pag. 309 e seg.

(Prim. ed.)

Veja-se tambem a *Revista Contemporanea*, tomo 5.º, pag. 455 e seg., bem como na *Gazeta de Portugal* n.º 492, de 13 de julho de 1864, a carta do auctor ao snr. Francisco Paz, secretario do Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro.

(Seg. ed.)

Saíu essa carta a paginas 389 dos Ephemeros.

Ilhas cobertas de flôres
Sobre mim boiando vem.

Pag. 96, lin. 3.

Pelo rio Amazonas, e por alguns dos ſeus tributarios, deſcem grandes maſſas de capim agigantado, a que no paiz dão o nome de *canarana*, as quaes formam verdadeiras e viſtoſas ilhas, que vão fluctuando até encontrar uma ponta de terra, um baixo, ou alguma grande arvore que as faça parar.

Acontece muitas vezes trazerem no meio cedros ſeccos, e outros madeiros enormes, caídos das margens do rio, e que formam, com ſeus groſſos troncos, o nucleo da ilha. Outras vezes vêem-ſe n'ellas arbuſtos com dois, tres, e mais metros de altura, arrancados pelas aguas, com as maſſas da *canarana* e os pedaços do terreno, e que vão navegando mui direitos, e em toda a pompa e eſplendor de ſua rica vegetação tropical, levando pendentes dos ramos ninhos de formoſos paſſarinhos, que lhes eſvoaçam em torno, alegres e indifferentes á mudança, ou talvez que até contentes com a viagem!

Confeſſo que nunca vi eſpectaculo tão original e tão gracioſo como eſſes comboios pittoreſcos das ilhas de *canarana*. A maſſa de ſeus ramos, cruzados em todas as direcções, é tão compacta que, ainda meſmo quando não leva arvores ſeccas enlaçadas, póde-ſe andar de pé ſobre ella; e muitas vezes as grandes canôas varam-lhe em cima, para dar deſcanſo aos remeiros ſem interromper a viagem, e ſem neceſſidade de governo.

Não ſão ſó as aveſinhas, que ali teem ſeus ninhos, os unicos habitantes: tambem lá ſe encontram jacarés, cobras

de varias qualidades e grandezas, garças, e outras aves aquaticas, que parecem achar prazer n'aquellas aventurofas peregrinações.

Algumas d'eftas ilhas fluctuantes percorrem centenares de leguas; e é vulgar, logo que fe chega proximo ás coftas do Pará, encontral-as ainda antes de fe aviftar a terra; porém ahi, já em muito diminutas proporções, porque as ondas do Oceano as teem desfeito ou dividido.

(Seg. ed.)

Effe, martyr de heroica efperança,
Abraçado da Italia á bandeira,
Não o percas jámais da lembrança;
Vive n'elle a tua luz derradeira.

Pag. 130, lin. 13.

A poefia *Garibaldi* foi publicada, muito incorrecta, no jornal o *Patriota,* em 1848. Não a tinha prefente quando fiz a primeira edição dos *Cantos,* e por iffo a peça que então juntei á minha collecção foi mais uma variante do que a copia da compofição original. Prefiro-a comtudo áquella por fer um pouco mais correcta, e não fe refentir tanto dos vinte e um annos que eu tinha quando a efcrevi. Advirta-fe porém que a primeira foi uma verdadeira prophecia que eu fiz dos fucceffos, que deram em refultado a organifação do novo reino da Italia. Os quatro verfos citados no principio d'efta nota moftram que eu tinha ainda o mefmo prefentimento dos futuros deftinos d'aquelle grande povo quando dei a prefente verfão. Oxalá que eu

foſſe tambem propheta em tudo mais que na meſma peça ſe diz ácerca da liberdade de Roma!

(Veja a nota ſeg.)

(Seg. ed.)

Acha-ſe inteiramente confirmado o vaticinio. Roma é hoje a capital da Italia!

Oh! mal haja quem deſeja,
Ante a humildade da egreja,
Preferir um reino a Deus!

Pag. 134, lin. 18.

Eſtes verſos, e os ſubſequentes, não devem tomar-ſe como offenſas feitas ao chefe da egreja. Não é eſte o logar para emittir a minha opinião ácerca do poder temporal do herdeiro de S. Pedro; mas peço aos que me julguem menos orthodoxo que ſe lembrem de que toda a poeſia *Garibaldi* foi eſcripta ha dez annos, quando a Europa eſtava em efferveſcencia, e todos os eſpiritos mais ou menos exaltados.

(Prim. ed.)

Amor e Dever.

Pag. 140, lin. 1.

Foram-me pedidas eſtas quadrinhas para uma comedia de um ſujeito, que ſe dizia meu amigo. Não as teria

perfilhado ſe me não houveſſem moſtrado um *album* em que as vi copiadas e aſſignadas pelo tal, que ſe deu por ſeu author.

A farça era innocentiſſima, e os verſos não valiam a pena de ſer reivindicados; mas o homem conſtou-lhe que eu os tinha viſto com o ſeu nome por baixo, e d'ahi em diante nunca mais me tirou o chapéo. Eu continuei a tirar-lhe o meu; mas, para o deixar ſem o pezo da obrigação em que me eſtava, tiro-lhe tambem agora os verſos.

(Seg. ed.)

Canta por ahi certo gallo de fama, que tambem ſe locupletou com algumas apáras de verſos meus, para atar os poleiros de uma das ſuas gaiolas litterarias. Hoje não tenho pachorra para o depennar; mas ſe eſte livro tiver 4.ª edição, não me eſcapa.

É claro que não me refiro ao ſujeito de quem já tratei a pag. 401 dos EPHEMEROS. Graças a Deus, não me teem faltado d'eſtes vulgariſadores!

Teus filhos! e preparam-te a mortalha!

Pag. 191, lin. 9.

Ha dezeſeis annos que eſcrevi eſtes verſos. Tinha lido na *Revolução de Setembro* uma poeſia do meu bom amigo Palmeirim á *Liberdade;* eu não conhecia ainda peſſoalmente o populariſſimo poeta, mas eſcrevi uns verſos com o meſmo titulo, dedicando-lh'os. Elle foi procurar-me, e fez-me ver que a minha compoſição carecia de ſer muito

emendada para poder publicar-ſe. Acceitei com muito reconhecimento os ſeus conſelhos e a sua amizade, porém, em vez de emendar os verſos, fiz outros que nunca lhe moſtrei.

Não ſei ſe os ſegundos me saíram melhores do que os primeiros; mas pareceram-me violentos, e guardei-os.

Eu tinha então a feliz idade de vinte e um annos, e era o mais temeroſo revolucionario que jámais ſe manifeſtou ao mundo em verſos deteſtaveis. O eſtado politico da Europa era n'eſſa occaſião dos mais azados para me conſervar a afinação.

Apeſar d'iſſo, proteſto ſolemnemente que nunca nenhum ſentimento d'odio, ou de vingança peſſoal, me moveu a penna contra quem quer que foſſe. Enthuſiaſmava-me pela liberdade, porque a tinha viſto naſcer quaſi ao meſmo tempo que eu, e conſiderava-a uma eſpecie de irmã mais nova. Era pois natural que pretendeſſe defendel-a; e ainda hoje o faria, apeſar de invalido, porque com a idade e com a doença não me teem esfriado os affectos. Mas com os meus enthuſiaſmos dava por paus e por pedras, querendo correr quando os mais andavam a paſſo, e querendo voar quando elles corriam. Aſſim meſmo tive baſtante bom ſenſo para não publicar muitos dos verſos que n'eſſe tempo eſcrevi, e que depois queimei.

Os que hoje ſe publicam ſão dos poucos que eſcaparam do auto de fé. Não saíram na primeira edição dos *Cantos* porque não eſtavam emendados, e parecia-me ainda cedo para os publicar. Hoje... quem é que me póde accuſar por alguma ſeveridade que n'elles encontre? Os partidos fundiram-ſe; já não ha gregos nem troyanos; mas, ainda que não fôra aſſim, que importancia podiam ter agora eſtes deſabafos d'um rapaz de vinte e um annos contra os que elle conſiderava então inimigos ſeus e da li-

berdade? *Pax* aos mortos e aos vivos, e tambem para os meus verfos!

Ao excellente amigo a quem os dediquei, peço que os acceite como recordação e teftemunho da immorredoira amizade que defde então lhe confagro.

(Seg. ed.)

Foi a egreja eftrebaria;
Manjadoiras os altares.

Pag. 200, lin. 9.

Em 1850 fui, pela primeira vez, a Santarem, em companhia do meu velho amigo Rebello da Silva. A noffa viagem foi uma peregrinação piedofa por entre as ruinas dos monumentos religiofos d'aquella notavel villa. Viemos contriftados, e repetindo como o grande poeta nas *Viagens na minha terra:* « Em Portugal não ha religião de nenhuma efpecie. Até a fua falfa fombra, que é a hypocrifia, defappareceu. Ficou o materialifmo eftupido, alvar, ignorante, devaffo, e desfaçado, a fazer gala de fua hedionda nudez cynica no meio das ruinas profanadas de tudo o que elevava o efpirito. »

No meio da horrivel devaftação que prefenceámos nada nos impreffionou tanto como ver o bello templo de S. Francifco convertido em quartel de foldados, e em cavallariças! As duas naves da egreja eftavam cheias de manjadoiras! Todas as fepulturas que havia mettidas nas paredes tinham fido arrombadas, e os offos dos que alli jazeram andavam efpalhados por todo o cruzeiro, debaixo dos pés dos cavallos e dos foldados!

*

Rebello da Silva e eu penſavamos, antes de entrar alli, que Garrett teria exaggerado no que ſobre tal aſſumpto eſcrevêra nas *Viagens;* mas, depois que vimos tão horroroſas profanações, achámos que elle não tinha dito baſtante.

Saímos compungidos, e envergonhados de que n'um paiz, que ſe diz civiliſado, ſe déſſem tão triſtes eſpectaculos de falta de reſpeito pelos mortos, e pela religião de Chriſto.

A geração que aſſim eſpalhava ao vento da impiedade as cinzas de ſeus paes, abuſou da liberdade para commetter eſtes attentados. A liberdade, da qual Jeſu Chriſto foi o verdadeiro e unico fundador, não é a impiedade. Quando os barbaros d'Alarico ſaquearam Roma, prohibiu-lhes o chefe que tocaſſem nos logares ſantos; aqui, ſoldados chriſtãos e liberaes, na ſua propria terra, que acabavam de libertar, procederam como os aſſyrios em Jeruſalem! E d'eſtes poderia com maior razão dizer o pſalmiſta: «Meu Deus, vieram os barbaros ás tuas herdades, polluiram o teu ſanto templo, pozeram Jeruſalem como um grannel de fructos.»

Fugimos de Santarem, como de lá tinha fugido por iguaes motivos o author das *Viagens na minha terra,* e viemos clamando como elle: «Eheu, eheu, Portugal!»

(Seg. ed.)

Verſos recitados no theatro de D. Maria II em as noites de 22 e 25 de maio de 1851.

Pag. 202, lin. 1.

Eſtes verſos, e muitos outros que com elles correm impreſſos em um folheto, foram recitados n'eſſas noites de memoravel enthuſiaſmo, em preſença do ſnr. duque de Saldanha, que tinha aſſumido a ditadura, e nomeado o primeiro miniſterio da regeneração. Foram improviſados todos no proprio momento em que o publico chamava por qualquer dos actores para cantar o hymno ou recitar poeſias.

Já lá vão perto de quinze annos: a regeneração, dizem-me que ſe fundiu, ou que mudou de nome; os que n'aquelle tempo eram figadaes inimigos dos regeneradores creio que tambem, pela maior parte, ſe regeneraram já: *Altro tempo, altro penſiero.*

Parece-me, pois, que não haverá motivos para que alguem ſe deſgoſte de ver agora os *reſtos do naufragio* das ovações de 1851. Não julgo eſtas meſquinhas compoſições capazes de acordar paixões, que ſe me afiguram adormecidas para ſempre; aliás não as publicava.

Eu não ſei ſe fui regenerador: ſei que ſympathiſava com as idéas de alguns dos homens notaveis que ſe collocaram n'eſſa occaſião á frente dos negocios publicos, e que fui injuriado por cauſa d'iſſo, e por cauſa d'eſtes meſmos verſos que agora publíco! Chamaram-me poeta aulico, e não ſei que mais coiſas feias!

Nunca me juſtifiquei. Mas agora direi ao leitor benevolo, que ſe me *enthuſiaſmei* no theatro foi *por conta dos actores*, e gratuitamente. Nem ſequer conhecia o ſnr.

duque de Saldanha, nem procurei nunca a honra de o conhecer pessoalmente, comquanto as relações de um homem tão illustre devam lisongear a todos os que tenham a fortuna de alcançal-as. O *meu fórte*, porém, nunca foi fazer-me cortezão de ministros.

As poesias que fiz n'essas duas noites saíram depois impressas em um livrinho, mas sem o nome do author. Tão palaciano fui que até supprimi o meu nome na publicação. Já é ser cortezão! Mas os que me arranjaram o epitheto bem sabiam que me calumniavam: tinham medo de que eu me fosse atravessar no seu caminho, impedindo-os de subir ás alturas em que hoje se acham a cavallo no orçamento!

(Seg. ed.)

Aos Campeões da Rosa branca.

Pag. 211, lin. 1.

Em dezembro de 1849 appareceu no *Periodico dos Pobres do Porto* uma poesia, assignada por uma senhora, á *rosa encarnada.* Em seguida vieram ao mesmo jornal dois poetas, cantando a *rosa branca,* e proclamando-a superior á outra. A dama da *rosa encarnada* voltou ao campo, declarando aos seus contrarios que depunha a lyra por não poder sustentar a luta. Os dois cantaram a victoria, mas a mim (que tinha então 22 annos) ferveu-me o sangue, e entendi que me não salvaria se não saísse a terreiro em defeza dos opprimidos!

Mandei, pois, para o *Periodico dos Pobres* a composição a que se refere esta nota, e as mais que se lhe seguem

até pag. 206. Ignorando ſe os nomes dos poetas portuenſes eram verdadeiros, ou ſe os encobria o pſeudonymo, aſſignei-me *Grão Magriço*.

Os cantores da *roſa branca* não goſtaram de que eu me metteſſe nas ſuas contendas, e reſponderam-me com azedume; repliquei-lhes tambem aſperamente, e a queſtão chegou ao ponto de eu tirar paſſaporte para ir ao Porto ſaldar as contas com elles. Devo ao meu fallecido amigo e meſtre Garrett o haver-me livrado d'eſta ridicula queſtão, com o tremendo ſermão que me prégou ao ſaber a minha reſolução.

Felizmente ainda não havia caminhos de ferro, nem ſe dava um paſſo n'eſte paiz ſem o auxilio d'um paſſaporte; aliás quem ſabe ſe veriamos renovadas em Portugal as guerras de York e Lancaſtre, que por iguaes motivos aſſolaram a Inglaterra!

Faço eſtas confiſſões como verdadeiros actos de penitencia, e declaro ſolemnemente que nunca procurei ſaber ſe a dama da *roſa encarnada* era um mytho, ou ſe realmente exiſtiu a ex.ma ſnr.a D. Anna de Sá. Para prova da minha ſinceridade declaro-me author dos verſos que provocaram, ainda que innocentemente, tamanhas iras. Entrei de boa fé na lucta, movido unicamente pelos ſentimentos de generoſidade que ha no coração de todos os rapazes, e ſem deſejos nem ſuſpeitas de adquirir inimigos.

Se alguem ſe julgou offendido, e me ficou querendo mal, aqui lhe peço que me perdôe, proteſtando todavia que a minha predilecção é ainda pela *roſa encarnada*.

Eu não fui o unico a tomar a ſua defeza. Depois de mim, alguns poetas de Lisboa publicaram nos jornaes do Porto poeſias contra a *roſa branca;* e, ſeguindo o meu exemplo, os partidarios da ſnr.a D. Anna de Sá eſcolhiam

os nomes, com que assignavam os seus versos, entre os doze de Inglaterra.

Aqui vão os versos em que a dama da minha rosa me concedia licença para entrar na liça, e que foram publicados no mesmo jornal:

(Seg. ed.)

«AO CAVALLEIRO DA ROSA ENCARNADA

Bemvindo sejas, guerreiro;
Apraz-me vossa chegada:
Trazeis luzida armadura,
E lyra bem afinada.
Por certo que a minha rosa
Não póde ser desfolhada.

Quando ía despenhar-se
Impellida do tufão,
E sepultar-se talvez
No seio da escuridão,
Vê luzir a tua lança,
Denodado campeão!

Parte, sim, ó cavalleiro;
Vae na liça pelejar;
És bravo, e é justa a palma
Que pretendes disputar;
Vae seguro da victoria
Que te não póde falhar.

Como devem ser airosas
Vossas lides, trovador,
Que tambem nos teus contrarios

Achas brio e pundonor!
Mas a rosa que te inflamma
Te fará ser vencedor.

Não me assustará o ver-te
N'uma luta desigual;
Vaes desafrontar a rosa
Que não póde ter rival;
E esta devida empreza
Não te póde ser fatal.

Parte, sim, ó cavalleiro,
Vae-te de loiros coroar;
Lá te aguardam já no campo
Dois cavalleiros a par.
Oh! não possam suas lanças
A tua lança quebrar!...

Guimarães, 20 de janeiro
de 1849.

D. Anna de Sá.

NOTAS

AO

LIVRO SEGUNDO

A João de Lemos.

Pag. 248, lin. 1.

A *Advertencia* do ſegundo volume do *Cancioneiro* de João de Lemos, fecha com eſtas palavras:

«No fim d'eſte volume vão uns verſos com que directamente, ha alguns annos, me honrou o meu amigo F. Gomes de Amorim, e a paraphraſe que ſe dignou fazer a outros meus.

A reſpoſta que dou aos primeiros, e o terem ſido paraphraſeados os ſegundos, ſão circumſtancias que exigiam iſto; mas, ſe quizerem lançar-m'o á conta de vaidade, lancem, que não me eſcandaliſo nada. Porque não hei de eſtimar as diſtincções de um bello talento, e a amizade d'um bello caracter?

Os que não entenderem eſtas coiſas, que paſſem adiante, não leiam nem um nem outro.»

É poſſivel que alguns criticos, d'eſſes que não perdoam

nem aos mais nobres ſentimentos, porque Deus lh'os negou a elles, me accuſem de immodeſto por ter poſto aqui eſſas linhas. Paciencia! João de Lemos é um dos primeiros poetas portuguezes, e um dos primeiros amigos que eu tive em Portugal. Apeſar de nos ſepararem differentes opiniões politicas, o affecto trouxe-nos ſempre de tal modo unidos os corações, que não creio que haja cauſa nenhuma, de homens ou de coiſas, que poſſa jámais deſligal-os. Uma das grandes neceſſidades d'eſte mundo é ſaber-ſe a gente reſpeitar a ſi e aos outros, e ſaber que o reſpeito não ſó não exclue, mas eſtreita ainda mais os laços da amizade. O meu poeta e eu temos a fortuna de ſaber iſto, e amâmo-nos como irmãos. Por iſſo não ſó me não arreceio da accuſação de vaidoſo, que me poſſa fazer a inveja, ao ler n'eſta nota as fraſes com que elle me honrou, mas levo a minha audacia até ao ponto de declarar que me vanglorio por havel-as inſpirado, bem como os verſos que ſe ſeguem em reſpoſta aos meus:

(Seg. ed.)

«A F. G. DE AMORIM

Que nobre modeſtia, amigo!
Mas fazes, nos verſos teus,
A inveja vir ter comigo,
E arrepender-me dos meus.
Porque me gabas o eſtro,
Se tu te moſtras tão deſtro,
Na lyra que tens na mão?
Porque fallas ſó de prantos,
Quando a voz ſai nos teus cantos
Tão cheia de inſpiração?

E vindo assim generoso
O teu nome ao meu juntar,
Receaste que orgulhoso
Não me deixasse c'roar?!
Orgulhoso?! Esse receio,
Não sei se diga... não creio,
Mas qual dos dois fôra mais?
Eu se engeitasse thesoiros,
Ou tu ceifando-me loiros
Só na tua mão triumphaes?

Orgulho, tenho-o, confesso,
Mas da c'roa que me dás,
Que a nobreza que eu professo,
D'essas, da gloria, é que as faz.
Nem nunca a boa nobreza
Creu que désse a natureza
Ao sangue mais que uma côr;
A diff'rença só a havia,
Se pela patria corria
Mais quente, com mais valor.

Esta sim, e esta é nobre,
Esta eleva os corações,
Pois, como tu, rica ou pobre,
Faz das virtudes brasões;
Por isso, d'ella aprendido
Tenho, ao menos, que é devido
O tributo ao teu brasão;
Sei, ao menos, respeital-o,
Sei, ao menos, invejal-o,
E honrar-me em ser teu irmão.

Oh! ſomos irmãos; e as almas
D'ambos, feitas para amar,
N'uma palma duas palmas
Podem á patria votar;
Podem, podem, que ſe agora
Já não é, como era outr'ora,
Em todos uma ſó fé,
Qual ſou, na tua és ſincero,
E queres, tambem qual quero,
Ver a patria erguida em pé.

Irmãos, pois; e n'eſſa crença
Com que eu ſou e és portuguez,
Inda que haja diff'rença,
Não ha toda a que tu vês.
Tu amas a liberdade?
E quem amal-a não ha-de?
E quando é que eu não a amei?
A diff'rença que encontraſte,
Vem d'onde tu a eſtudaſte,
E vem d'onde eu a eſtudei.

Tu foſte eſtudal-a ás vagas
Cuſpindo eſcumas ao céo,
Foſte da America ás plagas,
Á terra que hontem naſceu;
Viſte lá ſeus rios bravos,
E, ſem aprender de eſcravos,
Aprendeſte a livre ſer;
Do que vias ou não vias,
Tomaſte odio ás tyrannias,
Juraſte odio ao ſeu poder.

Eu foi cá, eu eſtudei-a
Na hiſtoria do meu paiz,
Par'ceu-me bella e amei-a,
Par'ceu-me grande e feliz;
Grande ſem ſer ſobranceira,
Modeſta mas verdadeira,
A mão firme, a voz leal,
Piedoſa, honrada, valente,
Ao rei e povo igualmente,
Dando o ſeu a cada qual.

Vi-a no Douro e Mondego,
Vi-a do Tejo abrir mar,
Vi-a em Coimbra e Lamego,
Vi-a o mundo rodear;
Vi-a andar lá onde andáras,
Nas floreſtas que paſſáras,
Levando por dentro a luz,
E n'eſſas vaſtas paragens
Fazer homens de ſelvagens,
Pondo-os em roda da Cruz.

E como lhe vira ao lado
Tanto o povo como o rei,
Cuidei que d'ambos ſoldado
Era ſoldado de lei;
D'aqui foi que ſempre unidos,
Sempre n'alma confundidos,
Lhes dei affectos iguaes,
E ſe em tempos glorioſos
Os amaria ditoſos,
Na deſgraça ainda mais.

Com efte amor e verdade
É que eu me criei por cá;
Amo efta liberdade,
Como tu effa de lá;
Ambos, pois, livres votâmos
Livre patria, fó não vamos
Bufcar o mefmo padrão.
Tu, nos vôos mais oufado,
Vais a um clima apartado,
Eu vou á propria nação.

Tu, porque vifte tão bella
A liberdade, como é,
Julgafte-a joven, e d'ella
Te namoras n'effa fé;
Eu não; tambem namorado,
Tambem d'ella enthufiafmado,
Julgo que ha muito nafceu;
E o que a ella mais me prende,
É ver que a idade a não rende
E que joven te par'ceu.

Do poder, tambem comtigo
Meus juizos são os teus,
Mas povo ou rei, meu amigo,
Em todos é fó de Deus.
No Seu poder é que eu creio.
O do povo d'Elle veiu,
Como o do rei d'Elle vem;
Sempre, fempre, é todo d'Elle,
E fe O vês tu fó n'aquelle
Eu vejo-O n'efte tambem.

Mas haja ou não monarchia,
Faz isso livres nações?
Pensas tu que a tyrannia
Vem só d'altas regiões?
Oh! Ás vezes de bem fundo
Tem-n'a visto erguer o mundo,
Quebrando os degraus que fez,
E depois, com seus mil braços,
Fazer um povo em pedaços,
Cuspil-o, calcal-o aos pés!

Não quero, nem tu, nenhuma,
Mas se entre ambas afinal
Tivesse de escolher uma,
A de cima é menor mal.
No alto o ar é mais puro,
Se o não respiro seguro,
Respiro-o com menos pó;
Escolho só entre damnos,
Mas em vez de cem tyrannos
Prefiro então ter um só.

Não, mas não, não veja a terra,
Que a ambos nos deu o ser,
De tyrannias em guerra
Ter cá ninguem que escolher;
Se nem tu nem eu sabemos
Ler no futuro, podemos
Pedil-o de paz a Deus,
E se ambos já nos amâmos,
Que inda irmãos *todos* sejamos
Debaixo dos mesmos ceus.

Então, então, ſe eu o vira,
Ajoelhado ante o Senhor,
Das que dás á minha lyra
Tirára a mais bella flor,
E do feito por memoria,
E por pagina de hiſtoria,
N'eſſa flor immortal
Déra o mais que dar podia,
Déra a gloria, e gravaria:
« A ti, ó meu Portugal! »

João de Lemos — Cancioneiro, tom. 2.º, pag. 180 e ſeg.

(Veja a ultima nota, a pag. 418.)

Um poeta, um rei, um Deus!...

Pag. 267, lin. 24.

Se eſtes verſos, e muitos outros que por meus peccados eſcrevi (e que por minha grande fraqueza não queimei) tiveſſem ſido feitos com aquella fé que *abala montanhas,* eu teria adquirido indiſputavel direito a que, mais cedo ou mais tarde, me hoſpedaſſem em Rilhafolles! Mas declaro, para deſcargo de conſciencia, tranquillidade do leitor ſenſivel, e *deſapontamento* dos criticos, que não tomo a reſponſabilidade d'eſtes, nem d'outros que taes diſparates que por infelicidade minha tenha feito. E não ſó os deſamparo, mas tenho ainda a crueldade de juntar do-

cumentos para ſe lhes inſtaurar o proceſſo, ſe alguem entender que iſſo vale a pena.

Foi inſpirada eſta compoſição por um ſentimento que não tem nada de cenſuravel... o ſentimento de ganhar dinheiro honeſtamente. É certo que ha por eſſe mundo abundancia de mulheres de marmore, e até de pedra lioz; mas eu não tinha que me queixar de nenhuns deſdens, quando eſcrevi eſta poeſia; ſão falſos deſpeitos de falſo namorado os que tranſparecem n'ella. E comtudo a *mulher de marmore* que me obrigou a eſcrevel-a não era de todo em todo um mytho, era... o editor d'um jornal! Todo o palavreado chocho, mettido n'eſſes verſos, eſtá denunciando o aborrecimento com que o pobre poeta ſatisfazia a obrigação de encher duas columnas compactas d'um jornal de quarto grande!

Podem perguntar-me porque depois os não queimei. E não ſe arriſcaria quem me atiraſſe a primeira pedra? Serei eu ſó o peccador? Não ſuccederá aos criticos o que Cicero dizia dos augures, que ſe não podiam encontrar dois ſem ſe rirem um para o outro?... Eu tenho, porém, uma razão melhor de não ter queimado eſtes e outros verſos. É que, ſe a gente fôr a deſtruir todas as coiſas que fez em rapaz, chega á idade madura ſem ter uma ſó recordação, uma ſó memoria dos tempos mais felizes da vida! Para os que, como eu, vivem muito do paſſado, tudo quanto o recorda, por mais futil e inſignificante que ſeja, tem ſempre um certo valor.

Repito, porém, que podem os criticos, ſe lhes aprouver, tomar eſta poeſia e eſpatifal-a a ſeu talante. Não ſuſtento nenhuma das abſurdas qualificações que n'ella tomei, e terei grande ſatisfação em as ver devorar por eſſes abutres litterarios. Mas aſſeguro-lhes que, ſe as não engolirem, os

verſos continuarão a ſaír como eſtão para as futuras edições, ſe porventura eſte livro as tiver.

(Seg. ed.)

A paginas 43 de *La Litteratura Portugueſa en il ſiglo* XIX, *eſtudio literario*, por D. Antonio Romero Ortiz, lê-ſe o ſeguinte: — «... hay todavía otros literatos portugueſes que le exceden (a Joſé Agoſtinho de Macedo) en preſuncion. Tenemos ſobre la meſa una poesía de Gomes de Amorim, la *Mujer de mármol*, que juſtifica con exceſo nueſtro aſerto.» —

Cita uma eſtrophe, errando alguns verſos, e diz depois n'uma *nota:* — «... És cierto que el autor deſaprueba en una nota los verſos que arriba copiamos, pero no por eſo deja de reproducirlos en la ſegunda edicion de ſus obras.» —

Que penſará o illuſtre critico, ſe por ventura tiver noticia de que, apezar do ſeu reparo, não retirei os verſos da terceira edição do meu livro? Provavelmente, que ſou um homem endurecido no erro, pertinaz na vaidade, inimigo figadal da modeſtia?! Paciencia. Nem por iſſo deixarei de confeſſar-me agradecido ao favor com que me trata, a paginas 381 do ſeu referido *Eſtudo*. E perſuado-me que S. Ex.ª teria ſido menos ſevero com *a minha immodeſtia*, ſe tiveſſe lido com mais attenção a minha nota ácerca da *Mulher de marmore*. Sei que ſou mediocre poeta, e o ultimo dos proſadores portuguezes; e por iſſo talvez ignorava que ſe póde taxar um homem de vaidoſo, no momento meſmo em que elle dá tão inſuſpeitos teſtemunhos da ſua modeſtia!...

---

*

«A RAYMUNDO DE BULHÃO PATO

Remettendo-lhe a poesia — «Dever»

Meu amigo: Pedes-me que te mande aquelles verſos que lemos na Ajuda para os publicares em um dos teus *folhetins*. Não ſabes que ſão elles flôres de amargo fruto, que não naſceram para ver a luz, e que mais lhes conviria ficarem ſempre ignorados do que expol-os ao riſo moſador de leitores que os não entendam? Quem podia entendel-os não exiſte já, ou não exiſtiu nunca ſenão na minha fantaſia. Para que é pois *inventar* uma hiſtoria que os explique? Eu ſei o muito que póde a tua bella e florída imaginação, os milagres de que é capaz o teu engenho; mas olha que pretender decifral-os ſerá tentar o impoſſivel! Queres interrogar a Sphinge? Seja. Como não ha aqui nenhuma Jocaſta para deſpoſar, ahi t'os mando com o que d'elles ſei:

Eu ſonhava. Parece-me que era em Cintra... Appareceu-me um roſto pallido, uns olhos que não eram bem pretos, mas que brilhavam como lumes vivos debaixo de palpebras aſſetinadas. Cabellos negros e longos caíam ſobre os hombros da viſão. Eu eſtava triſte, como me acontece ficar ſempre que vejo ſumir-ſe o ſol nas aguas do Oceano. Fitei longo tempo a viſta n'aquelle roſto e n'aquelles olhos, que dos meus ſe não deſpregavam tambem ſenão para volver de novo a ver ſe os eu deixava! O ſonho foi longo. Paſſava-me o tempo ſem eu ter conſciencia d'iſſo, porque o encanto era cada vez mais fórte. Os noſſos olhos, de tão prezos e confundidos que eſtavam em ſeus olhares, não podiam já ſeparar-ſe. A melancolia d'ella era cada vez mais terna, e eu ſentia em mim maior

trifteza. Sempre fonhando, murmurei uma palavra, palavra com que Deus regenerou a humanidade e que a lingua vulgar dos homens tornou banal, porém que a alma, por fer tambem divina, repete ás vezes reftituindo-lhe toda a melodia que tinha no ceu: Amor! — « Amor! fim, amor! » — clamou ella de modo que me ia defpertando com o efpanto de a ouvir fallar: — « Amor! — volveu a repetir — O amor é o fonho da minha alma... » — Calou-fe com receio de haver dito muito, e eu efcutava ainda, não me fatisfazendo com tão pouco.

A vibração das folhas, facudidas pelo vento da noite, efpalhava em torno de nós fons harmoniofos como devem fer os dos córos celeftes. O aftro das faudades, fufpenfo em meio do firmamento, parecia ter parado para efcutar o cantico myfteriofo de noffos corações. Os jafmins, as rofas, e as madrefilvas derramavam no ar tépido ondas de fragrancias, que pareciam confundir-fe com a effencia das noffas almas. As vagas do Oceano, em vez de baterem ao longe nas rochas com a furia ufual, arraftavam-fe manfamente fobre os areiaes com triftiffima e fonora monotonia. O ceu, a terra, e o mar efcutavam o que *ella* me dizia, fentindo o encanto das fuas palavras e a fafcinação da fua prefença.

Eu não fei quanto tempo lhe fallei, nem que palavras lhe diffe; mas vi que os feus olhos fe tinham humedecido, e fentia-os derramar fua dôce languidez dentro do meu coração. Os feus labios agitaram-fe de novo, e a dôce harmonia d'eftas palavras caíu nos meus ouvidos: — « Comtigo, no mar ou na terra, a vida ferá o paraizo; quero-te mais do que á exiftencia, mais do que á minha alma, tanto como a Deus, e, fe achas pouco, mais do que a Deus! Perde-me, fe queres; irei onde tu fôres, maldito ou abençoado; pouco importa o ceu ou o inferno, fendo comigo

o teu amor! Queres que me ajoelhe, que ore, que me humilhe diante do ſol ou das eſtrellas? que me roje, beijando a terra que tu piſas? que raſgue o meu corpo nos eſpinhos da ſerra, fazendo penitencia por te não ter adorado ha mais tempo? Queres que blasfeme? Tudo farei por ti! Tudo! tudo! tudo! Mas dize-me que me queres, que é meu o teu amor... uma palavra, uma ſó palavra, e ſerei tua eſcrava para ſempre! » —

Era o delirio da loucura ſublime que me viſitava em ſonhos! Eſtava eſcripto que eu não teria de acordar ſenão para ſentir o que nunca tinha imaginado: como ſe vive ſem amar depois de ter amado tanto!

Quando ella ceſſou de fallar, abriu-me os braços, e eu corri para me precipitar n'elles. Repentinamente uma voz implacavel, ſevera, terrivel como o deſtino, alteou um grito em meus ouvidos: — « Dever! » —

Acordei. Tinha eſcripto eſſes verſos, e contemplava, com o paſmo do ſelvagem que ſe vê pela primeira vez n'um eſpelho, o retrato da Olympia de Lord Byron.

Agora faze um romance d'eſte ſonho, viſto que tens talentos para tudo, e lança ao meio das turbas moſadoras os deſvarios da minha alma.

Teu do coração,

G. DE A. »

(Seg. ed.)

.... E quem ſabe
Se as muſas, que lhes déram o ſeu nome,

Pag. 308, lin. 17.

Foram os botannicos que déram á bananeira o nome de Muſa, medico de Auguſto; mas conveiu aqui ao auctor dizer o contrario. Se o leitor não ficar contente, dêmos o dito por não dito.

Viverás mais que os ricos;.......

Pag. 314, lin. 3.

Eu não acreditei n'unca em vaticinios, e muito menos quando elles ſão, como eſte, annunciados pela voz d'uma floreſta. Foi de certo para me liſongear que a ſelva, ao entregar-me a lyra, me fez tão audacioſa prophecia; porque ſó Deus ſabe o tempo que tem de viver cada individuo. A verdade é que aos dezoito annos penſa a gente que ſó depende de ſi o fazer-ſe immortal com meia duzia de verſos! Hoje, rio-me dos enthuſiaſmos d'eſſe tempo em que aſpirava á gloria, e vivo em proſa chata, aſpirando unicamente a que ninguem ſe lembre de mim... para me incommodar!

Paraphrase d'outra do snr. João de Lemos.

Pag. 340, lin. 2.

Por occasião da sentida morte de S. M. a Senhora D. Maria II, o partido realista, abaixando immediatamente as armas, veiu ajoelhar comnosco sobre a sepultura da augusta princeza. O jornal que representa aquelle partido cobriu-se de luto, como os nossos; e o seu artigo á morte da rainha foi um dos mais nobres, mais eloquentes, e mais sentidos que podia inspirar á penna d'um grande poeta o coração d'um generoso inimigo. O snr. João de Lemos, querido de quantos o conhecem, como poeta e como homem, publicou então uma poesia — *O Funeral e a Pomba* — que eu paraphraseei como se vê na pagina citada. Toda a gente conhece o original e a paraphrase, porque foram raros os jornaes que as não publicaram ambas; mas peço licença ao meu amigo e poeta para novamente transcrever aqui os seus bellos versos, em beneficio dos meus leitores:

«O FUNERAL E A POMBA

I

Que vai além nos arraiaes contrarios?
De espaço a espaço a artilharia trôa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas!

A sentinella, perpassando, mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso;
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce!

Que vai além nos arraiaes contrarios?
Saudoſo dobre de plangentes ſinos,
Caſado ao rufo de tambores roucos,
Ouve-ſe ao longe!

Lá vem... lá vem... um ſahimento! Os crepes
Rojam por terra! O ſilencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem!

Que dôr é eſſa nos arraiaes contrarios?
Com toda a tropa deſdobrada em alas
Que perda choram, eſmerando afflictos
Funebres pompas?!

Vão no cortejo os generaes, vai tudo,
Seus eſtandartes pelo chão ſe proſtram
Sob a paſſagem do ataude, e gemem
Muſicas triſtes!

Que perda choram os arraiaes contrarios?
Dir-ſe-ha que a morte lhe arrancou ſiniſtra
Da crença ao livro, n'um auguſto nome,
Symbolo charo!

É certo... é certo... que diſtincto agora,
Por entre o eſcuro dos calados vultos,
Aureo diadema deſpediu aos olhos
Rapido brilho!

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços ſobre humanos
Batalhais por voſſa fé,
Soldados, eia, de pé!
Reſpeitem-ſe aquellas magoas,
E do noſſo pranto as agoas
Lavem d'odio o coração;
Não ha odios d'eſte lado,
Nem ſe deshonra um ſoldado,
Quando abraça ſeu irmão.

Ponham-ſe treguas á guerra,
E ninguem manche eſta terra
Ao pé da funérea luz;
Soldados, olhae a Cruz!
Demos pranto a quem prantêa,
Demos dôr á dôr alheia,
Nos dois campos lucto igual!
Nenhum, nenhum ſe envilece,
Unidos na meſma prece,
Junto á loiſa ſepulchral.

Solemne melancholia,
Seja n'hora da agonia
Noſſo tributo cortez;
Que o tomem, que é portuguez!
Portuguez d'aquelles peitos,
Por tantos annos affeitos

Na lealdade a ſoffrer;
Portuguez, que vem das eras,
D'aquellas crenças ſinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que o tomem; e nós, ſoldados,
Ao vel-os tão conſternados,
Reſpeitemos-lhe a ſua fé;
Amigos, eia, de pé!
Era o ſeu chefe, e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proſcripção;
Comprehendemos, pois, ſeu grito,
Nós, ſoldados do Proſcripto,
Vinte annos gemendo em vão!

A cada um ſua crença e dôres,
Cada qual eſtreme as côres
Do pendão que traz por ſi;
Todo branco; é o noſſo aqui.
Mas, ſe d'elle voz ſagrada
Nos manda, por gloria herdada,
Ou morrer ou triumphar,
Tambem no alto do Calvario
Outro eſtandarte, um ſudario,
Manda os triſtes conſolar.

Porque é de arraial oppoſto,
Não córa o tributo o roſto,
A quem o toma ou quem dá;
Soldados, lucto de cá!
É tributo á monarchia,
Por dois campos n'um ſó dia,

ıda qual por ſua lei;
n faz honras á Rainha,
ıtro á Princeza, Sobrinha
aquelle que jurou Rei!

III

eil-a que alli vem ſem vida,
ıe inda era ha pouco viçoſa,
Como a flôr;
flôr do tufão pendida,
ʒora da Mãe, da Eſpoſa,
Reſta a dôr!

ɔs filhos não, não lhes baſta
ɔ mundo fallaz ventura
N'eſte mal!
al em que a terra madraſta
ío baſta á ſaudade pura
Filial.

viuvez que importa o fauſto,
ıando uma alma d'outra alma
Enviuvou?!
enviúvou n'um peito exhauſto,
ɔda a flôr d'eſſa êrma palma
Desfolhou.

E eil-a que alli vem ſem vida,
Que inda era ha pouco viçoſa,
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Eſpoſa,
Reſta a dôr!

Oremos todos por Ella!
Que na morte renaſceſſe
Para Deus!
Que Deus, n'aquella hora ao vêl-a,
Da dôr eſcada fizeſſe
Para os céus!

Oremos todos; nós temos
D'Innocentes Deſterrados
Uma Mãe;
Mãe e Pae, de quem ſeremos
N'eſta prece acompanhados
Lá tambem.

E eil-a que alli vai ſem vida,
Que inda era ha pouco viçoſa
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Eſpoſa,
Reſta a dôr!

IV

Silencio! Eis pára o ſahimento ao arco,
D'eſſe moſteiro que um Affonſo ergueu;
O vento agita, derredor dos coches,
Co'a chamma funebre, luctuoſo véu.

Que ponto incerto ſe deſenha no alto,
Como vagando na amplidão do ar!?
E baixa, e baixa, ſemelhando uma ave,
Que já das azas ſe ſentiu canſar.

Baixou mais perto; e, pairando, vê-ſe
Mimoſa pomba, que dos ceus voou;
Eil-a veloz ſe precipita agora,
E ſobre um carro funeral poiſou!

É ſobre o carro que levava a c'rôa!
De ſuſto iſenta, como poiſa aſſim?!
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no ſucceſſo reflectindo o povo,
Decifra aviſos, que lhe vem do céu...
E o ſahimento ſe ſumiu na Egreja,
D'eſſe moſteiro que um Affonſo ergueu!

O povo, ás vezes, allumiado na alma,
Dizem que as lettras do futuro vê;
Ou ſeja Deus que lhe confia o livro,
Ou ſeja o povo que por Deus ſó lê.

O povo é fóra, póde ſer que eſp'ranças
Manſo ao ouvido traduzindo ali;
Da pomba o caſo correrá mil boccas;
Crêem-ſe ditoſos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triſte
Mais triſte o orgão na oração gemeu;
E dos levitas lachrymoſo canto
Ecchoou na Egreja que um Affonſo ergueu!

V

De joelhos, ſoldados, na ultima prece!
Da loiſa na quéda cá ſinto o fragor!
E a myſtica pomba qual lembra ou eſquece
Dos campos oppoſtos...? — Rogar ao Senhor!

A pomba da Arca, no ramo colhido,
Co'as agoas deſcendo, fallava de paz;
Findava o caſtigo, e um povo eſcolhido
Á terra um Meſſias comſigo lhe traz.

Aquella hoje poiſa, por nova Sybilla,
No carro que leva dos Reis o ſignal;
Se a c'roa é do reino, na pomba tranquilla
Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppoſtos ſão livres nos varios
Oppoſtos juizos que podem fazer;
Que ha outros mais altos, fechados ſacrarios,
A que homens não podem as portas romper.

Confiemos, pedindo; efp'remos que a pomba,
De paz menfageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loifa que tomba
Trazer injuftiças, por mal de ninguem.

De joelhos, foldados, na ultima prece!
Da loifa na quéda cá finto o fragor!
De joelhos, que a pomba fó lembra ao que efquece
Neft'hora folemne — Rogar ao Senhor!»

João de Lemos — Cancioneiro, tom. 2.º, pag. 213 e feg.

(Prim. ed.)

INDICE

*

LIVRO SEGUNDO

[illegible]

PUBLICAÇÕES BRAZILEIRAS

ROBERTO SOUTHEY

Hiſtoria do Brazil, traduzida do inglez pelo dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Caſtro, e annotada pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 vol. em 4.º. . . 10$000

D. J. G. DE MAGALHÃES

Obras completas. 8 vol. em 4.º . . . . 7$200

Tomo 1.º Tragedias: Antonio Joſé, Olgiato, e Othelo.
» 2.º Poeſias avulſas.
» 3.º Suſpiros poeticos e ſaudades.
» 4.º Factos do eſpirito humano.
» 5.º A confederação dos tamoyos.
» 6.º Opuſculos hiſtoricos e litterarios.
» 7.º Urania.
» 8.º Canticos funebres.

JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Reſumo de hiſtoria litteraria. Edição de 1873. 2 volumes groſſos em 4.º . . . . 4$500

(Um volume comprehende unicamente a litteratura portugueza e brazileira.)

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

Obras poeticas, precedidas do juizo critico dos eſcriptores nacionaes e eſtrangeiros, e de uma noticia ſobre o auctor e ſuas obras, por J. Norberto de S. S. 4.ª ed., inteiramente refundida e augmentada. 3 vol. em 8.º . 2$000

DR. ANTONIO FERREIRA

Obras completas. 4.ª edição, annotada e precedida de um eſtudo ſobre a vida e obras do poeta, pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 vol. em 8.º . . 2$000

CASIMIRO J. M. DE ABREU

Obras completas, colligidas e annotadas, precedidas de um juizo critico dos eſcriptores nacionaes e eſtrangeiros e de uma noticia ſobre o auctor e ſeus eſcriptos, por J. Norberto de Souſa Silva. Nova edição, ornada com o ſeu retrato. 1 vol. $500

A. ESQUIROS

Hiſtoria dos martyres da liberdade. Traduzida por A. Gallo, e augmentada com epiſodios, tirados da hiſtoria do Brazil e da de Portugal. 2 vol. em 4.º . . 2$500

VICTOR DURUY

Compendio da hiſtoria univerſal. Traduzido pelo conego Franciſco Bernardino de Souſa. 3.ª edição, correcta e augmentada com um appendice de hiſtoria contemporanea, por ***. 1 volume em 4.º. . . . . . 1$000

LUIZ JOSÉ JUNQUEIRA FREIRE

Obras poeticas. 3.ª edição, correcta e acreſcentada com um juizo critico, por J. M. Pereira da Silva. 2 volumes em 8.º . . . . 1$250

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

Obras poeticas, colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos eſcriptores nacionaes e eſtrangeiros e d'uma noticia ſobre o auctor e ſuas obras, e acompanhadas de documentos hiſtoricos, por J. Norberto de Souſa. 2 vol. em 8.º . . . . 1$500

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO

Obras poeticas, colligidas e annotadas, precedidas do juizo critico dos eſcriptores nacionaes e eſtrangeiros e de uma noticia ſobre o auctor e ſuas obras. 1 volume em 8.º 600

